

Revista **Socialismo e Liberdade** n°20 | 2017

ANA CRISTINA CARVALHAES

CARLA SILVA

DANIEL AARÃO REIS

DANIELA MUSSI

JOSÉ SALLES

JULIANO MEDEIROS

LUIZ ARNALDO DIAS CAMPOS

MARCELO BADARÓ MATTOS

MARCIO FARIAS

MILTON TEMER

REJANE HOVELER

ROBERTO ROBAINA

ROSA MARIA MARQUES

VALERIO ARCARY

100
anos
da
REV
OLU
ÇÃO
RUSSA



DU 7 DE
1917
EDIÇÃO
ESPECIAL



ENCARTE ESPECIAL: 50 anos da morte do Che

EDITORIAL	3
Juliano Medeiros	
1917: A REVOLUÇÃO QUE ABALOU O MUNDO	4
Milton Temer	
OUTUBRO DE 17: VITÓRIA DA PAZ, DA POLÍTICA E DA DEMOCRACIA	16
José Salles	
SEM LENIN E AS TESES DE ABRIL TERIA O BOLCHEVISMO VENCIDO EM OUTUBRO?	22
Valerio Arcary	
A "MÁQUINA" DEVE SER CONTROLADA PELA VANGUARDA MILITANTE	28
Roberto Robaina	
OS SOVIETES, PEÇAS DECISIVAS DA REVOLUÇÃO	34
Marcelo Badaró Mattos	
ORIGINALÍSSIMO, O LEVANTE DE OUTUBRO FOI RUSSO E INTERNACIONAL	40
Ana Cristina Carvalhaes	
A REVOLUÇÃO RUSSA: LEGADO TEÓRICO E "EFEITO" CARAMBOLA PARA OS TEMAS MARGINAIS DO MARXISMO	46
Marcio Farias	
O INCÔMODO DE KOLLONTAI: A REVOLUÇÃO RUSSA E AS PROSTITUTAS	52
Daniela Mussi	
A ECONOMIA RUSSA NO MOMENTO DA REVOLUÇÃO	58
Rosa Maria Marques	
A ARTE DA REVOLUÇÃO	64
Luiz Arnaldo Dias Campos	
AS GUERRAS CIVIS NA RÚSSIA E O SOCIALISMO AUTORITÁRIO	70
Daniel Aarão Reis	
OS PRIMÓRDIOS DA INTERNACIONAL COMUNISTA	76
Rejane Hoeveler	
INFLUÊNCIAS DA REVOLUÇÃO RUSSA NO BRASIL	82
Carla Silva	



E D I T O R I A L

Quando comecei minha militância, li sobre um acontecimento que demonstra a imponderabilidade da Revolução de Outubro. Num encontro com jovens socialistas em Zurique em 1914, dois anos antes de se mudar para a metrópole suíça e três anos antes da tomada do poder pelos soviets na Rússia, Lenin teria vaticinado: "Vocês, jovens, são o futuro do socialismo. Eu não viverei para ver o triunfo da revolução. Por isso, preparem-se". Não sei se esse encontro realmente aconteceu, nem onde li esse relato. Mas ele me marcou profundamente. Ao longo de toda a vida, questionado sobre a impossibilidade da revolução, respondi contando essa anedota. Afinal, se nem Lenin tinha podido prever que lideraria, três anos depois, uma revolução vitoriosa em sua pátria natal, como afirmar com segurança que ela é impensável nos dias atuais?

Com essa introdução quero afirmar que a revolução engendra, a um só tempo, um alto nível de imprevisibilidade enquanto se caracteriza como fenômeno histórico recorrente. Ela se caracteriza por uma ruptura profunda com uma determinada realidade social, cultural, política e econômica. As duas maiores expressões do fenômeno são, sem dúvida, as revoluções francesa e russa.

A primeira derrubou o Antigo Regime e inaugurou o período de dominação burguesa como classe dominante. A segunda representou a primeira revolução socialista vitoriosa e abriu a era do confronto aberto entre burgueses e proletários. Portanto, estamos diante do centenário de um evento histórico absolutamente extraordinário: o momento em que as classes subalternas desataram a luta aberta por uma nova fase na História da Humanidade, livre das classes sociais, livre da exploração dos homens sobre os homens e dos homens sobre as mulheres, livre das iniquidades do capitalismo, sua miséria e sua injustiça.

A revolução de outubro/novembro de 1917 representa a entrada em cena dos trabalhadores e trabalhadoras como classe revolucionária. Como dizia nosso saudoso Plínio de Arruda Sampaio, a luta pelo socialismo está em sua terceira etapa. A primeira foi iniciada pelos socialistas utópicos, na qual o socialismo era pensado como um projeto ideal, sem a necessidade de uma ruptura

revolucionária. A segunda seria a etapa na qual o socialismo foi transformado em teoria da história. Ela é constituída pela produção teórica de Marx e Engels que, analisando a dinâmica de valorização do capital e a história dos combates dos trabalhadores, desenvolveu uma ciência da luta de classes: o materialismo histórico. A terceira etapa é representada pela tentativa de implementação do socialismo como modo de organização da produção e da vida social. Seu marco inicial é a Revolução Russa de 1917.

Ao dedicar esse número especial da revista SOCIALISMO e LIBERDADE ao centenário da primeira revolução socialista vitoriosa, queremos dar nossa humilde contribuição às reflexões sobre os dilemas e as possibilidades do projeto socialista no século XXI. Como nos mostra Marx, o processo de superação de um modo de produção por outro pode ser lento. A derrota da Revolução de Outubro e a restauração capitalista, sete décadas depois, não pode ser encarada como o fim da era da luta pelo socialismo. A Revolução Francesa, por exemplo, foi derrotada em menos tempo. Mas isso não evitou a vitória da burguesia, então uma classe revolucionária, no longo prazo. O Antigo Regime estava "grávido de contradições" e seria superado, cedo ou tarde. O capitalismo, em sua fase monopolista, cuja expressão máxima é a hegemonia do capital financeiro sobre o mundo da produção material, vive uma crise profunda. Essa crise recoloca a disjuntiva posta um século atrás por Rosa Luxemburgo: ou a Humanidade marcha para o socialismo, superando os impasses do sistema do capital, ou marcha para a barbárie.

É claro que a dimensão prática da luta pelo socialismo ganhou enorme predominância com as transformações promovidas pela dinâmica do capital nas sociedades contemporâneas. No entanto, ler, estudar, conhecer, compreender e "por que não?" nos inspirarmos nas experiências de luta dos povos do Brasil e do mundo segue sendo parte indispensável na construção de um mundo novo. Esse número especial da revista SOCIALISMO e LIBERDADE busca dar essa humilde contribuição.

Juliano Medeiros

Diretor-presidente da Fundação Lauro Campos



construindo um mundo novo

1917

a revolução que
abalou o mundo

Milton Temer

Revolução das Revoluções. É o título do livro de Jean Ellenstein, publicado pela Editions Sociales francesa, em 1967, celebrando o cinquentenário do Outubro épico.

E fazia todo sentido naquela conjuntura. Era o mínimo que se podia dizer da verdadeira façanha bolchevique porque, nunca antes, na História da Humanidade, os oprimidos mergulharam de forma tão profunda, e por tão longo período, na conquista da propriedade dos meios de produção, até então inteiramente controlados pelos opressores.

Nunca foram tão longe na transformação qualitativa das estruturas sociais vigentes, fazendo de um país em seus primeiros passos de industrialização a segunda potência econômica e militar do mundo, no meio século seguinte.

Uma revolução, enfim, que concretizou num só ano, e dessa vez com êxito, aquilo que, a França necessitou de quase um século. Em fevereiro de 17 (no calendário juliano), com a versão russa da queda da Bastilha, em 1789 – a derrocada e a substituição do czarismo por um regime democrático-burguês.

Era a Revolução Política.

Depois, em 25 de outubro, com a superação desse período burguês pela Comuna de Petrogrado e, depois de uma longa e destruidora guerra civil, veio a União de Repúblicas Socialistas Soviéticas, a URSS.

Era a Revolução Social, Proletária, versão russa da Comuna de Paris de 1871.

Historiadores liberais ou conservadores tentam minimizar esse epi-



FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO

sódio histórico, pintando-o como um golpe eventual, só possível por conta do desmantelamento do país devido às perdas na Primeira Guerra Mundial.

Sem dúvida, o desdobramento dos fracassos militares do czarismo tem peso qualitativo na conjuntura favorável à ruptura. Mas esse fato não dá a ninguém o direito de esquecer deliberadamente as rupturas provocadas bem antes, a partir da Revolução de 1905, quando o czar Nicolau II foi obrigado a substituir o conselho da corte por uma Duma, espaço político e de Poder Legislativo que nobres dissidentes e uma burguesia industrial, ainda efêmera, impuseram ao absolutismo até então por eles divinizado.

Não se pode esquecer, ainda, que

em 1905 nascia também, no contraponto das instituições das classes dominantes, a primeira versão dos conselhos de operários e camponeses, no qual um jovem de 26 anos, Leon Trotski, surgia no proscênio revolucionário, dirigindo o Soviete de Petrogrado, instrumento dirigente do proletariado no processo revolucionário.

Já se apresentava também, naquele levante, a figura que viria a se consolidar como o dirigente máximo da Revolução de 17, um certo Vladimir Ilich Ulyanov. Tratava-se de Lenin, que já havia publicado em 1902 o seu *Sto Dilash?* (*Que fazer?*) – obra em que descreve o partido revolucionário como sujeito orgânico indispensável para que crises revolucionárias não fossem



administradas e recuperadas pelas classes dominantes, como ocorreria em processos referenciais anteriores, especialmente nas revoluções francesas e na alemã. Partido sem o qual, afirmava ele, seria inimaginável que o proletariado saltasse da condição de “classe em si”, nos limites da atividade sindical, para a de “classe para si”, nos horizontes mais amplos que os contidos nas reivindicações salariais. Com isso, elevava o caráter da luta do âmbito estrito dos domínios burgueses para o confronto direto contra a burguesia na disputa do poder.

1905 foi, enfim, uma revolução porque os fatores objetivos que geraram a experiência preliminar não cessaram, nem sequer perderam intensidade, nos anos que se seguiram, a despeito da repressão

do regime contra os bolcheviques, jogados num isolamento que foi facilitado, em favor do absolutismo, por conta de um efêmero “milagre” industrial entre 1908 e 1910.

Pelo contrário. E, simbolicamente, vale até lembrar que uma primeira versão do cruzador *Aurora*, de 1917, foi mais célebre com o *Potemkin* de 1905.

Em 1914, aliás, o czarismo só havia se salvado, diante de um novo ascenso do movimento de massas, em razão da entrada da Rússia na Primeira Guerra Mundial e do falacioso sentimento de patriotismo que se impôs até nas hostes de mencheviques e socialistas-revolucionários. Todos os partidos socialistas, com exceções de alguns dirigentes, como Rosa Luxemburgo, estavam se alinhando com suas burguesias nacionais, não só na

Rússia como nos demais países envolvidos no confronto. Só um partido se manteve solidamente ancorado na concepção de que se tratava de uma guerra imperialista, na qual os revolucionários deveriam se concentrar em transformá-la em guerra civil interna: os bolcheviques, na Rússia.

A onda patriótica favorável ao absolutismo começa, no entanto, a se esvanecer em 1915, não só por conta da decepção gerada na condução incompetente das questões militares, mas principalmente pelo peso das perdas, jogado nos ombros das classes trabalhadoras, com os burgueses enriquecendo nos negócios gerados na economia de guerra, ao tempo em que as massas populares eram submetidas a intoleráveis racionamentos alimentares.

Em dezembro de 1916, a corte do czar é abalada com o assassinato, por um príncipe do seu entorno, do seu então principal conselheiro, o místico Rasputin, cujo poder se afirmava pela influência direta que exercia sobre a czarina.

Foi um episódio marcante da corrida que se iniciava entre nobres liberais, com vistas ao controle da substituição do czar por uma monarquia constitucional, nos moldes da inglesa. Essa expectativa foi mantida durante todo o ano seguinte por esses mesmos grupos, principalmente como protagonistas do governo estabelecido a partir da Revolução de Fevereiro.

ENTRE O TUDO E O NADA

1917. Este foi um ano pródigo em obstáculos e armadilhas para os bolcheviques, por razões que até hoje atravessam discussões das esquerdas em todo o planeta. Uma leitura mecanicista do marxismo dava a mencheviques e socialistas-revolucionários a base teórica para tentar impedir a radicalização do processo.

O argumento era que a Rússia ainda não havia desenvolvido suficientemente sua industrialização, de molde a contar com um proletariado de peso para o salto qualitativo contra o regime capitalista. Defendiam a revolução democrático-burguesa como etapa indispensável para que o proletariado ganhasse peso decisivo.

Fazia sentido a posição moderada, o que tornava sempre difícil o combate dos então isolados e numericamente débeis bolcheviques mais próximos de Lenin.

Para estes, a posição dos adversários no campo da esquerda

Pelo que ocorria não só nas cidades, mas principalmente no campo e nas próprias Forças Armadas, o governo provisório, ao qual mencheviques e socialistas-revolucionários davam apoio, não se sustentava e poderia ser caminho para uma restauração monárquica

espancava a realidade concreta, na qual se deveria espelhar uma análise objetiva.

Pelo que ocorria não só nas cidades, mas principalmente no campo e nas próprias Forças Armadas, onde motins se sucediam na constatação do regime em si, o governo provisório, ao qual mencheviques e socialistas-revolucionários davam apoio, não se sustentava e poderia ser caminho para uma restauração monárquica. O proletariado russo podia ser de menor peso proporcional, mas mostrava, juntamente com os camponeses, uma combatividade bem mais intensa do que seus parceiros naturais dos países mais ricos e avançados da Europa Ocidental.

Lenin se colocara como referência teórica já no primeiro semestre. Defendia sem meias palavras: ou bem o salto qualitativo da revolução democrático-burguesa se dava o mais rapidamente possível, ou bem a restauração monárquica, com novas pompas e circunstâncias, seria inevitável. Já contava então com o apoio de Trotski, que se apartara dos mencheviques por desacordo com a acomodação moderada do grupo em relação à participação russa na guerra.

Mas não se encerrava aí o espectro de quizílias contra Lenin. Entre os próprios bolcheviques, ele encontrava dificuldades para defender tal posição. Suas cartas enviadas para o *Pravda*, órgão oficial do Partido, ainda antes de deixar o exílio, não eram publicadas por Stalin e Kamenev, que controlavam a redação. Somente a primeira foi tornada pública. As demais só vieram a ser conhecidas com Lenin no poder.



Essa atitude restritiva é decisiva para definir o fim do exílio de Lenin e seu retorno a Petrogrado. Esse retorno se dá em abril, quando ele lança as teses hoje célebres, mas pelas quais teve que se bater com convicção. Teses que, por conta da competente campanha elucidativa, na sequência, transformaram os minguidos filiados bolcheviques num expressivo partido de massas insurretas. Os fatos da realidade objetiva foram comprovando a correção da análise de Lenin.

Mais atilado que seus companheiros, ele conseguia identificar uma contradição crescente nas entranhas da coalizão formada na Duma entre a burguesia e os partidos de esquerda que optaram por essa aliança. Contradição gerada principalmente pela leitura entre, de um lado, cadetes e outubristas, defendendo a monarquia constitucional, e de outro mencheviques e socialistas-revolucionários, agarrados na legalidade republicana. Tudo num clima pesado, resultante dos fracassos sucessivos nas ofensivas do Exército que se decompu- nha na guerra.

Embora não tivesse apreço especial pelo campesinato, Lenin não hesitava em encontrar as consignas que minariam a influência quase absoluta que sobre eles exercia o populismo dos socialistas-revolucionários, dando-lhes total apoio nas demandas de paz e terra e nas manifestações contra os latifundiários.

De julho a setembro, o processo entra em intensa aceleração. Sem ter a maioria nos soviets, Lenin contava com a maioria que cons-

**Em setembro,
a repressão
burguesa se
intensificava.
Lenin
mergulha na
clandestinidade,
a partir da
qual continua
a dirigir o
partido, não
sem ter que
vencer com
dificuldade
os embates
internos**

truía no apoio às lutas crescentes dos diversos segmentos. Crescia sua influência, principalmente, entre os militares amotinados nos anseios da paz, que nunca seria assinada pelo governo provisório, em conluio com as potências ocidentais.

Kerensky, até então membro do gabinete, chega ao poder na crista dessas contradições. Sua ascensão supostamente representaria uma guinada à esquerda na política da Duma, quando, contraditoriamente, convoca o general Kornilov, czarista convicto, para a chefia do Exército.

Erro crasso, que abre passo a um golpe restaurador. Por conta de uma suposta manobra de contenção dos alemães, Kornilov decide movimentar e concentrar tropas em Petrogrado. Na verdade não era dos alemães que pretendia proteger a cidade, pois tais invasores começavam a ser bem vistos pela direita pelo que representariam de obstáculo ao acirramento das manifestações populares. Tratava-se, sim, de derrubar o próprio governo Kerenski e reprimir os soviets.

Mas a resistência em Petrogrado se afirma e Kornilov termina deposto do comando e preso.

Isso não representou alívio para os bolcheviques. Em setembro, a repressão burguesa se intensificava contra as suas lideranças. Lenin mergulha na clandestinidade, a partir da qual continua a dirigir o partido, não sem ter que vencer com dificuldade os embates internos.

Em 10 de outubro envia carta ao Comitê Central, na qual vai ao extremo do confronto ideológico



FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO

contra correligionários que insistiam no defensivismo tático. Vence a parada e nomeia Trotski para conduzir o processo insurrecional.

Estava tão correto em sua ousadia, que nem o fato de Kamenev e Zinoviev, batidos na discussão interna, denunciarem o movimento ao tornarem pública a divergência tática, impediu que, no dia 25, as instituições do Estado em Petrogrado fossem tomadas quase sem resistência. Tão pacificamente que permitiu o surgimento da versão popular quanto a ter havido, então, menos feridos na tomada do poder do que durante a filmagem do *Oktober*, de Eisenstein, em 1927.

Em 2 de novembro, era Moscou que caía.

O que vem depois – guerra civil, NEP (*Novaya Ekonomiceskaya Po-*

litik - Nova Política Econômica), stalinismo – é matéria para espaço distinto deste artigo limitado ao Ano Vermelho. Artigo que não pode, no entanto, se encerrar sem deixar de registrar questões fundamentais, consequentes desse momento épico.

O PAPEL DO PARTIDO E DO INDIVÍDUO NA HISTÓRIA

Historiadores afirmam, com razão, ter sido fator decisivo na Revolução de Outubro o desempenho pessoal de Lenin na condução do partido. Sem ele, provavelmente haveria no máximo uma primeira edição da fracassada República do Weimar que, na Alemanha, colocou os social-democratas à testa de um governo num período em que foram assassinados Rosa Luxembur-

go e Karl Liebknecht. Para reforçar essa avaliação de Lenin, vem em reforço uma citação do próprio, que José Paulo Netto, em introdução a uma antologia de textos por ele produzidos, destaca:

“Já afirmamos que os operários sequer podiam ter consciência social-democrata. Esta só podia ser introduzida de fora. A história de todos os países comprova que a classe operária, valendo-se exclusivamente de suas próprias forças, só é capaz de elaborar uma consciência ‘trade-unionista’, ou seja, uma convicção de que é preciso reunir-se em sindicatos, lutar contra os patrões, cobrar do governo a promulgação de umas e outras leis necessárias aos operários etc. Já a doutrina do socialismo nasceu das teorias filosóficas, históricas e econômicas formuladas por

representantes instruídos das classes proprietárias, por intelectuais (Lenin, 2010: 89)

"(...) A social-democracia revolucionária sempre incluiu e continua a incluir na órbita de suas atividades a luta pelas reformas. Mas usa a agitação 'econômica' não só para exigir do governo todo tipo de medidas, como também (e em primeiro lugar) para exigir que ele deixe de ser um governo autocrático. Ademais, considera seu dever apresentar ao governo essa exigência não só no terreno da luta econômica, mas também no terreno de todas as manifestações da vida política e social. Numa palavra, como parte de um todo, que subordina a luta pelas reformas à luta pela liberdade e pelo socialismo (Lenin, 2010: 126-127).

(...) A consciência política de classe não pode ser levada ao operário senão do exterior, isto é, de fora da luta econômica, de fora da esfera das

relações entre operários e patrões (Lenin, 2010: 14)."

Tal reflexão é de 1915, numa avaliação do papel negativo que Lenin apontava na II Internacional social-democrata, por sua sujeição ideológica às burguesias nacionais empenhadas na Primeira Guerra Mundial.

Ou seja, uma confirmação premonitória do que foi seu papel decisivo na Revolução de Outubro, quando se comprovou que as condições objetivas não são suficientes para que um processo revolucionário se concretize. Para tanto, é fundamental que haja o agente revolucionário, com a capacidade subjetiva de aglutinar o potencial de ânsia transformadora das classes oprimidas contra os seus opressores. Nisso, Lenin foi exemplo, sobre o qual Hobsbawm, no seu *Era dos Extremos*, não faz por menos: "O fato extraordinário de Lenin foi transformar essa extraordinária onda anárquica em poder bolchevique".

SOCIALISMO NUM SÓ PAÍS

Se a guinada não se consolida nos diversos exemplos que se seguiram em 1918 – na Alemanha, na Hungria, na Áustria ou na Polônia – não será, no entanto, explicado pela desqualificação de líderes da estatura de Rosa ou Bella Kuhn, para citar apenas estes.

Ao contrário da Rússia, o campesinato desses países se afirmava no campo moderado ou até conservador da sociedade. Porque neles, para além de certa aristocracia operária já ter se formado, fortalecendo o regime capitalista ao invés de negá-lo, a realidade mostrava que não apenas fatores econômicos determinavam os caminhos na luta de classes. Tradições culturais e influências religiosas também disputavam o jogo que Gramsci viria a desenvolver teoricamente nos seus *Cadernos do Cárcere*, quando trata das relações Estado/sociedade civil.

FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO



Lenin e Sverdlov olhando para o monumento de Marx e Eng

Se Lenin, Trotski, Kamev, Zinoviev, Stalin, Dzersjinski, Bukharin, Lunacharski, Kolontai, Krupskaia e mais a plêiade de dirigentes de uma geração privilegiada entendiam que a Revolução de Outubro deveria ser apenas o motor de arranque da Revolução Mundial que deveria se seguir, o fato de esta última não ter se realizado colocou-lhes a questão concreta do “socialismo em um só país”.

Mas, qual seria a alternativa?

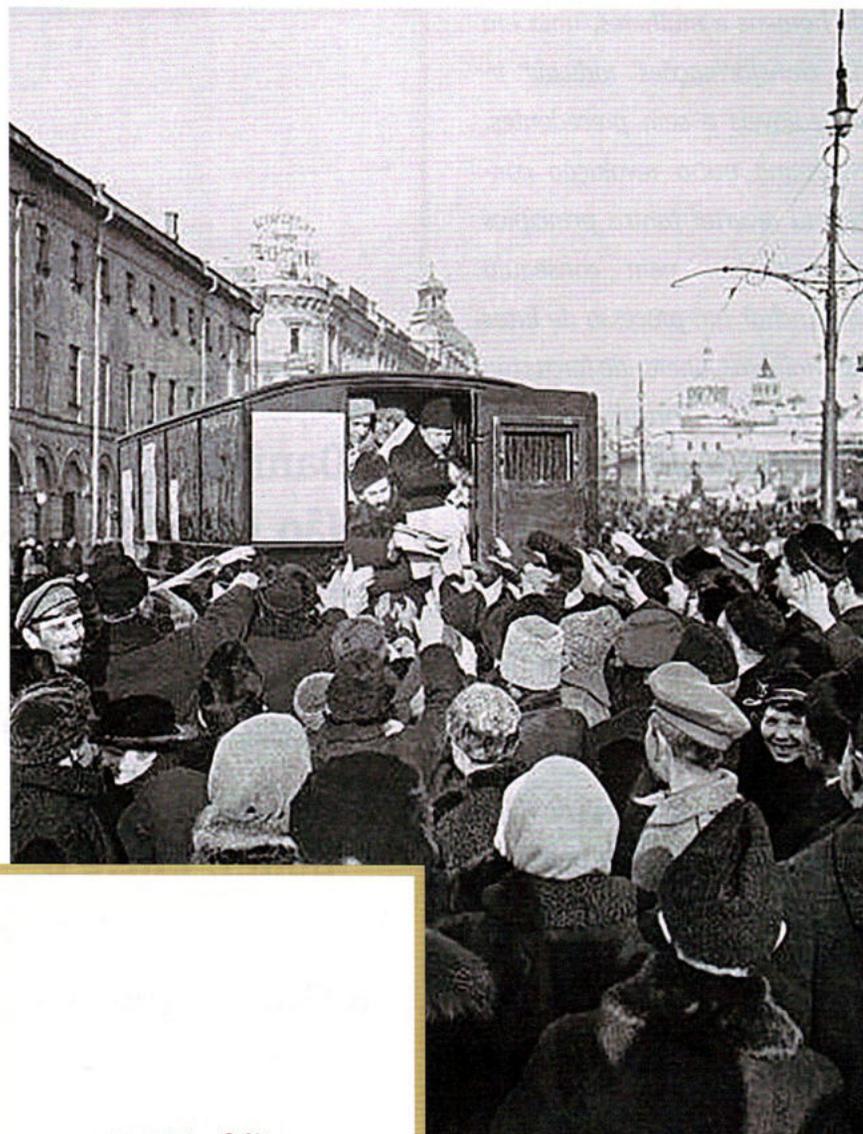
Devolver o poder e esperar que novas condições revolucionárias se apresentassem? Nem pensar.

A partir da paz de Brest-Litovski e com a guerra civil dramática que o Exército Vermelho teve que mover contra os russos monarquistas, apoiados com homens, equipamento e armas por Inglaterra, França e Estados Unidos, a única saída era o avanço, a despeito do que houvesse pela frente.

Na situação desesperadora que obrigou o retrocesso com a implementação da NEP, o que estava em jogo era a sobrevivência do projeto revolucionário russo. Perspectiva que Lenin e seus liderados já almejavam com a instalação da III Internacional, em 1919, antes mesmo da vitória sobre inimigos internos e os exércitos que atacaram o país para sufocar a revolução. A solidariedade nas campanhas de defesa externa da URSS passava a ser uma consigna para os comunistas onde estivessem.

A INFLUÊNCIA HISTÓRICA DA REVOLUÇÃO

A União Soviética se decompôs em 1991, com o golpe liderado por Boris Ieltsin e a restauração



A União Soviética se decompôs em 1991, com o golpe liderado por Boris Ieltsin e a restauração capitalista no conjunto de nações que compunham a URSS

capitalista no conjunto de nações que compunham a URSS.

Fim ou pausa na dinâmica gerada pela Revolução das Revoluções? Eu aposto na casa da pausa histórica.

Quando faz o balanço dos não poucos esforços posteriores, e em condições quase impossíveis de superar, que transformaram a Rússia atrasada na poderosa União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, decisiva na derrota do nazismo hitleriano na Segunda Guerra Mundial, Isaac Deutscher, trotskista de papel passado, em seu *Revolução Inacabada*, publicado também no clima da comemoração do meio século do regime, é incisivo:

“Outubro de 17 abriu, na história moderna, e para milhões

de homens e mulheres, uma era de transformações radicais irremediáveis e sem precedentes. Nenhuma outra revolução conseguiu reverter tantos princípios estabelecidos, nem conseguiu deslanchar um processo de lutas tão violentas, liberando forças tão consideráveis. Portanto, a Revolução Russa ainda não terminou. Ela segue seu curso, podendo ainda nos surpreender por suas viragens bruscas e imprevisíveis e proporcionar novas perspectivas.”

Por que tal citação?

Simples. Porque ela permite tratar de outra complexa dúvida.

Como tal experiência pode desabar de forma tão brusca? Como imaginar que uma figura bizarra, vulgar, como o energúmeno Ieltsin, tenha podido desmontar um aparato centralizado, e privatizá-lo, sem que uma sangrenta guerra civil deslanchasse?

A resposta pode ser encontrada em *As questões de Outubro*, de Daniel Bensaid, em ensaio publicado no blog da Boitempo Editora, quando vai às origens do que talvez tenha sido a falha genética do processo implantado após a gesta revolucionária:

“Se os fatores sociais e as circunstâncias históricas jogam um papel determinante no ascenso poderoso da burocracia stalinista, isto não significa que as ideias e as teorias não tenham nenhuma responsabilidade na sua existência. Particularmente, não há nenhuma dúvida de que a confusão sustentada, desde a tomada do poder, entre o Estado, o partido e a classe operária em nome do definhamento rápido do Estado e do desaparecimento das contra-

**Daniel Bensaid:
“Não há nenhuma
dúvida de que
a confusão
sustentada, desde
a tomada do
poder, entre o
Estado, o partido e
a classe operária,
em nome do
definhamento
rápido do
estado e do
desaparecimento
das contradições
no seio do
povo, favorece
consideravelmente
a estatização da
sociedade e não
a socialização das
funções estatais”**

dições no seio do povo, favorece consideravelmente a estatização da sociedade e não a socialização das funções estatais. O aprendizado da democracia é uma questão longa, difícil, que não caminha no mesmo ritmo que os decretos de reforma econômica. Ela toma tempo, energia. A solução fácil consiste, então, em subordinar os órgãos de poder popular, conselhos e soviets a um tutor esclarecido, o partido. Na prática, ela consiste também em substituir o princípio da eleição e do controle dos responsáveis pela sua nomeação, por iniciativa do partido, desde 1918, em alguns casos. Esta lógica desemboca, então, na supressão do pluralismo político e das liberdades de opinião necessárias à vida democrática, assim como a subordinação sistemática do direito à força (...) A engrenagem é tanto mais implacável quanto a burocracia não procede somente ou principalmente de uma manipulação das altas esferas. Ela responde também, às vezes, a uma espécie de demanda das bases, a uma necessidade de ordem e de tranquilidade dos cansaços da guerra e da guerra civil, das privações e do desgaste que as controvérsias democráticas, a agitação política, a demanda constante de responsabilidade provocam. Marc Ferro assinalou, em seus livros, de forma pertinente, esta terrível dialética.”

Bensaid vai na linha do que Rosa Luxemburgo, apoiadora radical dos bolcheviques, já renunciava no ponto de largada, como ressalva crítica que fazia a eles na questão democrática.

Mas tal falha genética não se-

ria uma prova a mais da superioridade histórica do regime que, mesmo com esses problemas, se revelou capaz de superar obstáculos dramáticos, verdadeiras tragédias, se comparado com as condições favoráveis que ocorriam simultaneamente nos Estados Unidos, a principal das potências capitalistas?

Porque é indiscutível que a URSS chegou ao seu cinquentário comprovando ser o socialismo um regime suficientemente poderoso para suportar não poucos obstáculos. Longo bloqueio econômico até meados dos anos 30, quando a URSS é enfim reconhecida pelo governo Franklin

**Hobsbawm:
"A Revolução
de Outubro
produziu, de
longe, o mais
formidável
movimento
revolucionário
organizado
na história
moderna.
Sua expansão
global não tem
paralelo
desde as
conquistas
do islã em
seu primeiro
século."**

Roosevelt. Destruição de metade do país, com a morte de 30 milhões entre civis e militares na Segunda Guerra Mundial, enquanto os Estados Unidos mantinham intocadas as suas fronteiras, perdendo não mais que 250 mil combatentes. E, a despeito disso, colocando satélites na estratosfera antes da grande potência capitalista do Ocidente.

Certamente isso é o que estava no cerne do pensamento de Hobsbawm no seu *Era dos Extremos* publicado em 1994, posterior, portanto, ao desmantelamento da URSS:

"A Revolução de Outubro produziu, de longe, o mais formidável movimento revolucionário organizado na história moderna. Sua expansão global não tem paralelo desde as conquistas do islã em seu primeiro século. Apenas 30 ou 40 anos após a chegada de Lenin à Estação Finlândia, em Petrogrado, um terço da humanidade se achava vivendo sob regimes diretamente derivados dos Dez dias que abalaram o mundo e do modelo organizacional de Lenin, o Partido Comunista"

Por mais frustrante que tenha sido o resultado final, Michael Dobbs – jornalista britânico conservador, que viveu entre Varsóvia e Moscou entre 1980 e 1991 – em seu *Queda do Império Soviético* nos informa, criticando como dado da desorganização final algo inimaginável se alguma potência capitalista viesse a sofrer o mesmo tipo de colapso.

Grande parte da crise financeira final da URSS se devia à imensa quantidade de recursos despendidos em empréstimos a fundo

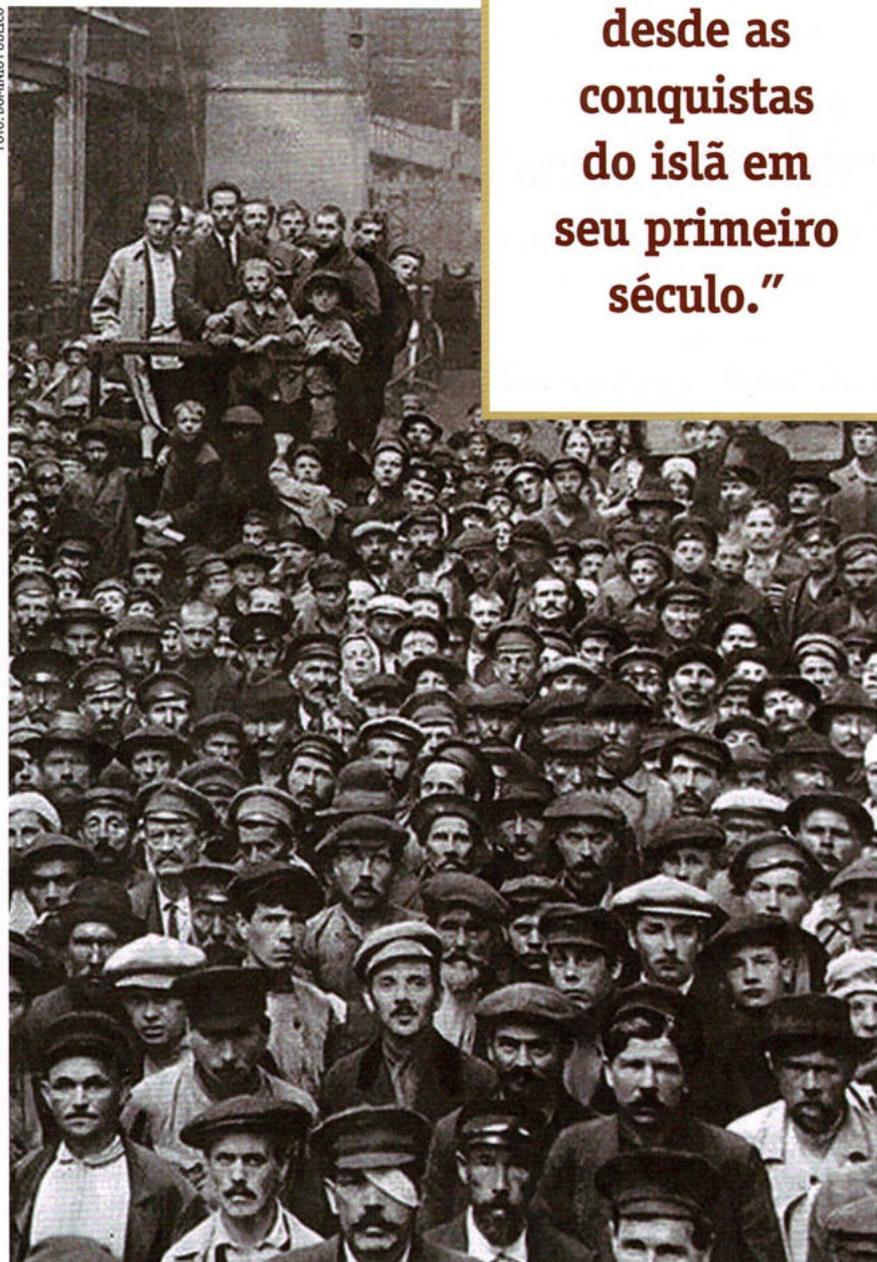


FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO

perdido feitos pela URSS a partir de sua integração com os movimentos independentistas, anti-colonialistas e antiimperialistas nas suas luta após a derrota do nazifascismo na Segunda Guerra Mundial.

Não é um dado desprezível. Comprova que, com todas as suas mazelas, o regime tinha um legado histórico no quadro da solidariedade internacional.

E, por que pausa de processo? Porque com a barbárie crescente que o regime capitalista implanta em toda a parte, a esperança do socialismo renasce no surgimento de fenômenos importantes como os liderados por Bernie Sanders, Jeremy Corbyn, Melenchon e Pablo Iglesias no Velho Continente.

Falando em socialismo e ganhando multidões para a luta contra o capital e a certeza de que

Falando em socialismo e ganhando multidões para a luta contra o capital e a certeza de que não há futuro para a humanidade se não houver a desconstrução do capitalismo e, a partir dos “tijolos do velho regime”, como afirmava Lenin, a sua superação, na direção de outro mundo

não há futuro para a humanidade se não houver a desconstrução do capitalismo e, a partir dos “tijolos do velho regime”, como afirmava Lenin, a sua superação, na direção de outro mundo.

Um mundo onde a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade joguem a ameaçadora barbárie predatória do capitalismo na lata do lixo da História. Ou seja, não no “elo fraco”, mas nos países do dito Primeiro Mundo, estará aí mais uma prova de que, adaptados às circunstâncias de cada tempo, a despeito de todos que pretendem enterrá-los, Marx e Engels se mantêm.

Imortais.

Luta que Segue!

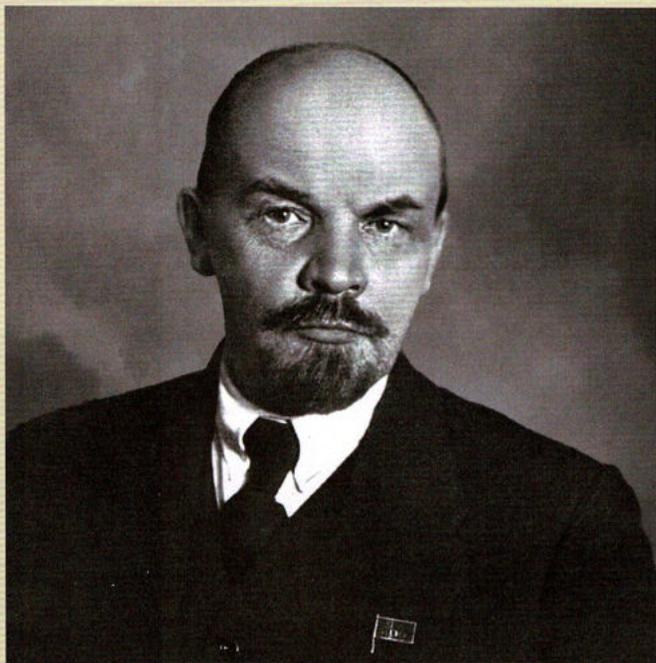


Milton Temer é jornalista e membro do Diretório

Nacional do PSOL.

FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO





Lenin

Vladimir Ilich Ulianov

1879-1924

O principal líder do Partido Bolchevique desde a sua criação, com a separação do antigo Partido Operário Social-Democrata Russo. Foi uma figura decisiva na mobilização do movimento socialista internacional contra a Primeira Guerra Mundial e para a aprovação, pelos bolcheviques, da linha política de ruptura com o governo de Kerensky e o desencadeamento da Revolução de Outubro. Depois da revolução ocupou o principal cargo no recém-formado governo. Morreu aos 54 anos, em janeiro de 1924, depois de ter sofrido, em março do ano anterior, um terceiro acidente vascular-cerebral.



Trotsky

Liev Davidovich Bronstein

1879-1940

Principal líder de massas da revolução e presidente do Soviete de Petrogrado. Aderiu

ao Partido Bolchevique em 1917. Organizou o Exército Vermelho na guerra civil. Marginalizado depois da morte de Lênin, foi expulso da URSS e assassinado no México, em 1940, a mando de Stalin.



Stalin

Joseph Vissarionovitch Djughashvili

1878-1953

Assumiu o controle do Partido Bolchevique após a morte de Lenin. Encabeçou o processo de industrialização da URSS e a liderou na II Guerra Mundial. Promoveu expurgos que atingiram a velha guarda bolchevique. Após a sua morte, o partido denunciou seus crimes.



Alexandra Kollontai

Alexandra Kollontai

1872-1952

Oriunda de família aristocrática, no fim do século 19 integrou-se ao movimento socialista.

Entre 1908 e 1917, vive exilada.

Foi a principal figura feminina da revolução e precursora na defesa de teses feministas. Foi embaixadora da URSS na Noruega, no México e na Suécia.



Kamenev

Lev Borisovich Kamenev

1883-1936

Membro do núcleo dirigente do Partido Bolchevique, em 1918, se tornou presidente do Soviete de Moscou. Foi um dos dirigentes condenados por sabotagem e executados nos processos de Moscou em 1936. Foi reabilitado pelo governo soviético em 1988.



Zinoviev

Grigori Evseievitch Zinoviev

1883-1936

Parceiro de Kamenev, teve trajetória semelhante à dele. Foi dirigente bolchevique por

décadas e presidiu a Internacional Comunista de 1919 a 1926. Foi também condenado e executado nos processos de Moscou, em 1936. Foi reabilitado pelo governo da URSS em 1988.



Bukharin

Nikolai Ivanovich Bukharin

1888-1938

Integrante do Partido Bolchevique desde 1906, Entre 1926 e 1929 foi presidente da Internacional Comunista. Entre 1924 e 1929 foi redator-chefe do Pravda. Preso em 1937, foi condenado por traição e fuzilado no ano seguinte, sendo reabilitado no governo Gorbachov em 1988.

OUTUBRO DE 17

Vitória da paz, da política e da democracia



Boris Kustodiev, *The Bolshevik*, 1920

José de Albuquerque Salles

Coube a mim, nesta troca de ideias, “o quadro da situação política, econômica e social da Rússia em 1917”, o que, como todos sabem, é mais complexo do que se pode fazer num simples artigo. Mais ainda agora, em que a abertura de fontes primárias, até recentemente “classificadas”, lançam novas luzes sobre estes eventos e seus protagonistas.

Por outro lado já existem formidáveis obras publicadas por historiadores consagrados, como Moshe Lewin, Marc Ferro, Tibor Szamuely e

Daniel Aarão Reis. Não tentarei repeti-las; além do talento, me falta a vontade, pois seria total carência de bom senso querer competir, em poucas páginas, com a riqueza de seus trabalhos.

Meus objetivos serão mais modestos. Contando com o bom coração dos editores, extrapolei um pouco o tema que me foi dado e, tentando oferecer algo com um mínimo de interesse, abordei a evolução do quadro e suas relações com a ação da vanguarda.

Os assuntos ligados a 17 me dizem muito, pois bem jovem morei

lá pela primeira vez, falando o idioma, andando por onde queria, conversando com as mais variadas pessoas, desde o povão até dirigentes do Partido Soviético e da KGB, com intelectuais filiados ou não ao partido e até com a famosa Kantemírovskaja Divízia, responsável pela defesa de Moscou e as invasões da Hungria em 1956 e da Tchecoslováquia em 1968.

Menciono que, na época, infelizmente, só percebi parte da história.

Queria começar saudando a própria realização do debate e de forma tão democrática. Só um partido

sério se propõe a analisar a gloriosa Revolução de Outubro com tal liberdade e critério.

"A Caesar, o que é de Caesar!". Com pleno direito, esta Revolução se insere, de igual para igual, entre as grandes sagas/experiências da Humanidade, tais como as lutas milenares dos cristãos, judeus e muçulmanos por suas culturas e crenças, a resistência dos milhões de indígenas das Américas ao extermínio, a Revolução Francesa, a luta do povo vietnamita e outras poucas com tal significado.

Em se tratando do quadro da época, que peculiaridades contribuíram para a ocorrência de acontecimento de tal magnitude e onde menos esperavam os mais credenciados teóricos da revolução mundial, inclusive os russos e os demais marxistas?

Em poucas palavras, frequentemente subestimamos a excepcionalidade do quadro formado e o ajuste fino de sua percepção pelos bolcheviques.

Foram fortes e mundiais as aragens da democracia e da revolução, nas décadas que antecederam 17. Debilitaram ou varreram da História impérios seculares, como o dos Habsburgos, o otomano, o russo, o chinês, o persa e o marroquino. Fortaleceram organizações social-democratas e revolucionárias. Resultaram, entre outros acontecimentos, em uma guerra mundial, após um século sem um conflito que envolvesse várias das principais potências, e contribuíram para a Revolução de Outubro, a República de Weimar, a revolução húngara de 1918 (Bella Kun) e nas Astúrias em 1934.

Como ensinaram Hilferding e,

principalmente, Lenin, os monopólios que já existiam, em medida menor, desde os primórdios do capitalismo, passaram a exercer uma função qualitativamente diferente de estruturação/dominação da reprodução do capital, do relacionamento entre as potências imperialistas e destas com o mundo colonial.

Cresceram impetuosamente a população urbana e o número de pessoas que passaram a viver de salários. Estes fatos foram assinalados, na virada do século XIX/XX, pelo então jovem político conservador Winston Churchill, que preveniu o parlamento britânico que, se o sistema político conservador-liberal de dois partidos ruísse, ele seria substituído por um sistema político baseado em classes sociais. (Hobsbawm, *The age of empire*, p.113).

Como comentou Hobsbawm referindo-se a estes anos: "Há períodos quando toda a maneira com que o homem apreende e estrutura o universo se transforma em um curto espaço de tempo". (Hobsbawm. Idem. p. 243).

Os desenvolvimentos revolucionários nas ciências naturais, com Plank, Einstein e outros, o desenvolvimento da geometria não euclidiana, a utilização de grandezas infinitesimais na matemática e o surgimento de novos campos do conhecimento abalaram a visão estável de mundo da burguesia florescente. "Tudo que era sólido, dissolvia-se no ar!" (*Manifesto Comunista*, Marx, 1848).

Talvez nada illustre tão bem a crise de identidade por que passou a sociedade burguesa, neste período, como a histó-

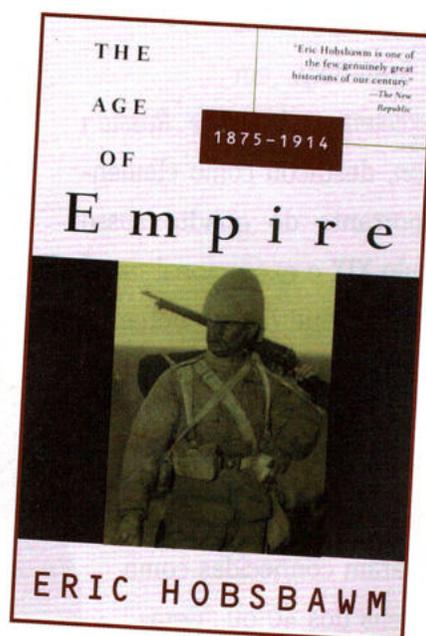
ria da arte de 1870 a 1914: tanto a criação artística como seu público perderam as referências.

Mas por que Outubro de 17 teria ocorrido justamente na Rússia?

Temos que começar pela constatação de que a milenar Rússia sempre foi pródiga em monumentais contrastes e era palco de poderosos fatores que a tornaram um dos "elos mais fracos" da cadeia imperialista. Desde a sua conquista pelos mongóis de Temugin e dos sábios Ogedei e Kublai, ao ressurgimento das antigas cidades, a Ivan Grozni (o Terrível), a Pedro Veliki (o Grande), até a muito longa, antidemocrática e contraditória dinastia dos Romanov. Ao lado do secular reacionarismo do regime, a bela Perspectiva Nevski, em Piter (como é chamada São Petersburgo/Leningrado, desde sempre, carinhosamente, por seus habitantes), antecedeu ao igualmente belo Champs Elysées.

Diversos historiadores consideram que a Rússia foi o país onde mais rapidamente se desenvolveu a economia nas últimas décadas do século XIX, em particular após o fim da servidão, em 1861, e da grande fome de 1891.

Nos últimos dez anos do século,



a extensão das ferrovias dobrou e nos últimos cinco dobrou a produção de carvão, ferro e aço. Entre 1860 e o início do século seguinte, a colheita líquida de grãos aumentou 160% e a exportação se multiplicou por cinco a seis vezes. Com isto, a Rússia, que tinha uma produtividade na agricultura que era metade da norte-americana e de pouco mais de um quinto da inglesa, e utilizava grandemente a força humana, em relação à tração animal, passou a ser dos maiores exportadores de grãos do mundo. Simultaneamente houve a elevação de impostos cobrados na agricultura e um deslocamento de recursos da agricultura para financiar o início da industrialização moderna nas cidades. Tudo isto exigiu um imenso sacrifício dos camponeses, aumentou sua exploração e, em muito, seu descontentamento.

Conforme a ótima contribuição de Lenina Pomeranz, o autor Tibor Szamuely, em sua excelente obra *The Russian Tradition*, destacou como elemento importante do quadro russo do século XIX o excepcional papel democrático que desempenharam a intelectualidade, filhos de funcionários, camadas médias, militares, clérigos e até alguns filhos de nobres. Suas sucessivas gerações ficaram conhecidas como os Homens dos 40 ou "Gera-

ção dos Pais", após o livro de Turgueniev, *Pais e Filhos*, os "Homens dos 60" ou "Geração dos Filhos", e assim por diante, dos 60, 70 e 80. Chernichevsky destaca, com grande repercussão, em sua novela *O que deve ser feito?* a temática do revolucionário modelo, do *homem novo*, tão valorizada, um século depois, na construção da sociedade socialista.

Esta *intelligentsia* desempenhou

Esta *intelligentsia* desempenhou um papel tão preponderante que contribuiu fortemente para que a atitude crítica em relação à autocracia se tornasse quase uma unanimidade nacional, excluída a direita. Todos os grandes autores, pintores e diretores teatrais, como Tolstoi, Dostoievski, Checov, Tchaikovski, Stanislavski, Kandinski e Malevitch se opuseram à autocracia

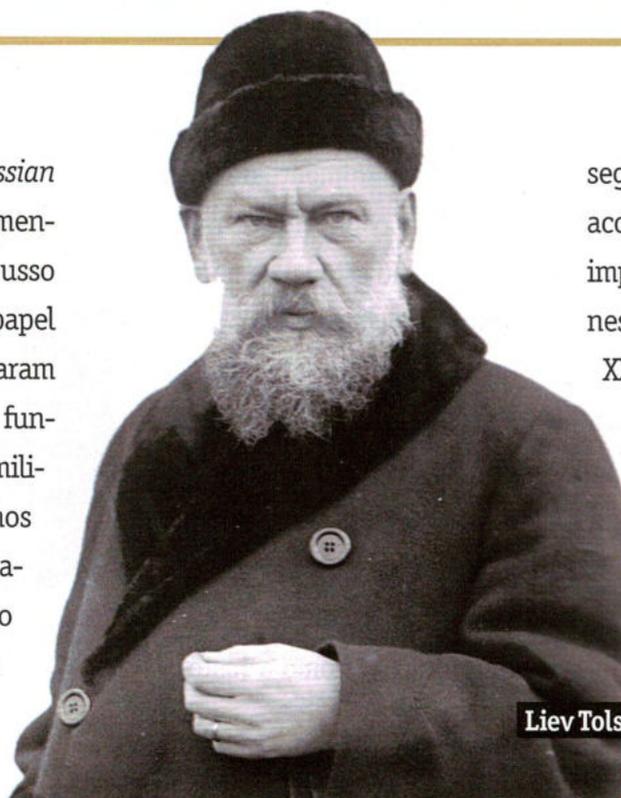
um papel tão preponderante que contribuiu fortemente para que a atitude crítica em relação à autocracia se tornasse quase uma unanimidade nacional, excluída a direita. Todos os grandes autores, pintores e diretores teatrais, como Tolstoi, Dostoievski, Checov, Tchaikovski, Stanislavski, Kandinski e Malevitch se opuseram à autocracia.

Pessoas que em outros países europeus seriam de centro-direita, na Rússia de então se posicionavam pela democracia.

Era crescente o interesse pelo marxismo. Em sua obra *The age of capital*, Hobsbawm (página 263) traz a informação sobre a leitura da edição russa do *Capital*. Enquanto a primeira edição alemã (1867), de mil exemplares, levou cinco anos para ser totalmente vendida, os primeiros mil exemplares da edição russa (1872) foram vendidos em menos de dois meses.

Além das grandes mudanças internacionais e russas da segunda metade do século XIX, acontecimentos de transcendental importância ocorreram na Rússia nesses primeiros anos do século XX, restringindo imensamente o apoio e a área de manobra da autocracia.

O primeiro foi a guerra russo-japonesa de 1904/5. Em vez da esperada vitória, o czar sofreu vergonhosas



Liev Tolstoi

derrotas terrestres e marítimas. O povo, que não apoiou a guerra, ficou revoltado com a inflação, o desabastecimento, a fome mesmo, dela decorrentes.

A revolução de 1905 também teve papel essencial.

Começando pelo fuzilamento de uma passeata pacífica em inícios de 1905, o movimento se desenvolveu em três intensas ondas de massas ao longo daquele ano.

Surgiram os comitês locais e por profissão, os sovietes, que rapidamente se multiplicaram.

O czar se viu obrigado a lançar um hábil manifesto onde falava pela primeira vez em uma assembleia representativa e na liberdade de palavra e de organização. O manifesto conseguiu dividir o movimento e quatro Dumas/assembleias se sucederam com limitadíssimos poderes.

De toda forma, a revolução de 1905 foi uma riquíssima experiência política e organizativa para os

trabalhadores russos.

Ainda foi realizado um arremedo de reforma agrária, numa tentativa de formar uma camada média rural, típica do capitalismo.

A participação da Rússia na Primeira Guerra foi, ao mesmo tempo, uma forma de enfrentar a falta de apoio interno à autocracia e uma reação eslava à ocupação pelos alemães dos Balcãs, com risco de prejuízo para o comércio exterior da Rússia, que escoava pelos estreitos de Bósforo e Dardanelos.

Com apoio popular inicial e algumas vitórias contra austríacos e italianos, a guerra, com suas sangrentas e humilhantes derrotas face aos alemães, trouxe imensos problemas para a sobrevivência da autocracia.

A inflação, o desabastecimento e a fome nas cidades, as perdas de milhões de soldados, que eram os camponeses fardados, a falta de alimentos e armas nas frentes da guerra, tornaram insustentável a

situação do czar.

E, neste processo, veio a ocorrer um caso exemplar de quando os de cima não conseguiam continuar dominando, como vinham fazendo, e os de baixo não mais aceitavam que assim continuasse. O czar se viu obrigado a renunciar e o príncipe Miguel achou mais prudente não aceitar a sucessão.

A Revolução de Fevereiro de 17, sem que nenhum partido a tivesse programado, foi sangrenta e a quarta Duma, meio a contragosto, assumiu o poder, sem, contudo, proclamar a república até setembro.

Foi concedida a anistia, declarado amplo direito à organização e à palavra e ... nada mais foi feito. Foi tudo adiado até a vitória na guerra. Com isto, o governo provisório selou seu curto e instável destino.

A história de 17 foi a da transformação da Rússia autocrática no país mais democrático da Europa, a da não solução dos crescentes

Prisioneiros de guerra russos feitos depois da Batalha de Tannenberg, em 1914



problemas do povo, a da crescente radicalização e exponencial organização das massas de operários, soldados e camponeses, a da crescente estruturação da hegemonia dos bolcheviques. E das sucessivas crises do regime e o ulterior aguçamento das contradições.

Os partidos procuraram contribuir para a organização do povo, mas a imensa vaga de soviets e de outras organizações de diversos tipos que se formaram não se subordinava a partidos políticos, nem a suas próprias federações ou organizações nacionais, não tendo sido tampouco o resultado de uma ação organizada por qualquer deles, como bem observa Daniel Aarão Reis.

O número crescente dos conflitos no campo, que constituíam em sua maioria ocupações de terras, dava a medida da revolução agrária realizada localmente pelos próprios camponeses: em março de 17, foram 49; em abril, 378; em maio, 678; em junho, 988; e entre 1º de setembro e 20 de outubro, foram 5.140 conflitos (conforme Daniel Aarão Reis, *As revoluções russas e o socialismo soviético*, 2003, Editora UNESP, pág.63).

Impulsionadas por estes fatores, amadureceram no quadro político de 17 as condições para uma nova crise revolucionária. No entanto, esta situação não evoluiu linear-

mente, e sim com avanços e recuos, com seguidas crises.

No desenvolvimento do quadro econômico, social e político de 17, a atuação dos bolcheviques teve decisiva influência.

A importância desta atividade foi ainda maior, pois se apoiou no essencial do método de Marx, a análise do novo que brotava a cada dia. Mais nesta análise do que na

Quando chegou à estação Finlândia, Lenin encontrou a direção local, em particular Kamenev e Stalin, em posição diferente da sua e considerando que a posição leninista de articular proximamente a revolução democrática com a socialista era só um sonho da emigração afastada da realidade russa

repetição de afirmações do fundador do marxismo em relação à possibilidade da revolução socialista em um só país, como a Rússia. Como a conjuntura não evoluiu linearmente, também as bandeiras dos bolcheviques não avançaram permanentemente, como se imagina, para posições cada vez mais radicais. Quando chegou à estação Finlândia, Lenin encontrou a direção local, em particular Kamenev e

Stalin, em posição diferente da sua e considerando que a posição leninista de articular proximamente a revolução democrática com a socialista era só um sonho da emigração afastada da realidade russa (já então começavam a emergir as divergências entre a posição de Lenin e a de Stalin, que posteriormente se desenvolveram com extraordinário vigor em torno da questão da

Constituição da URSS, do burocratismo e das nacionalidades, nos últimos anos da vida de Lenin (conforme LEWIN, Moshe, em *Lenin's last struggles*). Em julho, face à derrota da aventura militar de Kerenski, quando os trabalhadores e soldados das guarnições da região de Petersburgo (já haviam tirado o "São" do nome) se entusiasmaram pela tomada, já, do poder; os bolcheviques foram firmes em demonstrar que seria prematuro. Neste mesmo mês realizou-se o sexto congresso bolchevique, na clan-

destinidade, e Trotski e Kamenev foram presos. Neste congresso, não se retirou a bandeira de "todo o poder aos soviets", mas esta passou a ter um papel mais discreto.

Ao mesmo tempo como reflexo desse quadro em evolução e de uma brilhante flexibilização da tática bolchevique, três resoluções do Comitê Central, em 6, 12 e 13 de setembro, respectivamente, enfatizam orientações diferentes: "Sobre os

Compromissos”, “Os bolcheviques devem assumir o poder” e “Marxismo e Insurreição” (Daniel Aarão Reis. *Manifestos Vermelhos*. 2017, Companhia das Letras, pág. 44).

Para a evolução do quadro culminando com a vitória de Outubro, foi indispensável, já em setembro, ter sido compreendido que a insurreição armada seria a única forma adequada de luta para a vitória da revolução.

Importante assinalarmos, para posterior reflexão, que, na preparação concreta da insurreição, Zinoviev e Kamenev, que tinham se manifestado contra sua realização no Comitê Central, decidiram denunciá-la publicamente. E o tratamento dado pelo CC a este ato de indisciplina se limitou a uma crítica, não os afastando do partido, nem mesmo da direção.

Cabe ainda assinalar que, diferentemente do que se pensa e se diz comumente em relação ao quadro de 17, ambas as revoluções, embora não tenham sido resultado de eleições, nem de decisões de órgãos eleitos com estes poderes, foram amplamente democrá-

ticas. Não acrescenta muito chamar qualquer das duas de golpe de estado, e isto principalmente porque representaram os interesses mais profundos do povo, explicitados por múltiplas manifestações. E uma diferença que normalmente se esquece é que a Revolução de Fevereiro foi sangrenta e a de Outubro, praticamente não. Segundo Lenin, “mais leve que levantar uma pluma”. A tomada do Palácio de Inverno se deu no dia seguinte da ocupação, quase sem luta, dos principais órgãos do Estado, e com uma resistência escabreada e logo vencida.

Com esta capacidade de ajustar talentosamente sua política à evolução não linear do quadro, os bolcheviques passaram, de minoritários nos principais sovietes e congressos de operários, soldados e camponeses, a ser a força hegemônica neles e a estruturar uma aliança com os movimentos nacionalistas não russos. Passaram, em pouco tempo, de um pe-

queno partido de poucos milhares de membros a um partido de massas com centenas de milhares de militantes.

O programa multilateral que representava os interesses de uma ampla frente de classes e camadas foi indispensável para o apoio quase unânime à Revolução logo no dia seguinte à insurreição, no 2º Congresso dos Sovietes de Operários e Soldados, e para sua boa relação com os movimentos nacionalistas. Esta competente iniciativa realçou o caráter radicalmente democrático de Outubro de 1917.



José de Albuquerque Salles foi coordenador da Comissão Executiva do Comitê Central do PCB.



FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO



Sem Lenin e as Teses de Abril teria o bolchevismo vencido em Outubro?

“A história esclarece duas grandes ‘crises internas’ do bolchevismo no ano da revolução. Na primeira, Lenin, que acabara de voltar da Suíça, apresenta suas Teses de Abril e rearma politicamente o seu partido para a guerra contra o regime de fevereiro; na segunda, no penúltimo estágio da revolução, os defensores e adversários da insurreição se enfrentam mutuamente no Comitê Central bolchevique (...) Em ambas as crises, somos levados a sentir que é dos poucos membros do Comitê Central de que a sorte da revolução depende: seus votos decidem se as energias das massas devem ser dissipadas e derrotadas, ou dirigidas para a vitória. O problema das massas e líderes é apresentado com toda a sua agudeza e quase que imediatamente as luzes focalizam de forma ainda mais limitada e intensiva, um único líder, Lenin. Tanto em abril como em outubro Lenin fica quase que sozinho, incompreendido e renegado pelos seus discípulos. Membros do Comitê Central quase queimam a carta na qual ele insiste em que se preparem para a insurreição, e Lenin resolve ‘travar a guerra’ contra eles e, se necessário for, recorrer às fileiras, desobedecendo a disciplina partidária. ‘Lenin não confiava no Comitê Central – sem Lenin’, comenta Trotski, e ‘Lenin não estava muito errado nessa desconfiança’ (...) Trotski enfrenta aqui o problema clássico da personalidade na História e, talvez, tenha menos êxito.¹ (grifos nossos)”

Isaac Deutscher

¹ DEUTSCHER, Isaac, *Trotski, O Profeta Banido*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984, p.250)

Valério Arcary

A pergunta no título deste artigo é retórica. Não é possível respondê-la. Contrafactuais são exercícios legítimos, porém, hipotéticos, que só podem ter o mérito de sugerir um problema. Neste caso, o problema não é simples: e se Lenin não tivesse atravessado a Alemanha no trem blindado, não tivesse ganho o Partido Bolchevique para as *Teses de Abril* e, depois, para a iminência da insurreição, Outubro teria ocorrido?¹ A resposta não é simples, e nunca poderá ser irrefutável.

A questão é perturbadora porque, nos primeiros meses depois

¹ Publicadas no jornal *Pravda (A Verdade)* no dia 7 de abril de 1917, as *Teses de Abril* eram sucintas e impactantes, inclusive, inicialmente, para a própria direção do partido bolchevique. Eis as conclusões fundamentais: Nenhum apoio ao governo provisório! Paz, Pão, Terra! Todo Poder aos Soviets!



de fevereiro, a direção bolchevique, no interior da Rússia, cedendo às pressões de sua própria base social, embriagada, como o conjunto da classe, pela vitória fulminante de fevereiro, defendia uma linha de apoio crítico ao governo provisório. Especulava-se na direção do bolchevismo até com uma unificação com o menchevismo, já que o horizonte de uma república democrática ainda parecia um limite programático comum.²

2 Três concepções programáticas estiveram em disputa entre os marxistas russos antes de 1917. Os mencheviques acreditavam que existiria coincidência social entre as tarefas da revolução e as classes. Como as tarefas da revolução eram democráticas, defendiam a luta por uma revolução burguesa e por uma república liberal, sob uma direção burguesa. Pensavam que a Rússia deveria passar por uma etapa de urbanização e industrialização, antes que estivesse madura a luta pela revolução socialista. A posição de Trotski era oposta: acreditava que a burguesia russa seria impotente diante do czarismo. Reconhecia as tarefas democráticas da revolução, mas defendia um processo ininterrupto, em permanência, para levar a luta até

Não foram poucas as dificuldades de Lenin para conseguir a aprovação das Teses de Abril, um giro estratégico. Também foi muito complexo conseguir aprovar, por maioria, a linha de preparação da insurreição

Não foram poucas as dificuldades de Lenin para conseguir a aprovação das *Teses de Abril*, um giro estratégico. Também foi muito complexo conseguir aprovar, por maioria, a linha de preparação da insurreição. Por isso o papel de Lenin, só pode ser compreendido, apropriadamente, na condição de líder dos milhares de líderes, que compunham a organização bolchevique. Ou, em outras palavras, pelo lugar que ocupava na direção do sujeito político coletivo. Sua autoridade teria sido, de fato, insubstituível, como sugere Trotski? Trotski se coloca a questão e responde que não. A sugestão de Deutscher é que Trotski, talvez porque só, tardiamente, tenha

o fim pelo poder proletário. A posição de Lenin era intermediária: revolução burguesa por uma ditadura democrática dos operários e dos camponeses. As *Teses de Abril* aproximaram Lenin da concepção de Trotski.

defendido a união da organização interdistritos com o Partido Bolchevique, tenha se inclinado por uma hipervalorização do lugar individual de Lenin no desenlace vitorioso de Outubro³.

Por outro lado, é bem conhecido que o giro tardio de Trotski para a unificação com Lenin, fez dele, até ao final de sua vida, um defensor entusiasmado do bolchevismo como modelo de partido. Deixou como herança uma posição "superleninista". Acontece que uma supervalorização da autoridade de Lenin, necessariamente, diminui a ideia da eficácia do papel do partido como organização coletiva, portanto, uma contradição lógica. O que não impediu Trotski,

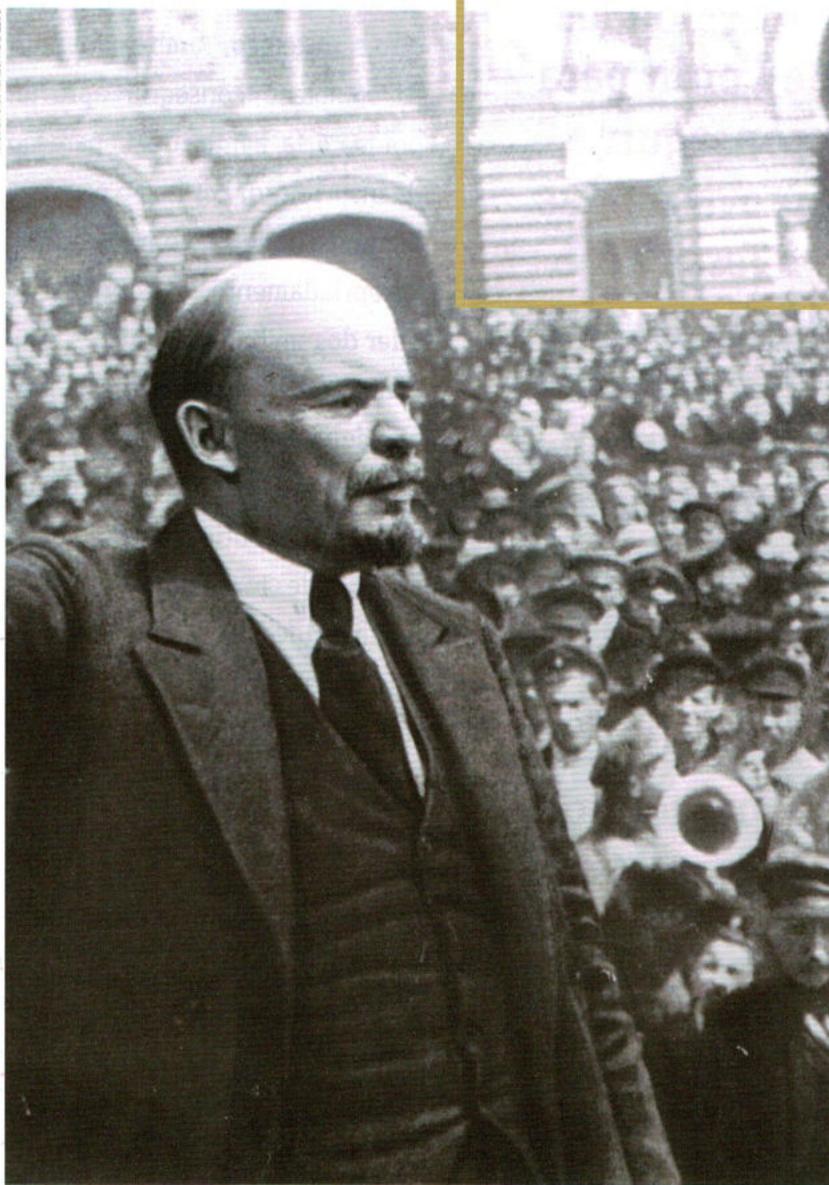
3 FREIRE, André. *A entrada de Leon Trotski no Partido Bolchevique*: <http://esquerdaonline.com.br/2017/07/17/100-anos-da-revolucao-russa-a-entrada-de-leon-Trotski-no-partido-bolchevique/> Consulta em 16/08/2017.

Alguém pode afirmar com segurança que sem ele [Lenin] o partido teria encontrado o seu caminho? Nós não ousaríamos dizê-lo. O fator decisivo nesses casos é o tempo, e quando a hora passou é muito difícil ter uma visão retrospectiva do relógio da história

surpreendentemente, de escrever variadas vezes nos seguintes termos:

"A ditadura do proletariado se deduzida a partir de toda a situação. Além disso, era necessário instaurá-la, e isso não teria sido possível sem o partido. E ele só poderia cumprir sua missão se a compreendesse. Para isso era necessário Lenin. Antes de sua chegada a Petrogrado, nenhum dos líderes bolcheviques se atreveu a fazer o diagnóstico da revolução. Pelo curso dos acontecimentos a direção Kamenev-Stalin foi empurrada para a direita, para a posição dos social-patriotas: a revolução não deixou espaço para uma posição intermediária entre Lenin e os mencheviques. A luta intestina dentro do Partido Bolchevique era inevitável. A chegada de Lenin só acelerou o processo. Sua ascendência pessoal reduziu as proporções da crise. No entanto, alguém pode afirmar com segurança que sem ele o partido teria encontrado o seu caminho? Nós não ousaríamos dizê-lo. O fator decisivo nesses casos é o tempo, e quando a hora passou é muito difícil ter uma visão retrospectiva do relógio da história. De qualquer forma, o materialismo dialético não tem nada em comum com o fatalismo. Sem Lenin, a crise que inevitavelmente tinha que causar esta liderança oportunista tinha tomado um caráter excepcionalmente acentuado e prolongado. Claro, as condições da guerra e da revolução não deixavam para o partido muita margem de tempo para cumprir sua missão. Portanto, poderia muito bem acontecer que o partido, de-

FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO





sorientado e dividido, perdesse por muitos anos a ocasião revolucionária. O papel da personalidade alcança aqui, diante de nós, proporções verdadeiramente gigantescas.⁴”

O papel do indivíduo na História é um tema particularmente espinhoso para os marxistas. Por muitas razões. A mais importante é que uma das monstruosidades ideológicas do século XX foi o culto abjeto à personalidade dos líderes. Em nome do marxismo se praticou uma liturgia sinistra da política monolítica, um método de exercício do poder próprio de déspotas asiáticos, elevado a política de Estado pelo stalinismo, e feita em nome do socialismo. Depois dessa tragédia haveria que guardar mil reservas contra estes excessos. Inclusive no Brasil, como se sabe,

O argumento polêmico mais forte de Trotski é que a oportunidade poderia ter sido perdida porque os prazos seriam irreversíveis e, sem Lenin, a crise política do bolchevismo, em sua opinião inexorável, teria se prolongado muito mais e exaurido o partido

primeiro com o varguismo e, mais recentemente, com o lulismo

O argumento polêmico mais forte de Trotski é que a oportunidade poderia ter sido perdida porque os prazos seriam irreversíveis e, sem Lenin, a crise política do bolchevismo, em sua opinião inexorável, teria se prolongado muito mais e exaurido o partido em uma luta fracional da qual não poderia sair intacto.

Deutscher argumenta contra Trotski que a personalidade “excepcional”, elevada a uma grande autoridade pela sua capacidade ou pelas circunstâncias, bloqueia o caminho para que outros, que poderiam ocupar o seu lugar, pudessem cumprir a mesma tarefa, ainda que imprimissem aos acontecimentos as marcas próprias do seu estilo. É o “eclipse” dos outros que criaria a “ilusão de ótica” da personalidade insubstituível.

4 TROTSKI, Leon, *Historia de la Revolución Rusa*, Bogotá, Pluma, Tomo I, p.300

Deutscher acrescenta que mesmo que a crise revolucionária aberta entre Fevereiro e Outubro se perdesse, outras voltariam a se abrir:

“Trotski afirma que somente o gênio de Lenin podia enfrentar as tarefas da Revolução Russa e insinua frequentemente que, em outros países, também, a revolução deve ter um partido como o bolchevique e um líder como Lenin para vencer. Não há nada de novo em falar-se da extraordinária capacidade de Lenin ou da boa sorte que teve o bolchevismo encontrando um líder como ele. Mas, em nossa época, as revoluções chinesa e iugoslava não triunfaram sob partidos muito diferentes do bolchevique de 1917, e sob líderes de menor estatura, em certos casos de muito menor estatura.” “Em cada caso, a tendência revolucionária encontrou ou criou seu órgão com o material humano de que dispunha. E se parece improvável supormos que a Revolução de Outubro teria ocorrido sem Lenin, tal suposição não será tão pouco plausível quanto a inversa, de que um tijolo caindo de um telhado em Zurique em princípios de 1917, poderia ter modificado a sorte da humanidade neste século.”⁵

Deutscher leva o raciocínio até ao fim, e conclui que a hipótese de Trotski seria “espantosa em um marxista”. No entanto, não nos enganemos, não estamos diante de uma discussão “bizantina”, mas diante do lugar do último elo de uma complexa cadeia de causalidades. A questão remete tanto à personalidade política notável de Lenin, quanto ao lugar do sujeito

5 DEUTSCHER, Isaac, Trotski, *O Profeta Banido*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984, p.255

Se até o Partido Bolchevique, talvez, o mais revolucionário da história contemporânea, teve uma fração hostil à luta pelo poder em sua máxima direção, em plena crise revolucionária, que dificuldades esperar no futuro?

político coletivo na crise revolucionária.

Se até o Partido Bolchevique, talvez, o mais revolucionário da história contemporânea, teve uma fração hostil à luta pelo poder em sua máxima direção, em plena crise revolucionária, que dificuldades esperar no futuro? A pressão das classes socialmente hostis a um projeto socialista seria tão grande que esse processo tenderia a se repetir?

A premissa de que os fatores subjetivos se neutralizam mutuamente e, portanto, se anulam, não tem sustentação: são justamente as diferentes margens de erro, ou seja, a qualidade do sujeito político que pode fazer a diferença, e inclinar a balança em uma ou outra direção. Se as oportunidades históricas colocadas pela luta de classes se perderem, sempre existe a possibilidade de um impasse histórico prolongado cujos desenlaces são, a priori, indefinidos e imprevisíveis. George Novack acrescentou um argumento:

“A discrepância observada por Deutscher entre as observações de Trotski sobre que Lenin era essencial para a vitória de outubro, e as que dizem que as leis objetivas da história são mais fortes do que as características peculiares dos protagonistas, deve ser explicada pela diferença entre o curto prazo, e a história a longo prazo (...) A qualidade da direção pode decidir qual das alternativas válidas que emergem das condições prevalentes irão realizar-se. O fator consciente tem uma importância qualitativa distinta, ao longo de uma época histórica inteira, que a que tem em uma fase ou situa-

ção específica dentro dela (...) O tempo é um fator importante no conflito entre as classes sociais enfrentadas. A fase indeterminada em que os acontecimentos podem ser desviados em qualquer direção não dura muito tempo. A crise das relações sociais deve ser, rapidamente, resolvida de uma forma ou de outra. Nesse ponto, a atividade ou a passividade de personalidades dominantes, os grupos e partidos podem fazer pender a balança de um lado ou do outro. O indivíduo pode intervir como fator decisivo no processo de determinação histórica somente quando todas as outras forças em jogo estão, temporariamente, empatadas. Então, o peso extra pode servir para inclinar a balança.⁶

Não parece haver escapatória para essas perguntas. Elas oferecem uma dimensão dramática para a importância dos fatores subjetivos. Os graus de incerteza

6 NOVACK, George, *Para compreender la Historia*, Mexico, Fontamara, 1989, p.80.

O indivíduo pode intervir como fator decisivo no processo de determinação histórica somente quando todas as outras forças em jogo estão, temporariamente, empatadas. Então, o peso extra pode servir para inclinar a balança

histórica aparecem, assim, na sua dimensão mais nua e crua. Eis o problema teórico: em que medida a ação recíproca dos fatores objetivos e subjetivos, incidindo uns sobre os outros, não poderia provocar uma inversão das hierarquias de causalidades, tal como estabelecidas pelo marxismo clássico?

Os critérios de Deutscher são estritamente deterministas. E os de Trotski, talvez, mais flexíveis: os fatores objetivos e subjetivos são, também, mutuamente, relativos, e guardam uma sutil interação entre si. Em relação às massas operárias e camponesas, o Partido Bolchevique era um fator subjetivo. Mas em relação aos seus membros ele era um elemento objetivo. Em relação ao partido, a presença de Lenin era um elemento subjetivo, mas nas suas relações com os outros membros da direção, sua presença era um fator objetivo.



Valério Arcary é professor titular do IFSP/S.

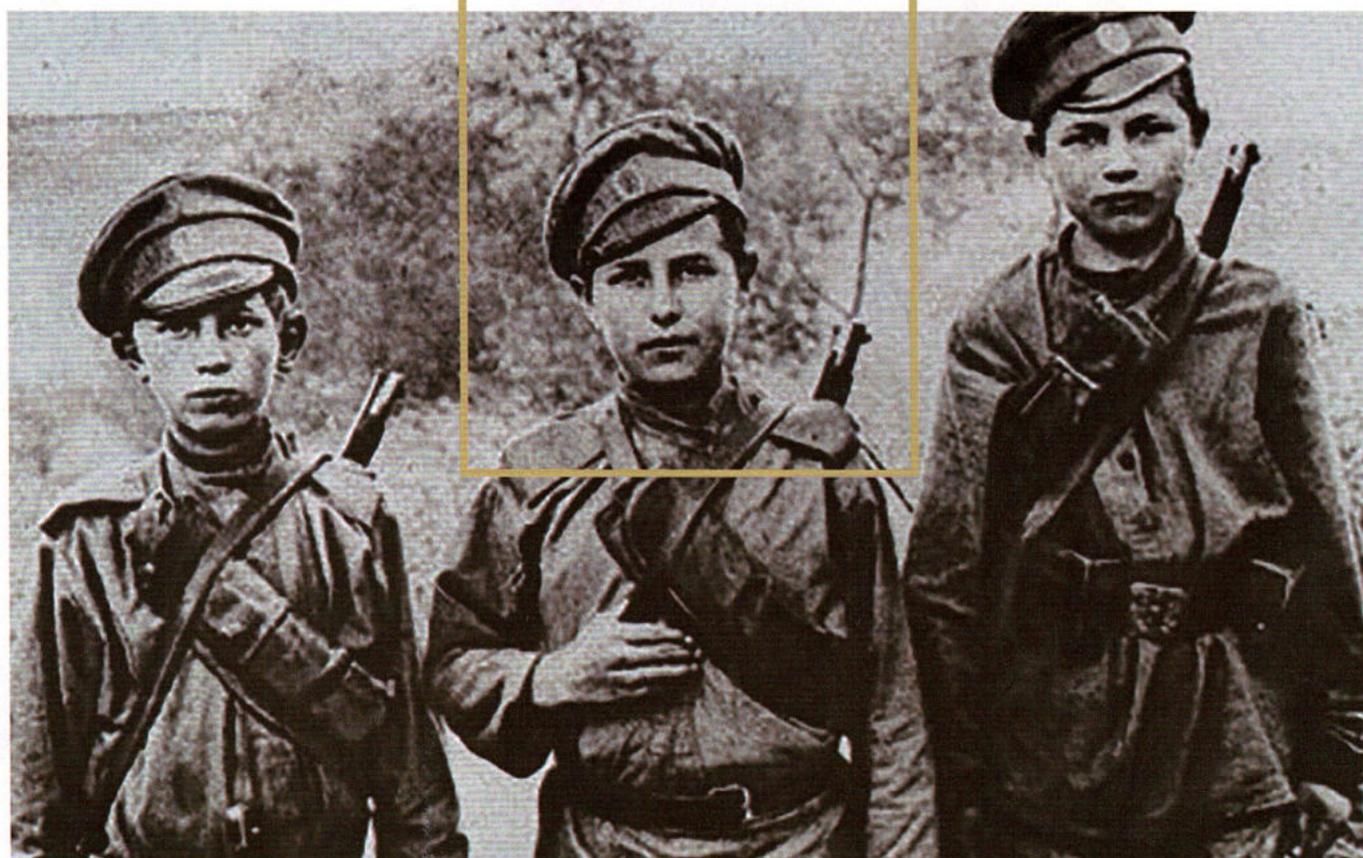


FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO

Sobre a Revolução Russa e suas lições

A "máquina" deve ser controlada pela vanguarda militante



Roberto Robaina

Quando os operários tomaram o poder na cidade de Paris em 1871, Marx anunciou que, pela primeira vez na história, surgia a forma política, enfim descoberta, para se levar a efeito a emancipação econômica do trabalho. Nascia a Comuna de Paris, “o governo da classe operária, produto da luta de classes da classe produtora contra a classe apropriadora” (MARX, p.59).

A Comuna, que se propôs a fazer da propriedade individual uma verdade, socializando os meios de produção, a terra e o capital, foi forma-

da por conselheiros municipais com mandato revogável, tendo maioria operária e a remuneração dos servidores públicos e dos dirigentes políticos não superior aos salários dos operários. Garantiu a unificação dos poderes Executivo e Legislativo e o armamento de todo o povo. O poder estatal anterior com o Exército, a polícia, a burocracia, o clero e a magistratura permanente fora destruído. O velho mundo estava tendo convulsões de raiva quando a bandeira vermelha passou a tremular no Hôtel de Ville. Era o escândalo diante do “irrealizável” comunismo.

A excepcionalidade, porém, teve

dois meses de duração. Os representantes do escravismo armaram a contrarrevolução. Sob o comando da burguesia de então, as tropas do exército de Versalhes invadiram Paris e massacraram dezenas de milhares de resistentes. Foi uma derrota por um longo período.

Trinta cinco anos depois, na Rússia czarista, o “irrealizável” voltava a assombrar a ordem capitalista. Ainda era um ensaio geral. Assim ficou conhecida a Revolução Russa de 1905. Mas nela já atuavam os militantes que construiriam o instrumento que, 12 anos depois, dirigiria a Revolução de Outubro, estabelecendo o regime dos Conselhos de Operários, Camponeses e Soldados: o Partido Bolchevique. Os soviets (conselhos no idioma russo), que aparecerem pela primeira vez na Rússia em 1905, voltaram a surgir em 1917.

Tais organismos não foram inventados pelos bolcheviques, assim como a forma política da comuna não havia sido produzida pelas propostas ou pelo ideário de qualquer agrupamento político. Mas a Comuna de Paris permitiu aos revolucionários russos, a partir das lições deixadas por Marx, aprender as conclusões da experiência parisiense. Por isso, os bolcheviques não demoraram a identificar nos soviets a forma política da emancipação econômica do trabalho. Lenin era o principal dirigente da fração bolchevique que se converteu definitivamente em partido político independente em 1912.

O aprendizado das lições de Marx sobre a necessidade da destruição do Estado burguês e da defesa de organismos de autodeterminação democrática do movimento de mas-



V. I. Lenin Proclama a Força Soviética,
por Vladimir Serov (1917)

sas foi decisivo para os revolucionários russos. Mas Lenin foi além, ao desenvolver o balanço das razões da derrota da Comuna. Andou na esteira de Marx, mas refletiu de modo mais profundo sobre a questão e apresentou uma solução inovadora. Foi um dos seus aportes para o marxismo, a saber: a importância de um partido revolucionário de combate, um partido de ação, cujo objetivo é impulsionar a organização e a mobilização das massas até a tomada do poder e a construção de organismos dos próprios trabalhadores para exercer o poder.

Lenin percebeu que a tomada do poder e, sobretudo, a sua conservação exigiam a construção de uma máquina independente própria, capaz de realizar campanhas nacionais, de multiplicar a força de uma ideia através da agitação nacional unificada e do assentamento de golpes de modo centralizado. Percebeu que tal máquina de luta foi o maior déficit da Comuna. E, de fato, uma das conclusões que se impõe da história da Revolução Russa, desta imensa revolução que inaugurou uma época de revoluções proletárias, é que sem o Partido Bolchevique a revolução russa não teria ocorrido. E sem Lenin, provavelmente, o Partido Bolchevique não teria encontrado no tempo certo a linha correta para dar a torção necessária na situação para que o proletariado pudesse tomar o poder. Este talvez seja o maior testemunho histórico do elemento subjetivo, da importância da clareza política, da ação da vanguarda, do partido e até do papel do indivíduo na história. Mesmo sem pretender uma análise exaustiva, não quero deixar de aproveitar de compartilhar com os leitores as reflexões de Trot-

ski sobre algumas destas questões. A citação é longa, mas vale.

Referindo-se às *Teses de Abril*, objeto de artigo de outro autor para esta revista, Trotski perguntava no seu livro *Stalin*** (p.382): *"Mas, que milagre fez Lenin para conseguir, em poucas semanas, deslocar o curso do partido para um novo canal? A resposta deve ser buscada simultaneamente em duas direções: os atributos pessoais de Lenin e a situação objetiva. Lenin era forte não só porque compreendia as leis da luta de classes, mas também porque seus ouvidos estavam perfeitamente sintonizados com a agitação das massas em movimento. Ele representava menos a máquina do partido e mais a vanguarda do proletariado. Estava definitivamente convencido de que milhares de trabalhadores que haviam carregado o peso de sustentar o partido clandestino agora o apoiariam. Naquele momento, as massas*

eram mais revolucionárias do que o partido, e o partido era mais revolucionário do que a sua máquina. Já em março, a atitude real dos operários e dos soldados, em muitos casos, ganhou contornos evidentemente torrenciais, e isso era amplamente diferente das orientações de todos os partidos, incluindo o bolchevique. A autoridade de Lenin não era absoluta, mas era tremenda, por conta de que toda a experiência vivida foi uma confirmação de sua presciência. Por outro lado, a autoridade da máquina do partido, assim como seu conservadorismo, estava apenas em construção naquele momento. Lenin não exercia a mera influência de um indivíduo, mas incorporava a influência da classe sobre o partido e do partido sobre sua máquina. Sob tais circunstâncias, quem tentava resistir logo perdia o chão. Os vacilantes se alinharam com os da frente, os cautelosos se juntaram à maioria. Assim,



Leon Trotski, discursa em sessão da Terceira Internacional Comunista em Moscou, 1921.

com perdas relativamente pequenas, Lenin conseguiu reorientar o partido a tempo e prepará-lo para a nova revolução.”

Em seguida, ainda sobre o papel do indivíduo, Trotski pergunta: “Isso significa que, no Partido Bolchevique, Lenin era tudo e todos os outros nada? Tal conclusão, que é bastante difundida nos círculos democráticos, é extremamente tendenciosa e, portanto, falsa. O mesmo poderia ser dito sobre a ciência. A mecânica sem Newton e a biologia sem Darwin aparentemente não significaram nada por muitos anos. Isso é verdadeiro e falso. Foi necessário o trabalho de milhares de cientistas de base para coletar os fatos, agrupá-los, levantar o problema e preparar o terreno para as soluções abrangentes de um Newton ou um Darwin. Essa solução, por sua vez, afetou o trabalho de novos milhares de pesquisadores de base. Os gênios não criam a ciência fora de si mesmos.

“Eles simplesmente aceleram o processo de pensamento coletivo. O Partido Bolchevique tinha um gênio como dirigente. E isso não era por casualidade. Um revolucionário da composição e da amplitude de Lenin só poderia ser o dirigente do partido mais destemido, capaz de levar seus pensamentos e ações à sua conclusão lógica. Mas o gênio em si é a mais rara das exceções. Um gênio se orienta mais rapidamente, avalia a situação de forma mais completa, vê mais longe do que os outros. Era inevitável que uma grande lacuna se desenvolvesse entre o gênio e seus colaboradores mais próximos. Pode até ser admitido que, em certa medida, o próprio poder da visão de Lenin agia como um freio ao desenvolvimento da autoconfiança dos seus colaborado-

res. No entanto, isso não significa que Lenin era “tudo”, e que o partido sem Lenin era nada. Sem o partido, Lenin teria sido tão impotente quanto Newton ou Darwin sem o trabalho cientí-

**Trotski:
“A direção bolchevique teria encontrado a linha de ação correta sem Lenin, porém, mais lentamente, às custas de fricções e lutas internas. Os conflitos de classe continuariam a condenar e a rejeitar as consignas sem sentido da velha guarda bolchevique”**

fico coletivo. Não se trata, portanto, de pecados especiais do bolchevismo, presumivelmente condicionados pela centralização, pela disciplina e por coisas do tipo, mas uma questão do

problema do gênio dentro do processo histórico. Escritores que tentam desprezar o bolchevismo alegando que o Partido Bolchevique teve a sorte de ter tido um gênio à sua frente, simplesmente confessam sua própria vulgaridade intelectual.

A direção bolchevique teria encontrado a linha de ação correta sem Lenin, porém, mais lentamente, às custas de fricções e lutas internas. Os conflitos de classe continuariam a condenar e a rejeitar as consignas sem sentido da velha guarda bolchevique. Stalin, Kamenev e outros quadros de segundo escalão tiveram a opção de expressar consistentemente as tendências da vanguarda proletária ou simplesmente desertar para o lado oposto das barricadas. Não devemos esquecer que Shliapnikov, Zalutsky e Molotov tentaram seguir um curso mais à esquerda desde o início da revolução. No entanto, isso não significa que o caminho certo teria sido encontrado de qualquer maneira. O fator tempo desempenha um papel decisivo na política - especialmente em uma revolução.

A luta de classes raramente espera indefinidamente até que os dirigentes políticos descubram o que é preciso fazer. O gênio é importante porque, ao encurtar o período de aprendizagem por meio de lições práticas, ele permite que o partido influencie o desenvolvimento dos eventos no momento apropriado. Se Lenin não tivesse chegado no início de abril, sem dúvida o partido teria eventualmente tentado o caminho proposto em suas Teses. Mas alguém poderia preparar o partido a tempo para o desenlace de Outubro? Essa pergunta não pode ser respondida categoricamente.

Uma coisa é certa: nesta situação - que exigia confrontar resolutamente

a lenta máquina do partido com massas e ideias em movimento "Stalin não poderia ter agido com a iniciativa criativa necessária e teria sido um freio e não um propulsor. Seu poder só começou depois que se tornou possível subordinar as massas com a ajuda da máquina."(p.384)

Embora longa, a citação supracitada resume muito bem a relação classe, vanguarda e partido, sintetizando também a concepção marxista do papel do indivíduo na História. Lenin sempre teve cuidado para que a classe trabalhadora fosse escutada, sobretudo nos momentos de ascenso. Sempre apostou na vanguarda e teve que se apoiar na vanguarda lutadora contra a máquina do partido em momentos decisivos. Foi sua confiança na classe trabalhadora, nas suas lutas, sua relação orgânica com a vanguarda lutadora que permitiu isso. E, claro, sua capacidade, a profundidade de seu conhecimento sobre o marxismo (quando não há um gênio como Lenin a necessidade de a vanguarda se empoderar da máquina aumenta ainda mais).

Por isso os bolcheviques conseguiram tomar o poder e derrotar os exércitos escravistas da burguesia de então, já em sua época imperialista. Sem a máquina criada por Lenin teria sido impossível. A revolução talvez não tivesse ocorrido ou o novo poder não chegasse sequer aos dois meses da Comuna de Paris. O processo histórico, porém, reservou uma nova e profunda derrota para o movimento de massas. Foi uma derrota diferente da derrota da Comuna. Na experiência francesa faltou uma máquina de luta, uma arma de guerra que pudesse enfrentar a contrarrevolução. Os revolucionários russos foram capazes de construir

**Lenin sempre
teve cuidado
para que
a classe
trabalhadora
fosse escutada,
sobretudo nos
momentos
de ascenso.
Sempre apostou
na vanguarda
e teve que se
apoiar
na vanguarda
lutadora contra
a máquina do
partido em
momentos
decisivos**

esta máquina.

Mas a máquina de um partido, o mais revolucionário do século XX, tende ao conservadorismo até mesmo em momentos de ação de massas, quando há refluxo, quando as lutas não dominam a situação (também quando há uma democracia burguesa por um período muito longo, que é o caso do Brasil atual), as pressões conservadoras são muito superiores. No caso da Revolução Russa, o desgaste da guerra civil, o refluxo da revolução mundial, o cansaço e as dificuldades econômicas levaram a máquina do partido primeiro a substituir os organismos da classe trabalhadora e, logo em seguida, a defender seus próprios interesses materiais, os interesses de reprodução da própria máquina e os privilégios que esta posição de poder permitiam ser usufruídos numa situação de escassez extrema.

Nesta situação falar em continuidade da revolução, em permanência da revolução, era o oposto do que queria a máquina que havia sido criada por Lenin, mas que já havia se transformado totalmente. O socialismo num só país, a "teoria" de Stalin de 1924, era como música para estes interesses. E Lenin não estava mais vivo. Sua morte foi um golpe. A revolução perdera seu principal comandante. A máquina, antes revolucionária, passou a perseguir os revolucionários e se converteu em máquina da contrarrevolução política, numa demonstração de que o processo histórico não encontra linearidade, se desdobra por mudanças bruscas, por saltos, por transformação de algo em seu contrário.

Sob o domínio de Stalin, a derrota da revolução foi histórica. Se o partido revolucionário bolchevique

forjou quadros impressionantes, o stalinismo foi uma máquina de assassiná-los. Do Comitê Central bolchevique e dos três membros suplentes eleitos no sexto congresso do partido em agosto de 1917 - portanto do Comitê Central que encabeçou a Revolução de Outubro e do primeiro governo - somente quatro sobreviveram aos expurgos stalinistas. Alguns deles: Rykov, Bukharin, Zinoviev, Kamenev, Krestinsky, Smilga, Berzin, Milyutin, Lomov (todos fuzilados pelo regime totalitário de Stalin); além de Sokolnikov, preso e depois morto; Joffe, que se suicidou; e por fim Trotsky, perseguido durante anos, tendo dois de seus filhos assassinados, até o atentado que tirou sua própria vida em agosto de 1940.

Assim, identificar o leninismo e o Partido Bolchevique da revolução com Stalin e o poder soviético depois de sua ascensão e sua consolidação foi, sem dúvida, uma das mais cínicas operações ideológicas

da burguesia e seus políticos, jornalistas e intelectuais. Contaram com a ajuda preciosa do próprio stalinismo, que quis se manter ligado ao prestígio da Revolução de Outubro. Era também um poderoso mecanismo do regime totalitário para manter isolada a oposição. A operação foi cínica, mas bem sucedida. Grandes massas no mundo todo identificaram o comunismo com o stalinismo. Até hoje pagamos por esta derrota e por esta confusão.

Apesar disso os trabalhadores e a juventude seguem lutando e, no conflito de classes, se produzem organizações que buscam responder aos interesses do mundo do trabalho. A história recente do Brasil e de suas organizações mostra isso. Mostra novas tentativas, novas derrotas. E novas tentativas. O PT foi o resultado do ascenso de massas dos anos 70 e 80. Respondeu ao fracasso do projeto nacionalista burguês e aos projetos stalinistas, expresso nos PCs. O fracasso do PT, sua conver-

são em partido do regime burguês, impôs a fundação do PSOL. Agora o PSOL tem uma obrigação histórica em suas mãos. Se algo deixa clara a experiência histórica é a necessidade de se combater a burocratização. E esta ocorre quando dirigentes estão mais preocupados em reproduzir a própria máquina do que em servir e participar das lutas das classes trabalhadoras e da juventude. O conservadorismo do partido aumenta quanto mais longe a direção e os dirigentes estão do processo vivo, da intervenção direta. Quando os dirigentes são cada vez mais selecionados no interior da própria máquina e não estão em sintonia, em contato com o povo. O PSOL também precisa estudar estas lições.



***Roberto Robaina é vereador em Porto Alegre e dirigente do PSOL**

**O livro está sendo lançado no Brasil pelas editoras Marxista e Movimento.



Da esquerda para a direita: Giacinto Serrati (Itália), Leon Trotsky, Paul Levi (Alemanha), Grigory Zinoviev, Mikhail Kalinin, Karl Radek. Moscou, 1920.

Os SOVIETES, peças decisivas da Revolução

Conselhos de trabalhadores foram órgãos de poder criados em 1905 e recriados em 1917

Marcelo Badaró Mattos

Os soviets, forma usual no português para os conselhos de trabalhadores que surgiram em meio à Revolução de 1905 na Rússia, foram organizações autônomas criadas pelo proletariado das indústrias. Tiveram papel destacado no processo revolucionário, dirigindo greves gerais e debatendo os projetos políticos da classe trabalhadora.

O fim do impulso revolucionário de 1905 representou também o fim dos soviets, que permaneceram, entretanto, na memória das lutas da classe trabalhadora, além de terem se constituído numa referência importante para a elaboração estratégica da esquerda socialista. Em 23 de fevereiro de 1917 (no calendário juliano), uma passeata de trabalhadoras em homenagem ao Dia Internacional da Mulher originou uma greve ge-

ral, reivindicando o fim da fome e da guerra. Diante da sangrenta repressão e do alastramento da revolta, o regime autocrático do czar, cairia em uma semana. Quando na virada de fevereiro para março constituiu-se um governo provisório, praticamente ao mesmo tempo surge o soviets dos deputados trabalhadores e soldados de Petrogrado. Antes de retomar a história de 1917, voltemos um pouco no tempo para avaliar o impacto que essa forma de organização gerou no pensamento estratégico da liderança bolchevique.

LENIN, OS SOVIETES E A ESTRATÉGIA DA REVOLUÇÃO

No contexto da repressão sangüinária da autocracia czarista e da disputa política interna à social-democracia Russa, contra os que definiria como “economistas” (pela centralidade que conferiam às lutas econômicas da classe trabalhadora), Lenin escreveu, em 1902, *Que fazer?*.¹ Uma obra que continua a inspirar o debate sobre a importância fundamental da organização política – o partido – para a luta revolucionária da classe trabalhadora. Naquele livro, embora afirmasse que “o ‘elemento espontâ-

1 V. I. Lenin, *Que fazer?* (1902), disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1902/quefazer/index.htm>



neo', no fundo, não é senão a forma embrionária do consciente", Lenin era categórico em negar a possibilidade de que "espontaneamente" a classe trabalhadora pudesse ir além das reivindicações e da consciência de natureza sindical: "A história de todos os países atesta que, pela próprias forças, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical, isto é, à convicção de que é preciso unir-se em sindicatos, conduzir a luta contra os patrões, exigir do governo essas ou aquelas leis necessárias aos operários". O salto dessa consciência sindical para a consciência socialista dependeria de um fator externo à luta sindical: a ação pedagógica da vanguarda socialista organizada em partido político.

Alguns anos depois, diante da revolução de 1905, Lenin se posicionaria contra alguns de seus camaradas bolcheviques, aferrados estaticamente a uma concepção fechada de partido de vanguarda, defendendo a necessidade de ampliação da organização partidária. No texto significativamente intitulado *Novas tarefas e novas forças*, de 1905, defendeu que tais tarefas seriam: "O alargamento da agitação a novas camadas dos pobres da cidade e do campo, a criação de uma organização mais ampla, flexível e sólida, a preparação da insurreição e o armamento do povo, além do acordo com a democracia revolucionária com estes objetivos."²

Citando *Que fazer?* e explicando o que havia mudado desde então, Lenin argumentou que a revolu-

Diante da revolução de 1905, Lenin se posicionaria contra alguns bolcheviques, aferrados a uma concepção fechada de partido de vanguarda, defendendo a necessidade de ampliação da organização partidária

ção tornara possível a uma maioria da classe trabalhadora o acesso a elementos de fundamentação política socialista antes restritos à vanguarda partidária. Do ponto de vista imediatamente organizativo, não caberia manter o partido fechado em torno do reduzido círculo da vanguarda revolucionária profissional dos primeiros anos.

O que explica essa posição de Lenin, que havia formulado a mais conhecida defesa do partido de vanguarda em 1902? Com certeza, a mudança do regime político, como resultado da luta revolucionária. Mas também, o surgimento de uma forma organizativa nova, que não nasceu da iniciativa do partido, mas diretamente



2 V. I. Lenin, *Novas Tarefas e Novas Forças*, (8 de Março/23 de Fevereiro de 1905), disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1905/02/23.htm>

da greve geral que impulsionara o movimento revolucionário: os soviets.

Por isso Lenin flexibilizou a leitura de *Que fazer?* sobre os limites das organizações surgidas “espontaneamente”. Seu entendimento era de que, em momentos revolucionários como aquele, surgem “organizações à margem dos partidos”, nas quais “não há limites nitidamente assinalados semelhantes aos das organizações europeias”, pois os “sindicatos adquirem caráter político” e a “luta política funde-se com a econômica”. Nessas situações, Lenin advoga que “seria erro afirmar-se não ser admissível, em nenhum caso e em nenhuma circunstância, a participação dos socialistas nas organizações situadas à margem dos partidos”, orientando os bolcheviques a ingressarem nos soviets e buscarem dirigi-los numa linha revolucionária.³

3 V. I. Lenin, *O Partido Socialista e o Revolu-*

Em 1917 Lenin iria muito mais longe. Nas conhecidas *Teses de Abril*, após retornar do exílio, defenderia a estratégia da tomada do poder pelo proletariado russo e pela parcela do campesinato a ele aliado, conferindo um papel central aos soviets. Nas *Teses*, Lenin assumia a perspectiva de que já estaria em curso, no processo revolucionário iniciado em fevereiro, uma transição entre a “primeira etapa da revolução, que deu o poder à burguesia (...), para a sua segunda etapa, que deve colocar o poder nas mãos do proletariado e das camadas pobres do campesinato”.⁴ Suas teses chocavam-se com a posição da maioria de seus camaradas bolcheviques, que até aquele momento convergiam com os mencheviques em torno de um

narismo sem Cunho Partidário, 2 de Dezembro de 1905, <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1905/12/02.htm>.

4 V. I. Lenin, *Teses de abril*, Lisboa, Edições Avante, 2017, p. 12.

programa para o Governo Provisório centrado na convocação de uma assembleia constituinte, a reforma agrária e a jornada de oito horas e numa postura dúbia em relação à guerra (que seria justificada como uma “guerra defensiva”).

A situação de transição - entre a revolução “democrático-burguesa” e a revolução proletária - se caracterizaria, segundo Lenin, pela “dualidade de poderes”, manifestando-se através da existência de dois governos: “O governo principal, autêntico e efetivo da burguesia, o ‘governo provisório’ (...), que tem em suas mãos todos os órgãos de poder, e um governo suplementar, secundário, de ‘controle’, personificado pelo soviete de deputados de operários e soldados de Petrogrado”.⁵

Naquele momento central da revolução, mesmo sabendo que os bolcheviques ainda eram uma mi-

5 *Ibidem*, p 22.

FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO



Soviets em um comitê de fábrica, durante a revolução (1917)

noria em seu interior, Lenin entendeu os sovietes como uma criação revolucionária (iniciada em 1905) decorrente da “iniciativa própria” das massas populares. Por sua natureza de invenção de uma forma democrática de Estado “à maneira” do proletariado, o governo dos sovietes seria o equivalente russo do Estado-Comuna que Marx enxergara em Paris, em 1871, como “a forma política por fim descoberta na qual pode ser realizada a emancipação econômica dos trabalhadores”.⁶

Defendendo aquela posição, Lenin valorizou a autonomia da iniciativa popular, entendendo o novo tipo de Estado a que pretendia chegar como uma “nova atividade organizativa do próprio povo”. Nesse processo, o papel dos bolcheviques seria ajudar “o povo a construir sem demora e por toda a parte sovietes de deputados operários e camponeses, a tomar nas suas mãos toda a vida”.⁷

Embora naquele momento (abril de 1917) seu entendimento fosse minoritário entre os bolcheviques e os bolcheviques fossem minoritários no Soviete de Petrogrado, Lenin representava uma posição que já se manifestava entre o setor mais radicalizado da classe trabalhadora, organizado nos comitês de fábrica do distrito industrial de Petrogrado e atuante no soviete.

OS SOVIETES EM 1917

Quando da instalação do Governo Provisório, como decorrência da Revolução de Fevereiro, convocou-se imediatamente a formação do Soviete de Petrogrado, que fun-



cionaria como uma espécie de soviete central de todo o país, ainda que surgissem conselhos por toda parte. A iniciativa foi dos mencheviques, que acreditavam ser essa a única forma de organizar as demandas da classe trabalhadora e dirigir seu apoio ao novo governo. Essa perspectiva se expressou no decreto publicado em 2 de março, no jornal do soviete, que definia o sentido da colaboração entre ele e o governo provisório, afirmando-se que, apesar das vacilações dos partidos burgueses, “seria um grave erro” não participar do governo, pois a radicalização da posição dos delegados do soviete seria vista como um golpe socialista e o temor do “fantasma vermelho”, é claro, irá reforçar e intensificar as tendências da burguesia e, dessa forma, ao invés de impulsionar a burguesia para frente, nós a jogaremos de volta à necessidade de implementar a força a restauração da autocracia como a única forma de combater o socialismo.”⁸

8 Izvestiia (jornal do Soviete de Petrogrado), 2 de março 1917. Este e os demais documentos do Soviete de Petrogrado citados a seguir foram retirados do material apresentado pelo histo-

Ainda que predominasse essa linha, o caráter em si dos sovietes era subversivo e trazia à tona a questão da dualidade de poderes. Como ficara claro com a Ordem nº 1 do Soviete de Petrogrado, publicada em 1º de março, que determinava a eleição de delegados para o soviete em todas as “companhias, batalhões, regimentos, baterias, esquadrões e serviços anexos (...) e a bordo dos navios” e subordinava as ordens do comando das Forças Armadas russas, em guerra, à aprovação do soviete.

Nos meses seguintes continuou a predominar a linha de apoio ao Governo Provisório e conclamação à manutenção da guerra. Mas, a continuidade do conflito radicalizou a crise e em Petrogrado o prestígio dos bolcheviques cresceu. Em julho, essa radicalização dos trabalhadores já se manifesta na proposta de imediata tomada do poder pelos sovietes. Como na resolução de 3 de julho, da Seção Operária do So-

riador estadunidense Kevin Murphy, em curso ministrado no NIEP-Marx/UFF, em agosto de 2017. Disponíveis em http://www.niepmarx.blog.br/MM2017/material_minicurso2.pdf. Tradução de Fernando Pureza.

6 K. Marx, *A guerra civil em França* (1871), citada por Lenin em *Teses de abril*, p. 32

7 Lenin, *Teses de abril*, p. 33.



1º Congresso de Sovietes , Petrogrado, 1917

viete de Petrogrado, na qual se afirmava que “em vista da crise do governo, a Seção Operária considera que é necessário insistir que o Congresso dos Sovietes de toda a Rússia dos Delegados Operários, Soldados e Camponeses tome o poder.” Tal resolução visava influenciar o referido Congresso, que fora instalado em fins de junho, com mais de mil delegados, representando 305 soviets de trabalhadores, soldados e camponeses e outros 53 soviets regionais, provinciais e distritais. Mas, os bolcheviques era minoria naquele congresso.

No início de julho, manifestações massivas em Petrogrado colocaram em xeque o governo provisório, que teimava em adiar a convocação da Constituinte e as tratativas para a paz. Uma intensa repressão se fez abater sobre esses protestos, atingindo particularmente os bolchevi-

Em agosto, a tentativa de golpe de Kornilov seria sustada pelo Governo Provisório, com o suporte do poder armado dos soviets

ques. Em agosto, a tentativa de golpe de Kornilov seria sustada pelo Governo Provisório, com o suporte do poder armado dos soviets. A repressão de julho e a conciliação da liderança do governo provisório com representantes do partido Kadet que haviam apoiado o intento contrarrevolucionário de Kornilov foram, de certa forma, divisores de águas para a radicalização do Soviete de Petrogrado e a conquista de maior apoio por parte dos bolcheviques entre os delegados que nele se reuniam.

Ainda assim, os bolcheviques, Lenin à frente, procuraram conter o ímpeto das lideranças de base pela imediata tomada do poder. Para evitar uma derrota prematura, Lenin entendia que o momento da tomada do poder chegaria quando os bolcheviques fossem a maioria no Soviete de Petrogrado e quando

a insurreição estivesse madura em outras cidades. A situação caminhou nessa direção, com a rapidez que caracterizou o processo revolucionário, nos dois meses seguintes, com a ampliação da influência das teses bolcheviques para outros soviets e localidades, como Moscou. Em 9 de setembro, o Soviete de Petrogrado consagra a maioria dos votos às propostas bolcheviques (519 votos para os bolcheviques, contra 414 para a direção pró-Governo Provisório e 67 abstenções), que a partir de então passam a dirigir efetivamente seus trabalhos e, através do Comitê Militar Revolucionário, organizarão a tomada do poder.⁹

Em 25 de outubro, a ata da reunião de emergência no Soviete de Petrogrado registra que Trotski declarou, em nome do Comitê Militar Revolucionário, “que o Governo Provisório não mais existe (aplausos entusiásticos e gritos de ‘longa vida ao Comitê Militar Revolucionário’)”. A tomada do poder fora possível porque, ao lado do Comitê dirigido por Trotski estavam entre 30 e 40 mil proletários armados, além de guarnições militares inteiras, como a dos marinheiros do Kronstadt.

Na mesma reunião Lenin discursou, afirmando: “Camaradas, a revolução dos operários e camponeses, cuja necessidade nós, bolcheviques, sempre defendemos, foi cumprida (...) Seu significado é, acima de tudo, que nós teremos um governo dos Sovietes, nosso próprio órgão de poder, no qual a burguesia não terá qualquer parti-

cipação. As massas oprimidas irão elas mesmas criar o poder. O velho aparato do Estado será completamente destruído e um novo aparato administrativo irá se formar a partir das organizações dos soviets. De agora em diante, começa uma nova fase na História da Rússia e isso, a terceira revolução russa, terminará com a vitória do socialismo.”

Poucos dias depois, o Segundo Congresso dos Sovietes de toda a Rússia, com uma maioria de pelo menos 60% de bolcheviques e apoio de outros grupos, como a ala esquerda dos Socialistas Revolucionários, ratificou a tomada do poder. Não há espaço aqui para discutirmos os rumos tomados pelo processo revolucionário nos anos seguintes, quando o “governo dos soviets” sucumbiu ao poder da burocracia. Nada, no entanto, nos autorizaria a dizer que esse destino já estava traçado desde antes, pelos rumos dos acontecimentos de 1917. Ao contrá-

rio do que os governos ocidentais afirmaram no calor da hora, e os defensores da ordem (inclusive em suas formulações acadêmicas mais sofisticadas) continuaram a afirmar ao longo dos cem anos seguintes, a trajetória dos soviets em 1917 e o cuidado da liderança bolchevique para legitimar sua estratégia de tomada do poder na conquista da maioria no interior dos órgãos de poder popular demonstram o caráter revolucionário e o potencial transformador daquele processo histórico. Não à toa, continuamos a buscar nele, despidos de ilusões dogmáticas de que a história possa se repetir como numa receita mágica, a inspiração para a revolução socialista que ainda precisamos fazer, cem anos depois.



**Marcelo Badaró
Mattos é militante
do PSOL e professor
da Universidade Federal
Fluminense (UFF).**

FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO



Tropas dos marinheiros de Kronstadt, 1917

9 L. Trotsky, *História da Revolução Russa*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, vol. 2, pp. 660-62.

ORIGINALÍSSIMO, O LEVANTE DE OUTUBRO FOI RUSSO E INTERNACIONAL

Ana Cristina Carvalhaes*

"Toda experiência histórica é obviamente, em certo sentido, única. Muito protesto contra isso coloca em questão não a experiência (que permanece por ser explicada), mas a relevância do modelo contra o qual ela está sendo julgada."

(E. P. Thompson, *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*, p. 79, Editora da Unicamp, 2001.)



Por que aqueles acontecimentos de 1917, num país periférico, camponês, recém-livre da servidão e de tradição totalitária, continuam, um século e um profundo retrocesso depois, a reverberar como grito exemplar de libertação para os que sonham e lutam por justiça, solidariedade e igualdade?

Entre as muitas respostas possíveis, ou partes indissociáveis de uma mesma resposta, historiadores e analistas políticos nos relembram, como base, a profundidade e a radicalidade do descontentamento social que deu origem à tomada do poder pelos conselhos (soviets) de operários e soldados russos e à vitória na encarniçada guerra que se seguiu contra 14 forças beligerantes invasoras. É a chamada “energia revolucionária” dos sujeitos das rupturas, força social sem a qual as mais apaixonantes utopias e programas dos líderes não se concretizam. É possível explicar aquela radicalidade por muitas razões particulares do desenvolvimento russo, mas sempre em articulação com as circunstâncias mundiais, ou pelo menos europeias, de seu tempo. Um tempo de intensa internacionalização das forças produtivas, competição acirrada entre as potências colonizadoras, fortíssima organização de um amadurecido operariado industrial, início da dominância do imperialismo. Tempo de uma primeira grande guerra sangrenta entre as potências do Ocidente.

É esse o panorama em que se enquadra a extrema ousadia e a visão estratégica dos bolcheviques em tomar o poder, sem aliança alguma com adversários de classe, pela primeira vez de forma (por algum tempo vitoriosa) na História. A pri-

meira, derrotada depois de poucos meses, havia sido a Comuna de Paris, em 1871. Um atrevimento num país “atrasado” – muito menos industrializado e menos proletário que as “avançadas” França, Inglaterra, Alemanha da época. Portanto, para os parâmetros do marxismo até então, nada indicado para o experimento de uma revolução anticapitalista.

[Essas características do velho Império czarista, aliás, não só motivaram críticas frontais de marxistas da época, como Plekhanov e Kautsky, à política bolchevique, como ressuscitaram, em fins do século XX, uma suposta explicação para a degeneração do regime político soviético: a cogitação de que a tomada do poder de Outubro teria sido “precipitada”. Ao que Daniel Bensaid, respondeu: “Uma revolução ‘mesmo a tempo’,

sem riscos nem surpresas, seria um acontecimento sem acontecimento. (...) A revolução é por essência intempestiva e, numa certa medida, sempre prematura. Uma imprudência criadora”¹.]

Assim, criadora, foi outra “marca registrada” de Outubro: a originalidade do pensamento e da ação dos que foram sua linha de frente. Graças à formação de seus dirigentes, militantes socialistas internacionalistas, forjados nas lutas contra o czarismo e nos debates qualificados do movimento operário e da social-democracia europeus – que viviam seu apogeu naquelas primeiras décadas do século passado – a Revolução de Outubro de 1917 foi a primeira a se projetar e se realizar conscientemente – na expressão do histo-

1 Bensaid, Daniel. *Marx, o intempestivo*. Lisboa, Edições Combate, 1995.

Efervescência: soldado distribui jornais em 1917



FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO

riador inglês E. H. Carr (1985)². Característica que já lhe conferiria “lugar único na História”.

Guerrero, López e Herrera³ (2017) explicam: “A revolução russa foi a única que preparou suas ferramentas teóricas, seus métodos e instrumentos, seus dirigentes e seu aparato político de maneira consciente e com projeção ao futuro. (...) *Revolução e internacionalismo*, princípios reitores do socialismo científico desenhado por Marx e Engels no *Manifesto Comunista* como projeto de uma luta global e uma revolução mundial, instalaram-se na vida política [dos movimentos sociais no planeta, N.R.] e em sua literatura com a vitória bolchevique”. Se a disposição em romper com o Estado e o sistema burgueses já eram “fora de série” e exemplo para os trabalhadores de toda parte, o que dizer da aposta explícita numa revolução mundial? De fato, um elemento está ligado ao outro: a ousadia não teria se dado sem a visão global e a fé no proletariado de outras paragens. Os bolcheviques encaravam a “sua” revolução como mera introdução ao levante dos trabalhadores da Europa e de outros rincões do globo.

Perry Anderson (2005) nota que o que se ergueu a partir de Outubro na Rússia “foi o primeiro e único Estado na História a não incluir referência territorial ou nacional em seu nome – ele seria simplesmente a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas [no início República Socialista Federativa Soviética da Rússia], sem designação de lugar

2 Carr, E. H. 1917: *antes y después (la revolución rusa)*. Madrid. Sarpe.

3 Guerrero, Modesto E.; López, Lorena; Herrera, N.A. *Para que sirvió la revolución rusa? Resumen latinoamericano*, 30/3/2017.

Ao (...) negociar o fim da carnificina da Primeira Guerra Mundial, o governo bolchevique não somente foi fiel à promessa feita à soldadesca camponesa, como colaborou sensivelmente para a aceleração do fim do conflito

e povo. Ou seja, a intenção de seus fundadores foi incondicionalmente internacionalista⁴. A esta observação se pode somar o detalhe que, de 1917 a 1941, o hino “nacional” da URSS seria uma canção composta para celebrar o levante dos *communards* de Paris, *a Internacional*.

Ao cumprir de imediato um dos objetivos fundamentais do processo – negociar o fim da carnificina da Primeira Guerra Mundial – o governo bolchevique não somente foi fiel à promessa feita à soldadesca camponesa, como colaborou sensivelmente para a aceleração do fim do conflito. Estendeu o reconhecimento do direito das nações a tomar em suas mãos seu próprio destino aos países coloniais e semi-coloniais e assim conquistou simpatia e aliados por todo o mundo explorado, em particular no Oriente. Aboliu tratados desiguais com a China. Incorporou esses princípios inéditos na primeira Constituição do país, considerando cidadãos e cidadãs da República não apenas seus habitantes, mas todas/os que ali quisessem residir e trabalhar⁵.

Em manifesto lançado ainda em suas primeiras semanas, o governo dos soviets mostrava como via a si mesmo e ao seu entorno:

“Ao dirigir esta proposta de paz aos governos e aos povos dos países beligerantes, o governo provisório operário e camponês da Rússia dirige-se também e, sobretudo, aos operários conscientes das três nações mais adiantadas da humanidade e dos três Estados que levam adiante esta guerra: Inglaterra, França e

4 Anderson, P. *Internacionalismo, um breviário*. Anos 90, Porto Alegre, v.12, jan-dez 2005

5 Mandel, E. *Octubre de 2017: Golpe de estado o revolución social?* <http://www.vientosur.info/spip.php?article12178>.

Alemanha. (...) O governo da Rússia considera o maior crime contra a humanidade continuar esta guerra pela partilha, entre as nações fortes e ricas, dos povos fracos conquistados por elas e proclama solenemente sua decisão de assinar sem demora a paz, nas condições indicadas, justas para todas as nações, sem exceção⁶.

Os bolcheviques foram resultado de tradição e circunstâncias. Beberam do *Proletários do mundo, uni-vos* do *Manifesto do Partido Comunista* (1848) e de toda a obra política dos fundadores. Sobre o alicerce da compreensão do caráter supranacional da exploração, o internacionalismo marxiano defende a necessidade de combinar a luta nacional e a internacional, “uma como base para a outra”, como observa John Bellamy Foster: “(...) Marx insistia em que essas lutas nacionais deviam ser organizadas

**Os
bolcheviques
foram resultado
de tradição e
circunstâncias.
Beberam do
“Proletários
do mundo,
uni-vos” do
Manifesto
do Partido
Comunista
(1848) e de
toda a
obra política
dos fundadores**

num movimento internacional (...) Ele era um internacionalista não no sentido de advogar por um sistema de relações mundiais cooperativas, mas no sentido mais específico de conceber esse sistema como resultante ou função da interação fraterna entre grandes nações que se organizassem entre elas⁷.

Os bolcheviques haviam se reivindicado militantes da poderosa Segunda Internacional Socialista, fundada por Engels depois do enterro da Primeira Internacional, em 1876. A Segunda, nascida em fins de 1889, tinha como centro o vigoroso Partido Social-Democrata alemão, de Bebel, Kautsky, Clara Zetkin, Rosa de Luxemburgo e Karl Liebknecht. Nessa organização internacional, Anderson percebe pela primeira vez uma forma de internacionalismo diretamente oposta ao tipo dominante de nacionalismo, o chauvinismo da *Belle Époque*. Os socialdemocratas russos referen-

6 Lenin, *Obras Escogidas*, tomo VII, p. 384.

23. Lenin, *Informe sobre la paz del 26 de octubre*, *Obras Escogidas*, tomo VII, pp. 384-386.

7 Foster, John B. *Marx and Internationalism*. Monthly Review, 2000.

Exército Vermelho em Moscou, 1919



ciados em Lenin haviam rompido justamente com o chauvinismo que contagiou a maioria do partido alemão e da Segunda Internacional, que apoiaram ou os esforços de guerra de seus governos imperialistas.

Desse modo, é compreensível que, no impulso da vitória na Rússia e em seu entorno, os bolcheviques dedicassem esforços tão grandes quanto os exigidos pela gestão de seu país enorme e destruído pela guerra, a um empreendimento “para o mundo”: a construção da Terceira Internacional, a Internacional Comunista (ou *Komintern*), fundada em março de 1919. Não foi um intento vanguardista. A façanha bolchevique se apoiava numa onda descomunal de levantes anticapitalistas, que varreu da Finlândia à Bulgária, da Áustria-Hungria otomana à Alemanha, em cuja Baviera surgiu um poder paralelo soviético num ensaio do que seria a grande revolução alemã bem próxima.

Durante os cinco primeiros e álgidos anos do Estado soviético, a Terceira Internacional realizou quatro congressos anuais (1919 a 1922), cujos debates e resoluções são os maiores legados que os revolucionários daquela geração brilhante deixaram à posteridade. Além da magnética atração exercida pela jovem URSS, a Terceira Internacional teve nesse período acertos colossais, como o reconhecimento da “importância histórica dos movimentos de libertação nacional nos territórios coloniais e semicoloniais e o apoio à luta das nações escravizadas contra a opressão imperialista”. (Novak, Frankel e Feldman, 1977). Em três anos, até aproximadamente 1921, criaram-se

Segundo congresso da *Komintern* em Moscou (foto de 1920)



**Uma
combinação
trágica de
circunstâncias
viria a
burocratizar o
regime nascido
da revolução dos
soviets e, com
ele, a partir de
1923, também o
*Komintern***

seções – partidos comunistas – “em todos os continentes e praticamente em todos os países construíram-se a Internacional Sindical Vermelha e a Internacional da Juventude Comunista⁸”.

Uma combinação trágica de circunstâncias viria a burocratizar o regime nascido da revolução dos soviets e, com ele, a partir de 1923, também o *Komintern*. Com o fechamento da onda de revoluções na Europa e em particular com a derrota daquela na qual os bolcheviques mais apostavam – a revolução alemã de 1919-1923, a URSS viu-se isolada mundialmente, ao mesmo tempo em que o PCUS e suas cúpulas substituíam a passos largos o que haviam sido os conse-

8 Novak, G., Frankel, D. e Feldman, F. Las tres primeras internacionales, su historia e sus lecciones. Pluma, Bogotá, 1977.

lhos. Como explica Anderson, “a vitória de Stalin dentro do PCUS, baseada na promessa de que seria possível construir o ‘socialismo num país’, cristalizou uma nova forma de nacionalismo, específica à autocracia em franca construção interna”⁹. O internacionalismo militante dos comunistas, profundo, abnegado, heroico em milhares de casos, passou paulatinamente a se configurar como uma defesa intransigente e acrítica das políticas do Kremlin. Durante a guerra, em 1941, Stalin finalmente extinguiu a Internacional, gesto no qual os historiados veem uma concessão aos governos aliados no segundo grande conflito mundial.

A inexistência, desde então, de uma Internacional massiva dos que combatem o capitalismo é a mais trágica lacuna dos movimentos antissistêmicos de nosso tempo. Essa ausência, no entanto, não impede que sobrevenham ondas de solidariedade internacional, sempre associadas a grandes processos de luta e sublevação e sobreviva, mesmo de forma fragmentada, o internacionalismo militante.

Porque, como diz Rousset (2009), o internacionalismo “é um compromisso subjetivo antes de ser uma orientação política”¹⁰.

O internacionalismo sobreviveu no pós-guerra transformado em “terceiro-mundismo”, “encarnado nos movimentos de libertação nacional e anticoloniais dos anos 1950,

de composição social ampla”¹¹. Reviveu na luta do Che, nos anos 60, com sua bandeira de “criar um, dois, três Vietnãs”. Entre os anos 90 e os anos primeiros deste século, avançou com a organização da Via Campesina (1993), as marchas europeias contra o desemprego (1996) e o Jubileu Sul (2001). E como projeto mais amplo, com as lutas antiglobalização e os Fóruns Sociais Mundiais – em que pese a paralisia destes diante da falta de resposta para qual é o “novo mundo possível” e as tensões em torno do apoio de parte do movimento aos governos ditos “progressistas” da América Latina.

Mais recentemente, o mais eloquente exemplo da necessidade e da possibilidade de articulação internacional das lutas foi o movimento global das mulheres, no último 8 de março, reunindo iniciativas que foram do Leste Europeu aos Estados Unidos, à Argentina e ao Brasil. Mas não nos enganemos, os níveis de associação, coordena-

ção e ação comum internacional, do ponto de vista dos movimentos, ainda são bem frágeis diante da urgência em combater um capitalismo cada vez mais invasivo, depredador, espoliador, devorador de direitos, guerreiro.

A confluência e a aglutinação entre movimentos (e também entre organizações políticas) não caiu do céu, tem que ser construída¹². Temos mais dificuldades do que as gerações de cem anos atrás porque o fracasso dos movimentos emancipatórios do século XX provocou uma ruptura entre as resistências atuais e a tradição do movimento operário daqueles tempos. Mas dificuldade não é impossibilidade. E os tempos globalizados exigem. Dirigentes e militantes do PSOL têm muito o que fazer a respeito, começando por conhecer o legado internacionalista de Outubro.



Ana Cristina Carvalhaes
é jornalista, mestre
em Economia Política
Internacional e militante do PSOL.

¹¹ Antentas, J. M e Vivas, E. Internacionalismo(s) ayer y hoy, in Vientosur nº 100, jan. 2009.

¹² Idem.



8 de março nos EUA, em 2017

⁹ Anderson, P. op. cit.

¹⁰ Rousset, P. El internacionalismo y su renovación en la hora de la mundialización, in Vientosur nº 100, jan. 2009.

FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO

A REVOLUÇÃO RUSSA

legado teórico e “efeito carambola” para os temas marginais do marxismo

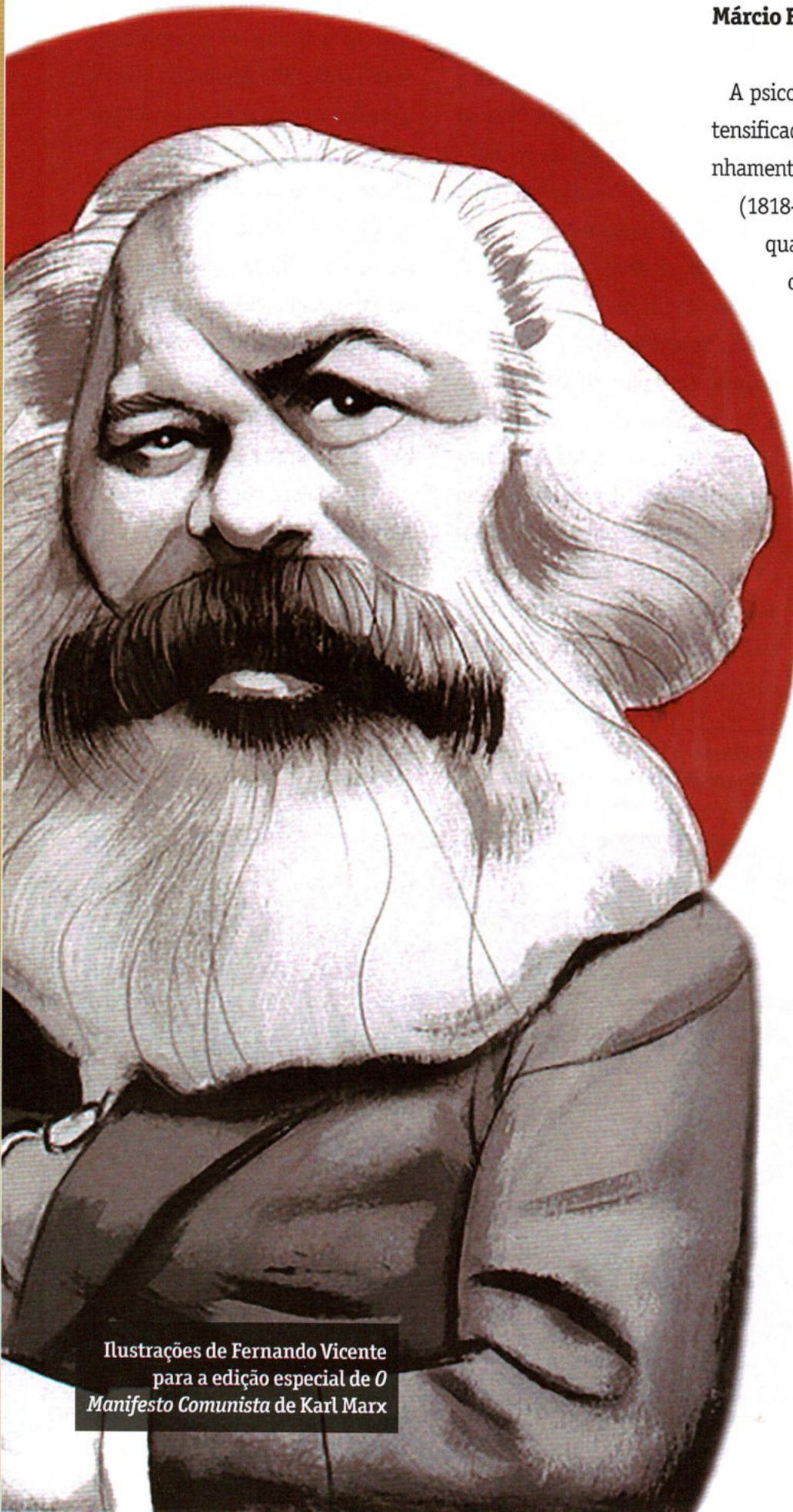
Márcio Farias

A psicologia enquanto ciência é fruto da intensificação do processo de alienação/estranhamento humano capturado por Karl Marx (1818-1883)¹, ainda no início do século XIX, quando do triunfo burguês e da consolidação do capital. Essa intensificação do mal-estar humano diante do projeto civilizatório do capital ocorre quando da transição de um capital de base concorrencial para um capital monopolista e imperialista. Esse descompasso entre indivíduo e sociedade foi apreendido com excelência pela psicanálise freudiana que pressupunha, em sua versão original, a recordação e a elaboração dos traumas vivenciados como saída para minimizar o sofrimento psíquico dos indivíduos, evitando a compulsão, a repetição e a paralisia².

Por sua vez, essas novas veredas do capitalismo foram captadas por aquele que foi o principal expoente político e teórico da Revolução Russa, Vladimir Ilyich Ulyanov - Lenin (1870-1924), em seu célebre texto *Imperialismo: fase superior do capitalismo* (1916). Já a Revolução Russa caiu em certo descrédito

1 MARX, K. *Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844*. São Paulo: Boitempo, 2008.

2 FREUD, S. (1914a). *Recordar, repetir e elaborar*. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v.12. Rio de Janeiro: Imago, 1990..



Ilustrações de Fernando Vicente
para a edição especial de *O
Manifesto Comunista* de Karl Marx

quando da derrocada da URSS, na década de 1980, e virou uma espécie de martírio para os marxistas de todo o mundo, muito por conta dos descaminhos stalinistas e da propaganda *contra ofensiva* da mídia internacional burguesa de envilecimento desse processo revolucionário que consolidou e levou a cabo a primeira negação do capitalismo. A ampla esquerda de orientação marxista, ao longo do século XX, atribuiu a si uma penitência constrangedora que reafirma, em muitas situações, a negação dessa revolução política e, indiretamente, da teoria marxista enquanto instrumento teórico e político imprescindível para as lutas por emancipação de que o mundo contemporâneo necessita.

Esses processos se apresentam não sem contradições, por isso, uma digressão e uma ressalva são de bom tom neste momento. Sobre a digressão, de um lado, a psicanálise enquanto ciência burguesa teve metamorfoses e, talvez, a psicoterapia breve seja a maior expressão dessas mudanças. Definida como um tratamento psicológico com foco e tempo determinado, pressupõe certa maturidade subjetiva do paciente, pois nesta modalidade terapêutica caberá ao analista identificar um conflito central e ajudar o paciente a trabalhá-lo, com vias de pensar na resolução da dada conflitiva central - e aqui a metáfora perfeita para a discussão proposta - que ao ser atingida interfere nas demais conflitivas, tal como um efeito carambola, como no bilhar, em que é possível acertar uma bola e levar outras para a caçapa.

A Revolução Russa, além do legado político e histórico, é donatária

**Mariátegui:
"O socialismo,
em suma, tão
satirizado e
acusado de
materialista,
vem a ser,
desse ponto
de vista, uma
reivindicação,
um
renascimento
de valores
espirituais
e morais
oprimidos pela
organização e
pelos métodos
capitalistas"**

de um cabedal teórico que subsidiou e subsidia a análise concreta de realidades concretas, desiguais e combinadas, apreendidas nas suas determinações particulares, em que pesem especificidades, mas que logram a superação do julgo neocolonial e imperialista. Como um *efeito carambola*, esses revolucionários pensaram a luta internacional a partir da Rússia no mundo.

Neste ponto, o pensador peruano José Carlos Mariátegui (1895-1930) é certo. Ele foi um entusiasta de primeira ordem da Revolução Russa. Sua apreciação do processo russo é bastante plausível quando da sua afirmação sobre a importância da revolução socialista para o gênero humano:

O socialismo, em suma, tão satirizado e acusado de materialista, vem a ser, desse ponto de vista, uma reivindicação, um renascimento de valores espirituais e morais - oprimidos pela organização e pelos métodos capitalistas. Se na época capitalista prevaleceram ambições e interesses materiais, na época proletária suas modalidades e instituições se inspirarão em interesses e ideias éticos (Mariátegui, 2011, p. 142).³

Essa espécie de ode ao socialismo tem com referência não só o processo político em curso, uma vez que este excerto pertence a um texto dos anos de 1920, mas, sobretudo as inspirações teóricas legadas por Leon Trotski, Lunacharsky, Grigori Zinoviev, entre outros. Sendo signatário desta tese, entendo ser a Revolução Russa um corolário de militantes e intelectuais que escreveram obras clássicas para a luta

3 MARIÁTEGUI, J.C. *Defesa do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2011.

ARTE: FERNANDO VICENTE



revolucionária de todos os povos explorados e oprimidos.

Sobre a ressalva, é importante recuperar a ideia desenvolvida por Perry Anderson no livro *Considerações sobre o marxismo ocidental*. Em linhas muito gerais, o marxismo ocidental se caracteriza por uma guinada filosófica e acadêmica de seus expoentes como tentativa de revalidar o marxismo enquanto teoria social contrapondo-se à vulgata stalinista. Dentre os vários caminhos seguidos pelos diferentes autores, existem aqueles que se orientaram por um retorno aos textos de Marx e Engels, impulsionados pelas descobertas de clássicos até então inéditos, como por exemplo o texto *A ideologia alemã* (1845-1930), mas também na busca de discernir aquilo que foi desvio

Esses fluxos e influxos permitiram o crescimento de abordagens ligadas ao amplo (...) pós-moderno, cuja caracterização é difícil, uma vez que não se trata de uma escola, mas sim de um "espírito do tempo" contemporâneo

degenerado do marxismo oficial e daquilo que era de fato apreensão e proposta analítica de Marx e Engels.

Outros seguiram caminhos mais heterodoxos, na tentativa de conciliar outras perspectivas teóricas que complementariam lacunas existentes nas bases marxistas. Ainda houve os que seguiram caminhos de negação e rechaço ao marxismo e orientaram-se por novas perspectivas. Ainda que muito diverso, em geral, "o marxismo ocidental" esteve distante dos grupos políticos e tradicionais ligados à classe trabalhadora.

Esses fluxos e influxos permitiram o crescimento de abordagens ligadas ao amplo pensamento convencionalizado como pós-moderno, cuja caracterização é difícil, uma vez que não se trata de uma escola, mas

sim de um “espírito do tempo” contemporâneo. Mas pode ser identificado como intensificação do irracionalismo no pensamento burguês europeu pós Segunda Guerra Mundial, amparado naquilo que ficou conhecido como virada linguística, momento em que prevaleceu uma orientação para as ciências humanas, de forma geral, na apreensão dos signos, significados, sentidos, representação etc, etc, etc que partiam do rechaço ou da negligência ao trabalho, à economia política e à totalidade como fenômenos e categorias de análise. Ao invés das relações sociais de produção, entraram as relações de poder. No lugar do trabalhador vieram o oprimido e suas derivações. Em suma, o mundo virou um teatro onde os atores sociais devem ser protagonistas e representarem suas agruras e resistirem ao invés de revolucionarem as relações de produção e, consequentemente, o modo de produzir a vida. Assim sendo, essas vertentes epistemológicas vêm dando respostas às bandeiras de movimentos sociais importantes.

Por isso, é preciso separar o joio do trigo. O fato de a apreensão teórica que subsidia a luta de amplos setores progressistas contemporâneos estar alicerçada nessas correntes pós-modernas não elimina a importância de suas pautas políticas. Em outras palavras, o fato de o guerreiro estar enfrentando um exército armado com lanças e flechas, contra canhões e armas de fogo do oponente, não diminui a importância e nem a necessidade desse enfrentamento.

Em geral, os “temas marginais”⁴

4 ANDERSON K. B. *Marx at the Margins: On Nationalism, Ethnicity, and Non-Western Societies*

no marxismo, como raça, classe, gênero ou ecossocialismo são menos frutos da negligência ou da impossibilidade de pensá-los pelos clássicos marxistas, e muito mais fruto do dogmatismo e da falta de leitura por parte dos quadros dirigentes da esquerda socialista. Por isso, é preciso uma retomada ortodoxa⁵ e não dogmática desse processo, conferindo quais eram os desafios e as condições de previsibilidade e governabilidade que estavam postos para a concretude desses sujeitos revolucionários e, na mesma medida, quais foram os saltos qualitativos que nos são caros ainda hoje.

Neste momento, quero me ater às contribuições teóricas da supracitada obra *Imperialismo: fase superior do capitalismo* e seu “efeito carambola” no “tema marginal” para o quadro médio da esquerda mundial, tal como as lutas por inde-

(Marx e as margens: nacionalismo, etnicidade e sociedades não ocidentais).

5 Em *História e Consciência de Classe* (1923) Lukács também adentra no debate sobre teoria do conhecimento e marxismo. Para ele, o estatuto teórico da obra de Marx, no que pese seus possíveis erros – muito por conta do avanço da ciência em seu período – sobressai-se por aquilo que é seu principal legado, o método.

pendência no continente africano.

É Lenin a maior referência teórica desse processo de revolução política. A amplitude de seus escritos abarcam temas muito diversos. No *Imperialismo: fase superior do capitalismo*, um dos mais importantes livros de economia política do século XX, Lenin apontou para as novas veredas do capitalismo, outrora concorrencial, naquele momento monopolista e imperial, uma vez que, entre o fim da segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, foi o período em que se conformou a fusão entre capital industrial e financeiro, sob a batuta astuta do último:

Este livro mostra que a guerra de 1914-18 foi, de ambos os lados, uma guerra imperialista (isto é, uma guerra de conquista, de pilhagem e pirataria), uma guerra pela partilha do mundo, pela distribuição e redistribuição das colônias, das zonas de influência do capital financeiro etc (...) (Lenin, 1916(1979), p.10)

Prossegue:

O capitalismo se transformou num sistema universal de opressão

O capitalismo se transformou num sistema universal de opressão colonial e de asfixia financeira da imensa maioria da população do globo por um punhado de países “avançados”

colonial e de asfixia financeira da imensa maioria da população do globo por um punhado de países “avançados”. E a partilha deste “saque” faz-se entre duas ou três aves de rapina, com importância mundial, armadas até os dentes (América, Inglaterra e Japão) que arrastam consigo toda a Terra na sua guerra de partilha (Lenin, 1916(1979), p.11).

É neste contexto que o território africano é invadido⁶ por alguns países europeus, na busca de extração de matérias primas essenciais⁷ para as novas demandas do mercado mundial, fazendo uso de força de trabalho superexplorada ou às vezes escravizada.

A invasão neocolonial durou algumas décadas, mas já em meados dos anos de 1950 começam os levantes que culminaram no processo de independência política. A gestação desse processo ocorre desde a chegada dos colonizadores europeus, mas é nas décadas de 1930 e 1940, sobretudo nos congressos pan-africanistas que elas são elaboradas. É especial o congresso de 1945, ocorrido em Manchester, na Inglaterra, onde

6 É preciso distinguir o processo colonial do neocolonial. O primeiro ocorre diante do avanço do pré-capitalismo, tem mecanismos de produção e reprodução bem distintos do segundo, este já sob a égide do capital monopolista. A África, ao contrário do território americano, só foi invadida nesse período - ainda que inúmeras tentativas ocorressem desde o século XV por parte dos europeus.

7 Não tenho pleno acordo com a produção teórica do cientista social Carlos Moore, mas considero o livro *A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro*. 2010 um texto exemplar. Nesta brochura, Moore apresenta algumas estatísticas e informações sobre o processo neocolonial. É possível compreender, a partir dos dados apresentados pelo autor, quais eram as matérias primas necessárias para o desenvolvimento da indústria no início do século XX e a existência desses materiais, alguns em abundância, no território africano.

Em seu livro clássico *Neocolonialismo: último estágio do imperialismo* (1965), N’Krumah discute um projeto econômico para o continente africano, diante do capital internacional.

se destaca, entre as lideranças intelectuais presentes, Kwame N’Krumah (1909-1972), ganense e figura ímpar entre os pan-africanistas que propuseram um projeto de saída em bloco ao continente africano frente à libertação e à consolidação econômica pós independência.

Em seu livro clássico *Neocolonialismo: último estágio do imperialismo* (1965), N’Krumah discute um projeto econômico para o continente africano, diante do capital internacional. Recupera as teses de Lenin sobre a característica predatória do capital internacional para com países subdesenvolvidos.

N’Krumah aponta para o desenvolvimento urbano e industrial, mesmo que financiado pelo capital estrangeiro - o contrapeso seriam as contrapartidas exigidas pelo bloco que diminuiriam o peso

ARTE: LUCIANO FERRELLI

Kwame Nkrumah



do capital central na negociação - como projeto de transição e inserção do continente africano na moderna sociedade capitalista. Ainda que se mantenha alinhado política e eticamente ao eixo comunista, para N'Krumah a análise concreta da sociedade africana exigia que a transição e a consolidação de uma independência produtiva fosse um primeiro foco, por todos os meios necessários.

Essa rápida incursão na obra de N'Krumah e sua relação com a analítica leniniana permite uma inferência não causal e que arremata nossa proposta de discussão. Como bem apresentado por Weber Lopes e Renata Gonçalves⁸, Lenin sempre destacou

8 GONÇALVES, R; LOPES, W. *À margem de Outubro: comunistas e questão racial no Brasil*. Revista Lutas Sociais, Nº 37, 2017.

a importância da autodeterminação dos povos e das lutas empreendidas por povos explorados e oprimidos contra o racismo como fonte potencial de luta contra o capitalismo. Inclusive superando limites e resistências nas elaborações sobre camponeses e não europeus de seus pares políticos, como bem ressaltado por Marcos Del Royo⁹, superou e compreendeu determinações extraeconômicas que reverberam na economia e na política. Sua produção, ao alcançar a nervura do movimento do real, possibilitou um efeito carambola em temas marginais para o marxismo.

Nas elaborações teóricas contemporâneas para a esquerda marxista, a retomada desses clássicos, tal como

9 DEL ROYO, Marcos. *O impacto da revolução russa e da internacional no Brasil*. In. QUARTIM DE MORAES, J; REIS, D.A (ORG). *História do marxismo no Brasil: O impacto das revoluções (Vol. 1)*. Campinas: Unicamp, 2007.

Lenin e N'Krumah, podem possibilitar efetivamente um cotejamento mais fidedigno entre passado e presente, criando horizontes de visibilidade mais largos. O conteúdo reprimido da revolução passa, não só pela recordação, mas também pela elaboração. Elaboração de um projeto de transição que compreenda os verdadeiros dramas humanos contemporâneos e, partindo deles, efetive a revolução social que ponha fim aos grilhões do capital.



Márcio Farias é doutorando em Psicologia Social PUC/SP, Membro do Nutas (Núcleo de Estudos e Pesquisas, Trabalho e Ação Social), coordenador do Nepafro (Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-Americanos), membro da coordenação do Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil.

O INCÔMODO DE KOLLONTAI:

a Revolução Russa e as prostitutas



Daniela Mussi

Uma das primeiras decisões do Governo Provisório estabelecido pela Revolução de Fevereiro de 1917 foi a abolição do antigo sistema de inspeção e multa às prostitutas e seus clientes. A medida visava

transformar radicalmente a maneira de lidar com a questão da prostituição sob o novo governo, de forma diferente da política czarista, estruturada na lógica da punição às mulheres ou, quando muito, da tolerância à exploração sexual sustentada na dupla moral sexual

masculina.

Naquela época a prostituição era uma prática transversal na sociedade russa, sendo que prostitutas de luxo em hotéis, bordéis e cafés de alta classe conviviam com mulheres pobres e desempregadas, que ofereciam seus corpos nas ruas e pra-

ças das grandes cidades. Tampouco se restringia a uma faixa etária somente, sendo comum a prostituição de “meninas, quase crianças, com maquiagem carregada, olhar meio bêbado, cigarro dependurado entre os dedos”, conforme relato da época.

Durante os anos da guerra civil que se seguiu à tomada do poder pelos bolcheviques em outubro de 1917 e a instauração da ditadura do proletariado, as prostitutas pareciam ter desaparecido das ruas das cidades soviéticas, enquanto bordéis floresceram nos centros “brancos” – defensores do czar – como Omsk, Rostov e Vladivostok. Não se pode dizer que prostituição tenha “desaparecido” devido a uma política social direcionada à proteção das mulheres. As razões para tal devem ser encontradas em outras circunstâncias, tais como a falta de dinheiro, a entrada de uma parte das prostitutas no mercado de trabalho, a fuga ou o confisco de bens das pessoas de posses, a nacionalização ou o fechamento de hotéis, cafés e outros lugares onde a prostituição se dava. Com a retirada de seus requisitos – meio de troca, compradores, vendedores e camas disponíveis – a prostituição entrou em eclipse nestes primeiros anos.

“Quando a revolução bolchevique aconteceu”, escreveu uma prostituta nas páginas do Pravda, “nossos ganhos despencaram; não sei se devido à liberação do casamento ou ao fechamento das ‘esquinas’, não saberia dizer”. Documentos e escritos desse período mostram, contudo, que a prostituição seguiu existindo depois da guerra civil e que passou a ser preocupação consciente de dirigentes e ativistas

Alexandra Kollontai: “A prostituição continua a existir e ela afeta o sentimento de solidariedade entre trabalhadores e trabalhadoras e este sentimento é a base do comunismo”

revolucionárias. Em 1921, a importante dirigente bolchevique russa, Alexandra Kollontai, escreveu o artigo *A prostituição e as formas de combatê-la*, apontando para o fato de que em que este era um tema ainda pouco discutido na Rússia Soviética: “A prostituição continua a existir e ela afeta o sentimento de solidariedade entre trabalhadores e trabalhadoras e este sentimento é a base do comunismo”, escreveu.

Para Kollontai, o fechamento dos bordéis e a aprovação de novas leis que modernizavam temas como divórcio e reconhecimento da paternidade das crianças eram importantes, mas não excluía a



FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO

necessidade de “ir fundo nas razões que explicam a prostituição” e sua existência continuada. O mais grave, a seu ver, era o fato de que a prostituição havia sido completamente marginalizada enquanto questão soviética, apesar do reconhecimento público de que era um problema que afetava a sociedade que se construía. Em outras palavras, mesmo na sociedade soviética persistia a hipocrisia no tratamento do tema, e Kollontai atribuía o “silêncio” a respeito em parte à dupla moral burguesa não superada e, em parte, à relutância em reconhecer que esta prática afetava em larga escala a vida e o trabalho coletivo.

“A falta de entusiasmo [para discutir a questão da prostituição] se reflete em nossa legislação”, continuava, que até então não tratava especificamente das causas e dos impactos da prostituição na vida das mulheres. “Quando as leis czaristas foram abolidas, os estatutos relativos à prostituição também o foram, mas nenhuma medida con-

dizente com os valores do trabalho coletivo foi estabelecida no lugar, o que fez com que a política pública soviética a este respeito fosse contraditória e oscilante”, afirmou. Em

A atitude vaga da política soviética diante de um fenômeno social complexo provocava distorções que afetavam diretamente os princípios legislativos e morais que haviam sido estabelecidos com a revolução

alguns lugares, as prostitutas seguiam sendo tratadas como caso de polícia; em outros os bordéis operavam abertamente sem nenhuma forma de controle; e havia casos em que prostitutas eram tratadas como criminosas e enviadas para campos de trabalho forçado.

A atitude vaga da política soviética diante de um fenômeno social complexo provocava distorções que afetavam diretamente os princípios legislativos e morais que haviam sido estabelecidos com a revolução. Kollontai, como muitas ativistas e dirigentes de sua época, encarava a prostituição como “um fenômeno estreitamente vinculado à falta de renda [pelas mulheres] e que prospera em épocas dominadas pelo capital e pela propriedade privada”. As prostitutas, para Kollontai, eram “as mulheres que vendem seu corpo por algum benefício material – comida decente, roupas e outras vantagens”. No espírito da época, concluía “são mulheres que evitam a necessidade trabalhar ofe-

FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO



recendo-se a um homem, temporária ou permanentemente”.

A visão de Kollontai pode parecer “anacrônica” para os dias de hoje, quando o feminismo foi capaz de estruturar uma visão mais abrangente do fenômeno da prostituição, sem reduzi-lo à ideia de “mulheres que não querem trabalhar”. Ao mesmo tempo, é possível dizer que ela estabelece a base para repensar criticamente as instituições familiares – particularmente o casamento – como mediadas por relações de compra e venda. Em todo caso, é importante considerar que no momento em que Kollontai escreve, era comum o argumento “biológico” a respeito das mulheres que se prostituíam, ou seja, era aceita a ideia de que a prostituta era uma mulher nascida “com marcas da corrupção e da anormalidade sexual”. Kollontai confrontava esta ideia com a observação de que “em tempos de crise e desemprego o número de prostitutas cresce” e que este fenômeno não poderia ser

explicado com argumentos biológicos quaisquer. “Por que tantas mulheres se prostituem apenas em anos de fome e desemprego?”, perguntava. Para a revolucionária russa, a prostituição deveria antes de mais nada ser compreendida como uma questão social, intimamente ligada à falta de moradia, à pobreza aguda e à necessidade de muitas mulheres alimentarem crianças (filhos, irmãos etc.).

Em 1921, portanto, ao olhar para o problema da prostituição, Kollontai concluía que, na Rússia revolucionária, “as relações entre os sexos estão sendo transformadas, mas ainda estamos limitados por velhas ideias.” Com este sentimento, evocava o texto recém-aprovado pelo Congresso de Camponesas e Trabalhadoras de toda a Rússia: “Uma mulher da república soviética do trabalho é uma cidadã livre e não pode ou deve ser objeto de compra e venda.” Os termos nos quais o problema era colocado eram o do combate à prostituição como uma forma de “deserção do trabalho”, de salário “não merecido”. A argumentação de Kollontai neste sentido era bastante rígida e, ao mesmo tempo em que expõe as contradições, representa os limites da elaboração e da cultura das mulheres soviéticas no período imediatamente posterior à guerra mundial, à revolução e à guerra civil.

As prostitutas, assim como os soldados que abandonavam o front, eram vistas como “mulheres desertoras” e de “mentalidade política atrasada” e, neste sentido, poderiam em certas circunstâncias serem “forçadas a trabalhar”, afirmava Kollontai, assim como as “donas de casa”. Estas são afirma-

ções surpreendentes para a cultura feminista dos dias de hoje e incômodas para quem quer resgatar a importância e a possível atualidade das ideias das revolucionárias russas para as lutas das mulheres. Em todo caso, Kollontai fala da possibilidade de forçar as mulheres que se negarem a tomar parte na produção ou no cuidado das crianças, “mesmo se estas forem esposas de comissários”. O que ela quer dizer com isso?

Kollontai parte da premissa de que a cultura e os valores burgueses – individualistas e mercantis – não foram “superados” pela revolução e continuavam a estruturar as relações entre homens e mulheres na Rússia soviética. Esta cultura e estes valores, por sua vez, encontram expressão mais grave entre aqueles que possuíam prestígio e poder, ou seja, nos representantes soviéticos. Pesquisas mais recentes sobre a participação das mulheres na Revolução Russa, como aquela levada a cabo por Richard Stites no fim dos anos 1970, evidenciaram que de fato a presença de mulheres em organismos dirigentes e como representantes políticas era escassa nos primeiros anos após a revolução e cresceu de maneira lenta e sempre oscilante. Mostra, ainda, o esforço permanente do Zhenotdel – Departamento de Mulheres criado depois da revolução e no qual Alexandra Kollontai teve um papel importante – para promover a inclusão feminina nas instituições políticas da nova sociedade.

Se as mulheres não estão presentes de maneira ativa nos organismos soviéticos de representação e poder e, portanto, não podem falar por si mesmas, como esta socieda-



Marcha de mulheres, sob a liderança de Kollontai, antes da revolução de fevereiro de 1917

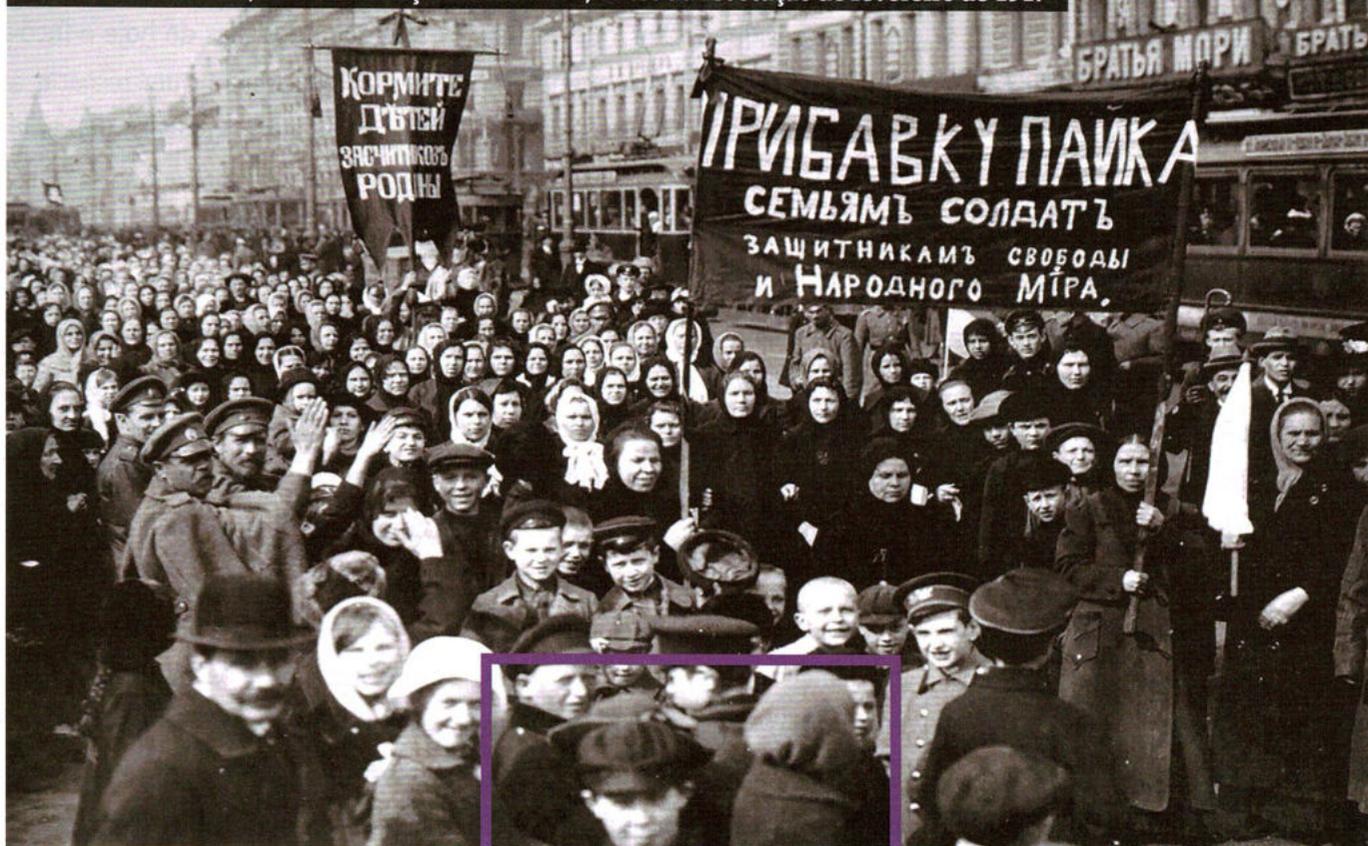


FOTO: DOMINGO PUBLICO

de seria capaz de lidar de maneira efetiva com uma questão tão fundamentalmente feminina como a prostituição? Kollontai acreditava que, se as mulheres fossem paulatinamente deslocadas para o ambiente produtivo da fábrica e dos serviços, encontrariam formas mais viáveis para lutar pela inclusão progressiva na política soviética. Além disso, via na legislação uma forma de coibir a manutenção de relações “burguesas” entre os dirigentes soviéticos e as mulheres, ou seja, uma forma de prevenir a reprodução dos privilégios destes no regime que se instaurava.

Apesar dos limites de sua argumentação, os receios de Kollontai a respeito dos perigos da “exceção” aos privilégios do “comissário” sobre as mulheres soviéticas tinham fundamento. Ao longo da década de 1920, com o estabelecimento da NEP (Nova Política Econômica) e a conformação progressiva de uma gigantesca burocracia estatal, o re-

Por volta de 1921, de acordo com estatísticas soviéticas, existiam 17 mil prostitutas em Petrogrado e dez mil em Moscou. No ano seguinte este número total passou para 32 mil, ou seja, semelhante ao que existia antes da revolução de 1917

aparecimento sistemático da prostituição foi uma surpresa dolorosa. Por volta de 1921, de acordo com estatísticas soviéticas, existiam 17 mil prostitutas em Petrogrado e dez mil em Moscou. No ano seguinte, este número total passou para 32 mil, ou seja, semelhante ao que existia antes da revolução de 1917. Em sua pesquisa, Stites mostra que, apesar dos bordéis serem proibidos nesta época, lugares para encontros informais começaram a aparecer. Onde estes não estavam disponíveis, as relações aconteciam em dormitórios de mulheres, jardins, florestas.

Os cassinos e hotéis se encheram de estrangeiros e dos “homens de negócios da NEP”, e de “filhas da fome e da revolução que possuíam apenas sua juventude para vender e estavam sedentas demais pela vida para se inserir na lista dos suicidas”, nas palavras de Victor Serge. Quem eram as prostitutas soviéticas neste novo contexto? Estimativas sovi-

éticas mostram que 43% eram de origem camponesa, 14% de origem na classe operária e 42% vinham dos estratos sociais dissolvidos pela revolução (sendo 21% destas vindas da burguesia, 14% da classe comerciária, 7% da classe proprietária de terra). Se, por um lado, as estatísticas da prostituição evidenciam a drástica transformação das relações de classe na Rússia depois de 1917 – com ônus evidente para as mulheres das famílias burguesas e latifundiárias – explicitam também a situação de fragilidade e exposição das mulheres pobres, especialmente as camponesas, à exploração sexual.

Por um lado, as políticas sociais soviéticas foram capazes de diferenciar-se do espírito de regulação czarista da vida das mulheres, essencialmente policialesco, e neste sentido foram capazes de resguardar certos direitos às prostitutas. A dificuldade em tratar a prostituição e a vida das prostitutas de maneira aberta, específica e sistemática, contudo, acabou por fazer com que boa parte das medidas relativas à exploração sexual não conseguisse sair dos limites da assistência. É importante notar que este era um dos receios de Kollontai, ou seja, de que as mulheres russas seguissem sendo tratadas pelo Estado soviético como inferiores e subalternas. Além disso, em alguns casos, o assistencialismo em relação às prostitutas tinha por consequência o surgimento de uma imagem negativa

pelas mulheres que eram acolhidas pelas instituições do governo soviético, que passavam a percebê-las como algo não muito diferente das antigas prisões do czar.

Neste sentido, é de enorme valor a história das prostitutas no contexto da Revolução Russa, assim como é difícil reconstruir individualmente a trajetória destas mulheres devido à invisibilidade característica com que são tratadas. Este valor reside, justamente, nos contrastes que a vida delas revelam. Foi no esforço por lidar com estes contrastes que as revolucionárias russas começaram por individualizar uma dimensão problemática no interior da sociedade nova que construíam. Contudo, não havia para elas elaboração sobre os sujeitos possíveis da luta das mulheres capaz de, em algum nível, conectar as mulheres operárias e camponesas às prostitutas.

Kollontai não discutiu em termos

“feministas”, portanto, mas percebeu que a política revolucionária de sua época não dava conta do problema das mulheres em sentido amplo. Em suas ideias, conviveram certo economicismo para lidar com o problema da prostituição e o incômodo com o desprezo a respeito desta questão no interior da Rússia soviética. O incômodo de Kollontai encontraria lugar de reflexão e desenvolvimento muito tempo depois, no interior de uma cultura feminista que ela não conheceu. Uma cultura que acolheu e aceitou a prostituta como uma mulher trabalhadora e, ao fazer isso, permitiu que a luta das revolucionárias russas continuasse a vibrar na história.



Daniela Mussi é pós-doutoranda em Ciência Política na Universidade de São

Paulo, editora da revista Outubro e ativista filiada ao PSOL-SP.

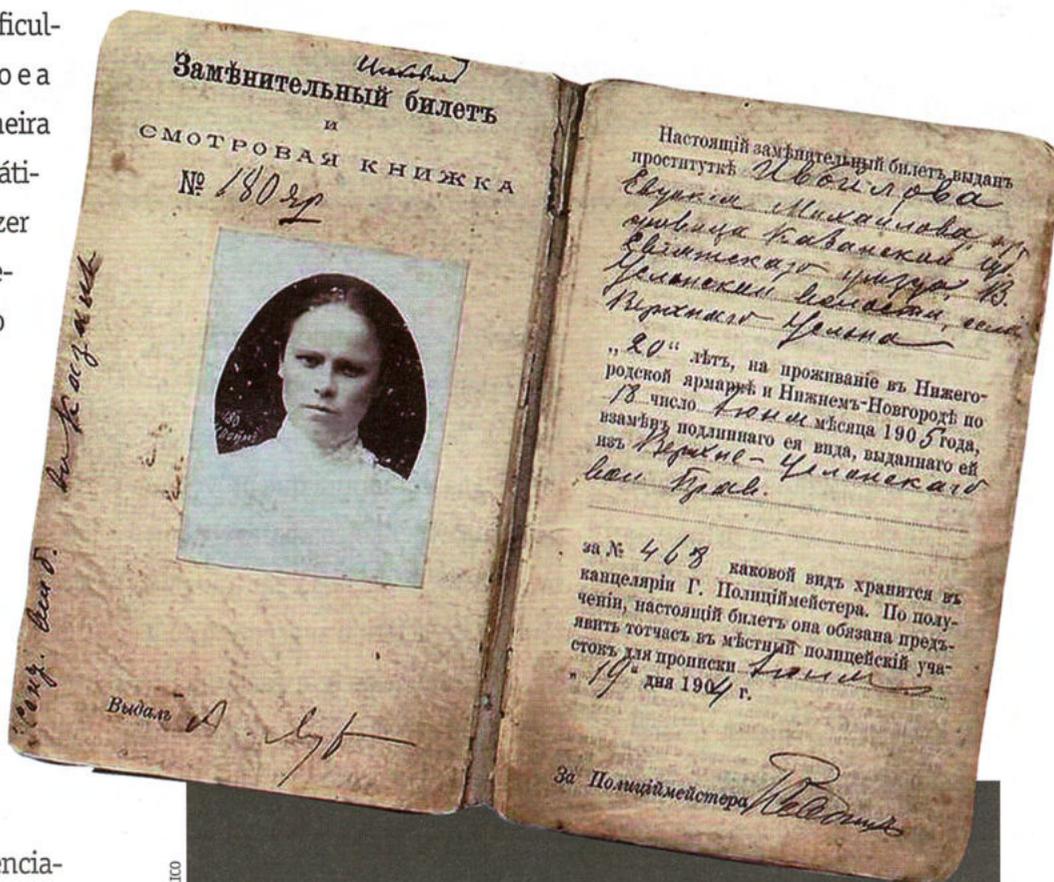


FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO

O bilhete substituto (“amarelo”), a primeira volta do certificado para o direito de trabalhar como prostituta na Feira de Nizhny Novgorod para 1904-1905 (fonte: Livejournal)



A economia russa no momento da revolução

Rosa Maria Marques

Praticamente tudo já se disse sobre os acontecimentos de Outubro de 1917, tal o volume de livros e artigos existentes sobre a Revolução Bolchevique. Afora ela, o interesse manifesto somente é comparável à produção relativa à Grande Guerra, como era chamada a Primeira Guerra Mundial, e à Segunda Guerra Mundial, com o genocídio de milhões de judeus.

Da Revolução de 1917, não há aspecto que não tenha sido detalhado,

analisado e redefinido, a partir das várias lentes que se debruçaram sobre ela. Tal interesse explica-se pela influência duradoura que provocou no século XX, não comparável a outro evento. Passados cem anos da revolução, e tendo presente que a Rússia de hoje não tem qualquer relação com aquela dela nascida, que resultou na União dos Estados Soviéticos, que interesse haverá em se retomar os traços gerais de sua economia no momento do evento e nos primeiros anos que se seguiram? Eis o desafio que os editores da revista

SOCIALISMO e LIBERDADE me fizeram. O atrativo está em fornecer às jovens mulheres e homens de hoje, que estão engajados na construção de uma sociedade melhor no Brasil, elementos que lhes sirvam para melhor compreender os desafios que a tomada do poder colocaram aos revolucionários daquela época.

Lembremos, em primeiro lugar, que a Rússia era um país atrasado, com uma economia estagnada, cuja ampla maioria da população, (de 150 milhões a 171 milhões de pessoas, conforme a fonte; a maior



população total, concentravam-se nessas cidades, particularmente em Petrogrado. A indústria recente, construída com capital francês e inglês, era composta de fábricas com tamanhos significativos, tal como aconteceu nos países de industrialização tardia, concentrando número razoável de trabalhadores, o que foi importante no momento da sublevação.

A Revolução de Outubro, como não poderia deixar de ser, foi resultado da interação de um conjunto de fatores. Para nosso propósito, é importante destacar a incapacidade do Estado russo (e de sua economia) em garantir a manutenção de seu imenso exército de camponeses durante a Guerra Mundial. De fato, ele não estava preparado para enfrentar um conflito com aquelas características: mais moderno, em vários aspectos, e abrangendo um campo de batalha de enorme extensão. Rapidamente se fez sentir a falta de armas e a ausência de um abastecimento adequado, tanto para repor a munição, como para fazer chegar alimentos aos soldados.

E isso era cada vez mais sentido na medida em que a guerra se prolongava. Na batalha iniciada em 10 de janeiro de 1917, diante do rio Riga, por exemplo, durante dez dias a artilharia russa ficou literalmente paralisada por falta de munição, ocorrendo um verdadeiro massacre das tropas. Enquanto isso, durante a guerra os campos eram lavrados com dificuldade crescente e a carência de alimentos aumentava.

À situação no *front* se somavam questões agudas de ordem política, econômica e social, levando a que, em pouco tempo, a Rússia assistisse à queda de seu czar, à instalação do Governo Provisório e à revolução bolchevique. Os relatos da época mostram que o número de operários em greve era de tal proporção, tão inusitado, que não tinha paralelo em outros países, mesmo naqueles muito mais industrializados. A falta de alimentos, respondida pelo Estado com racionamento, insuflava os saques em todo o país, com destaque aos ataques a casas de propriedade de alemães, em Moscou. Ao final de 1916, o custo de

da Europa), composta largamente por analfabetos, estava espalhada em torno de pequenas aldeias por seu imenso território: 80% da população viviam no campo. A emancipação dos servos ocorrera muito recentemente, no período de 1860 a 1866, e as revoltas e manifestações camponesas faziam parte da história russa, inclusive no início do século XX.

Ao mesmo tempo, a população urbana era altamente concentrada em Moscou e Petrogrado, e os operários, que representavam 3% da

A falta de alimentos, respondida pelo Estado com racionamento, insuflava os saques em todo o país, com destaque aos ataques a casas de propriedade de alemães, em Moscou. Ao final de 1916, o custo de vida havia subido vertiginosamente



vida havia subido vertiginosamente. Isso, somado à desorganização do transporte e à escassez generalizada, reduziu o consumo a menos da metade. Nas fábricas, a discussão preparatória das manifestações e greves tratava do abastecimento, do custo de vida e da guerra.

No momento da tomada do poder, em outubro de 1917 (novembro, no calendário ocidental), quando os bolcheviques obtiveram 399 delegados de um total de 649 reunidos no II Congresso Panrusso dos Sovietes de Operários e Soldados, entre os decretos aprovados, destaca-se o da terra. Nele, foi abolida a propriedade da terra dos grandes proprietários, mediante expropriação sem indenização; garantido o direito de uso para todos, sem distinção de sexo; e proibidos a venda e o arrendamento, além da contratação de trabalho assalariado. A exploração de minerais passou a

Em março de 1918, foi firmado o tratado de Brest-Litovski, momento em que a Rússia bolchevique precisou ceder vastas extensões de seu território (com destaque para a Ucrânia) ao domínio alemão

ser de uso exclusivo do Estado. Seguiram-se a nacionalização (hoje se diria estatização) da grande indústria, dos bancos, das ferrovias e da marinha mercante. No plano econômico, ainda, uma das primeiras medidas dos bolcheviques, e de importância chave, foi a instituição do monopólio comércio exterior do Estado, de modo que todas as transações realizadas com países estrangeiros passaram a ser por ele centralizadas. Se na época, essa questão era importante, bem como a nacionalização dos bancos, mais ainda o é em um mundo globalizado e financeirizado, tal como hoje.

Ainda no momento da tomada do poder, e como consequência do primeiro decreto do II Congresso Panrusso dos Sovietes, foi paralisado o conflito com a Alemanha. Como sabido, essa atitude recebeu o repúdio veemente dos aliados de então. E essa indignação foi reforçada



Brest-Litovsk: tropas alemãs sob o comando do general Eichhorn ocuparam Kiev. Março de 1918. (Março de 1918)

quando tomaram conhecimento da expropriação de terras e de fábricas, da nacionalização dos bancos e de que as dívidas contraídas pelos governos anteriores não seriam reconhecidas. Em março de 1918, foi firmado o tratado de Brest-Litovsk, momento em que a Rússia bolchevique precisou ceder vastas extensões de seu território (com destaque para a Ucrânia) ao domínio alemão. Embora considerasse os termos do tratado inevitáveis, Lenin qualificou a paz que se seguiu de “vergonhosa”.

Cessado o conflito mundial, com a derrota da Alemanha em novembro de 1918, os exércitos brancos, que faziam a luta contra a revolução, receberam o reforço de dez forças estrangeiras diferentes: britânica, estadunidense, francesa, canadense, sérvia, finlandesa, romena, turca, grega e japonesa, todas empenhadas em derrotar o governo que havia ousado realizar expropriações e não pagar sua dívida.

Nos últimos meses de 1919, no entanto, só restavam em solo russo, tropas japonesas e estadunidenses. Nos demais países, motins e manifestações de protesto impediram a continuidade do envio de homens para lutarem ao lado do exército branco, o que foi compensado pelo aumento de remessas de armas e munições. A guerra civil teve fim, no início de 1921, com a vitória do Exército Vermelho, organizado e comandado por Leon Trotski.

Durante todos esses anos, da tomada do poder pelos bolcheviques ao fim da guerra civil, a economia russa foi devastada. Ao quadro de destruição provocado pela Grande Guerra, somava-se uma escassez crônica de alimentos, principal-

FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO



Fila do pão, foto de 1917

mente nas aldeias, e um processo de desindustrialização ocasionado pelo estado de abandono de fábricas e pela destruição física de parte da classe operária. A fome e o frio faziam parte da realidade de milhões, pois a distribuição de terras feita no início da revolução não tinha sido acompanhada pela retomada da produção agrícola. A arrecadação de impostos era simplesmente inviável e o governo revolucionário não tinha outra saída senão imprimir moeda para dar conta de necessidades correntes. Esse período é conhecido como “comunismo de guerra”, quando as tentativas de reorganização da economia são tratadas com mão de ferro, no calor do momento e para fazer frente aos desafios imediatos e agudos, bem distantes das experiências posteriores, quando o planejamento foi considerado o principal instrumen-

to para garantir a efetividade das políticas econômicas.

Embora não relacionado à economia, é exemplo do pragmatismo imposto pelas circunstâncias de uma Rússia devastada e atacada o fato de que, para organizar o Exército Vermelho, Trotski tenha recorrido a instrumentos disciplinares associados ao exército do czar e a seus antigos integrantes, mobilizando um total de 30 mil oficiais, em 1919.

Assim, se foi relativamente fácil derrubar o fraco governo provisório, tarefa bem mais complexa era edificar sua substituição e realizar um controle efetivo do caos que havia se tornado o imenso território do antigo império russo.

Nas cidades e nos meios operários, a prioridade era o alimento, que precisava chegar ao meio urbano. Por isso, em junho de 1918 foram criados os comitês de campo-



Petrogrado, 1915

neses pobres, com o objetivo de supervisionar a coleta, a distribuição e o envio às cidades de grãos e de outros produtos agrícolas. Tiveram curta duração (foram abolidos em dezembro de 1918) e efetividade quase nula, não só porque, em diversas regiões, a extrema divisão das terras levou a que glebas produzissem um quantidade de alimentos próxima às necessidade de subsistência, mas também devido a outros fatores, em alguns casos decorrentes da relação conflituosa que se estabeleceu com o camponês médio.

Por isso, a rigor, a primeira medida real da fase do “comunismo de guerra” deve ser associada à nacionalização dos ramos mais importantes da indústria, o que foi feito também em junho de 1918. Nas fábricas, tal como no Exército Vermelho, os antigos diretores, administradores e engenheiros foram convidados a se somarem ao esforço de reorganização das ativida-

Nos três primeiros anos da revolução, fruto da situação deteriorada das cidades e do recrutamento para o front, houve despovoamento das cidades: Moscou perdeu 44,5% de sua população e Petrogrado, 57,5%.

des, para o qual recebiam salários diferenciados. O resultado, contudo, não foi muito animador, pois a demanda do *front*, agora da guerra civil, tinha prioridade no atendimento de suas necessidades. Além disso, havia falta de matéria prima e de alimentos e o transporte estava totalmente desorganizado (com a exceção do trem que servia ao Exército Vermelho). Nos três primeiros anos da revolução, fruto da situação extremamente deteriorada das cidades e também do recrutamento para o front, houve um verdadeiro despovoamento das cidades, de modo que Moscou perdeu 44,5% de sua população e Petrogrado, 57,5%.

Houve, também, várias tentativas de regularizar a distribuição da produção entre o campo e as cidades e mesmo nas cidades e entre elas. Os decretos emitidos, contudo, não passaram de letra morta. O que “funcionava” eram os homens do saco: homens que, ao irem ao campo, trocavam bens de consumo

simples por alimentos e os vendiam a preços exorbitantes na cidade. No período do “comunismo de guerra”, portanto, o que foi possível de ser feito foi manter o Exército Vermelho abastecido. Mesmo assim, com muita dificuldade, fazendo uso da combinação de métodos disciplinares com o entusiasmo revolucionário.

É interessante destacar que, em geral, quando autores falam do período do “comunismo de guerra”, o associam a políticas decididas de forma centralizada e com vistas a estabelecer certo grau de planejamento, ao mesmo tempo em que foram introduzidas a gratuidade para produtos e serviços considerados básicos ou instituídos preços fixos. Na verdade, essas ações tinham um alto conteúdo pragmático, muito embora possamos buscar justificativas no campo do marxismo. Apesar de derivadas da extrema necessidade colocada pelas circunstâncias, tiveram pouca efetividade.

Terminada a Guerra Civil, a economia russa estava ainda mais exaurida. Em 1921, a produção industrial representava 13% da registrada em 1913 e a agricultura produzia menos da metade, para os mesmos anos. O comércio exterior havia desaparecido totalmente. Frente a isso, segue-se uma tentativa de recompor a produtividade do campo, concedendo mais liberdade para o camponês médio para que este vendesse seu excedente (além da produção definida pelo poder central) a livre preço no mercado. Era o início da Nova Política Econômica (NEP), conjunto de medidas aprovado no X Congresso do Partido Comunista, em 1921. A NEP irá, ao longo de sua vigência (finda em 1928), combinar

No período do comunismo de guerra, o possível de ser feito foi manter o Exército Vermelho abastecido. Mesmo assim, com muita dificuldade, fazendo uso da combinação de métodos disciplinares com o entusiasmo revolucionário

elementos de mercado aos de uma economia centralizada, permitindo, para alguns casos, o arrendamento da terra e a contratação de assalariados. Como sabido, depois da morte de Lenin e da ascensão ao poder de Stalin, a orientação econômica dá uma guinada, tornando a economia altamente centralizada e organizada com base no planejamento. A NEP e o período posterior são outro assunto.



Rosa Maria Marques é professora titular do Departamento de Economia e do Programa de Estudos Pós-graduados em Economia Política da PUCSP. Ex-presidente da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP).



с ПОБЕДОЙ!

A ARTE DA REVOLUÇÃO

Luiz Arnaldo Dias Campos

Para os poetas, como Maiakovski, revolução significava literalmente a possibilidade de virar o mundo de cabeça para baixo.

Sendo assim ele encenou o julgamento de Deus, que acabou condenado e executado por um pelotão de fuzilamento, que le-

vantou os fuzis e atirou para os céus.

Estamos em 1918, Petrogrado. Revolução Russa. Em meio à neve e ao tifo, centenas de escritores, poetas, músicos, cineastas, dramaturgos e artistas plásticos se agitam pelas ruas e cafés. Tal como seus antecessores da Revolução Francesa, querem reinventar o mundo. Estão dando partida a um período de extraordinária vitalidade no campo da criação. A Revolução das Artes começou.

A ONDA VERMELHA

De 1918 à primeira metade da década de 30, a Rússia foi palco de transformações não somente nas esferas política e social, mas igualmente no campo cultural. Foi um parto intenso, que lançou no planeta movimentos estéticos de repercussão mundial, como o futurismo, na prosa e poesia, o construtivismo, na arquitetura e design, o suprematismo na pintura, e o cinema de montagem, na arte cinematográfica. Foi como uma explosão incontrolada leva-



da ao cabo em meio a dificuldades materiais inauditas, superadas pela vontade e o coração. Faltava papel e, por isso, se multiplicavam as leituras públicas de peças e poemas. Não havia dinheiro para fazer cinema, então milhares de cidadãos se alistavam gratuitamente como atores e figurantes dos filmes. Sem tintas, artistas criavam prodígios em preto, branco e vermelho. Um tempo inesquecível onde as palavras arte e revolução se converte-ram em sinônimos.

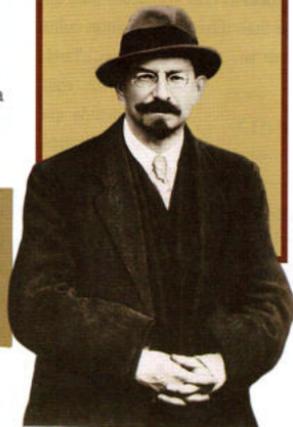
Evidentemente a revolução por si mesma não pode reivindicar o crédito de tal façanha. Mas ela forneceu alma e território para as tendências artísticas que já vinham se manifestando contra o academismo durante a monarquia. Entre os protagonistas estavam artistas democratas, libertários e inclusive bolchevistas, como o cineasta Eisenstein, voluntário vermelho durante a Guerra Civil, e Maiakovski, jovem revolucionário, preso duas vezes por agitação e propaganda, antes de assumir integralmente sua militância poética. Na última estrofe do seu poema *A plenos pulmões*, dedicado ao Comitê Central do Futuro, escreveu: "Quando perguntarem sobre a minha condição de bolchevique/ao invés do registro partidário/mostrarei os cem tomos/de meus livros militantes".

CHOQUE DE CORRENTES

Embora profundamente plural, a

vaga artística revolucionária tinha determinados princípios e anseios comungados pelos seus principais artífices: a noção da arte como algo cotidiano e corriqueiro, que devia se libertada das jaulas dos museus e academias, a paixão pela velocidade, a eletricidade, as máquinas, a geometria e o desejo apaixonado de transformar o mundo. Em mais de um destes sentidos, os realizadores russos se aproximavam de artistas de outros países, como o italiano Marinetti. Porém, ao contrário deste último, que acabou por se filiar ao fascismo italiano,

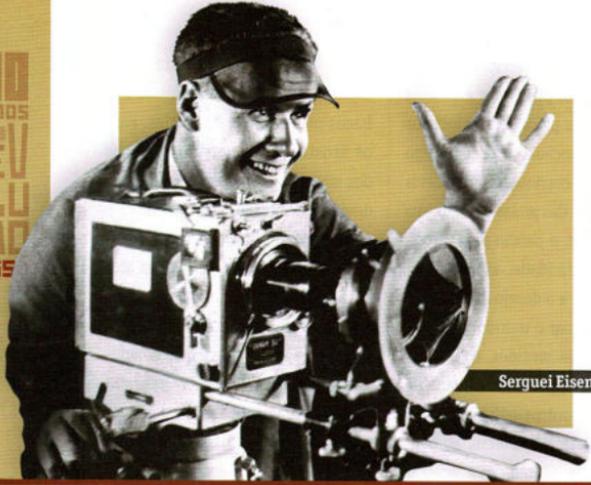
Até a consolidação do stalinismo, a polêmica se desenvolveu em liberdade, sem intervenção estatal. Em boa parte, porque o comissário para Instrução Pública, Lunacharsky, teve a sabedoria de manter o governo soviético longe da questão



rejeitavam a defesa da guerra, como higiene do mundo e a submissão dos fracos pela vontade dos fortes. Para os artistas revolucionários do país dos soviéticos, o objetivo final da arte devia ser a libertação dos povos.

Até o ano de o início dos anos 30, os artistas soviéticos ao par da sua produção sustentaram um debate vigoroso, por vezes até sectário, sobre qual corrente – das muitas que compunham o campo artístico – representava verdadeiramente a arte e a cultura proletária. Esta discussão se deu com maior agudeza e paixão no campo da literatura com escritores e poetas se engalfinhando pelas páginas dos jornais, recitais e ruas, disputando todas as correntes o reconhecimento oficial do Estado soviético. Até a consolidação do stalinismo a polêmica se desenvolveu em liberdade, sem intervenção estatal. Em boa parte, porque o comissário para Instrução Pública (espécie de Ministério de Educação e Cultura), Lunacharsky, teve a sabedoria de manter o governo soviético longe da questão. Lunacharsky, homem sensível, segundo conta John Reed, nos *Dez dias que abalaram o mundo*, apresentou sua renúncia – depois retirada – do Comitê Central do Partido Bolchevique, quando soube da notícia – falsa – de que seus correligionários teriam bombardeado o Kremlin. E chegou mesmo a advertir Maiakovski que o reconhecimento oficial de uma arte proletária poderia se voltar contra os próprios futuristas.

Uma de suas biógrafas registrou um encontro dele com um grupo de professores inconformados porque o governo não demitia o diretor reacionário de um liceu público. Diante da queixa, Lunacharsky teria perguntado: "E porque fariamos isto? Façam vocês mesmo. Realizem uma assembleia, demitam o diretor. O go-



Sergei Eisenstein

verno revolucionário reconhecerá vossa atitude."

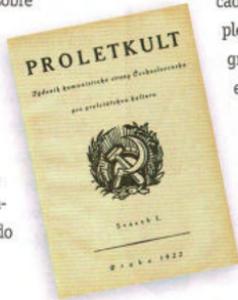
Lenin igualmente se absteve de tomar partido nas polêmicas que dividiam os artistas, fazendo apenas intervenções pontuais. A mais importante delas foi quando advertiu o grupo Proletkult, defensor do rechaço de toda a produção cultural realizada durante o antigo regime e ressaltou que todo processo revolucionário possui dois pólos: ruptura e continuidade, citando inclusive a admiração de Marx pela obra de Balzac. É conhecido também seu comentário sobre o poema *Contra o reunismo* de Maiakovski. Após ressaltar não fazer parte do rol de admiradores do poeta, Vladimir Ilitch elogiou os versos de crítica à burocracia.

Trotsky, por sua vez, impulsionado por seu voluntarismo não via relevância na discussão sobre a "arte proletária", ponderando que a ditadura do proletariado na Rússia seria um período transitório de "dezenas de anos, mas não séculos, e ainda mais milênios" devido

à inevitável vitória da Revolução Mundial e perguntava: "Pode o proletariado neste lapso de tempo criar uma nova cultura? Tanto mais favoráveis se tornarem as condições, tanto mais o proletariado se dissolverá na comunidade socialista."

No centro da tormenta, Lunacharsky buscava garantir o patrimônio cultural pré-soviético e proteger os "companheiros de viagem", como eram chamados os artistas que, embora não sendo explicitamente comunistas, participavam do processo revolucionário. O comissário também era poeta, frequentava os cafés literários, onde declamava seus versos e convivia cotidianamente com os produtores culturais. Amigo de todos ou de quase todos, procurou criar condições para que as mais diferentes vertentes culturais se desenvolvessem. Tarefa

cada vez mais complexa à medida que gráficas, teatros, estúdios, galerias e verbas iam sendo estatizados e os espaços e os poucos recursos públicos dis-



putados ferozmente pelas diversas tendências artísticas.

EXPLOÇÃO CRIATIVA

Livres da intervenção estatal os artistas prosseguiram freneticamente com suas polêmicas, que se transformavam em obras de grande variedade e qualidade estética. No teatro, o diretor construtivista Meyerhold se enfrentava com o realismo psicológico do Teatro das Artes de Moscou, dirigido por Stanislavsky, à frente da revista LEF (Frente de Esquerda). Maiakovski, Ossip Brik e outros se batiam contra as obras do grupo Irmão Serapião, encabeçada pelo grande poeta Serguei Iessenin, acusado pelos futuristas de produzir um trabalho nostálgico de um passado camponês. No cinema, Eisenstein rompe com o Proletkult, afirmando que este grupo "apesar de sua intenção vanguardista segue a cartilha da velha tradição".

O resultado do debate era enriquecedor e se traduzia em experimentos artísticos formidáveis no qual arte e revolução se retroalimentavam. Durante a Guerra Civil, no esforço de mobilização para a luta contra os brancos, trens de cinema percorriam o país, filmando, revelando, montando filmes nos seus vagões para serem exibidos nos povoados mais distantes. Na mesma toada, Tatlin fez o projeto da sede da Internacional Comunista, uma torre de 400 metros de altura, em espiral e giratória, que se inclinaria para os pontos cardeais, demonstrando assim o zelo da Internacional pelos povos dos quatro continentes. Malevitch e Kandinsky proclamavam que o objetivo da arte é organizar a vida, e não decorá-la, e decretavam o fim da pintura de cavalete.

Este gigantesco esforço criativo

Tatlin e outros passa a ser uma tendência mundial, influenciando movimentos como o De Styl, de Mondrian e a Bauhaus alemã.

Já em 1921, a grande bailarina britânica Isadora Duncan enviava uma carta ao governo soviético pedindo para lecionar balé na Rússia. Lunacharsky telegrafou de volta: "Venha a Moscou. Nós lhe daremos sua escola e mil crianças. Poderá executar sua ideia em grande escala". Isadora foi e coreografou a Internacional, duas marchas fúnebres em homenagem a Lenin e uma série de danças inspiradas em canções revolucionárias do mundo inteiro, executadas pelo seu balé de jovens proletárias, debaixo do aplauso de platéias que iam desde a capital russa até a Sibéria e a China.

A REVIRAVOLTA

A partir da morte de Lenin, em 1924, as transformações no poder soviético, com a consolidação de Stalin, começam a incidir decisivamente na revolução artística em curso. A recém surgida Associação dos Escritores Proletários- RAPP (iniciais em russo), formada em boa parte por egressos do Proletkult e articulada com a nascente burocracia

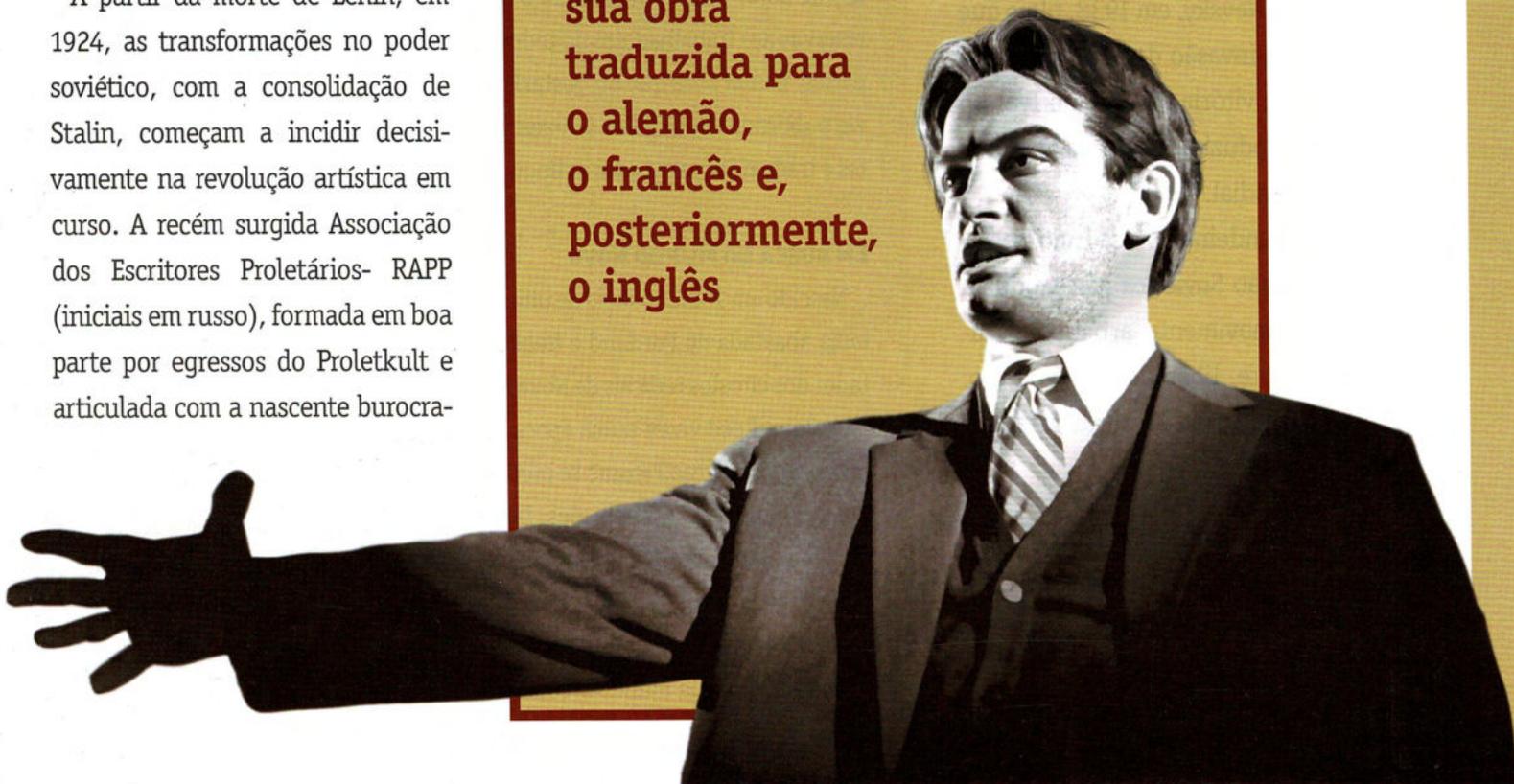
único de cunho positivista, baseado na literatura e no cinema na exaltação de "heróis proletários", sem nenhum tipo de mácula e na apologia das realizações do Estado.

Nas artes plásticas, condenam o abstracionismo, considerado "arte decadente" e propugnam um retorno à pintura figurativa e decorativa. Ferindo a dialética, advogam por uma arte maniqueísta, na qual o bem enfrenta e triunfa sobre o mal. A escalada é rápida: em 1925, o Comitê Central se posiciona contra o abstracionismo. Quatro anos depois Lunacharsky, descontente e impotente se demite do Comissariado das Artes, vindo a falecer pouco depois. No ano



seguinte, Maiakovski, assediado por dilemas amorosos e fortemente abalado pelas críticas devastadoras ao seu trabalho - embora fosse o poeta mais popular da União Soviética, arrastando milhares de pessoas aos seus recitais - é chamado de esnobe e produtor de uma obra sem sentido para as massas proletárias e se suicida. Em 1932 é ordenada pelo governo a dissolução de todos os

Reconhecido como o "poeta da revolução", Maiakovski tem sua obra traduzida para o alemão, o francês e, posteriormente, o inglês



grupos culturais e a unificação forçada dos artistas em uma única entidade de cunho oficial. Em 1934, em resolução proposta por Andrej Zdanov, o estilo realismo socialista, que consolida as tendências manifestadas pela RAPP é adotado pelo Comitê Central do partido soviético, como o padrão oficial das artes no país.

DESTINOS E ENCRUZILHADAS

Dispersos e muitas vezes sem condições de prosseguirem suas pesquisas artísticas, os protagonistas da vanguarda cultural russa conheceram destinos distintos. Meyerhold foi preso e assassinado na prisão em 1940. Tatlin e Malevitch acabaram retornando à pintura figurativa. Rodchenko, que sobreviveu ao stalinismo, só teve a primeira exposição do seu trabalho fotográfico em 1957, um ano depois de sua morte. Eisenstein, cujo filme *Outubro*, baseado no livro *Dez Dias que Abalaram o Mundo*, de John Reed, apesar do sucesso mundial, tinha sido duramente criticado no II Congresso dos Trabalhadores do Cinema Soviético foi o mais bem sucedido, embora tendo trocado seus heróis coletivos - marca registrada de *A greve*, *O encouraçado Potemkin* e *Outubro* - pelo herói individual exigido pelo realismo socialista, conseguiu criar obras primas como *Alexandre Nevsky*, em 1938, filme que profetiza a invasão da URSS pela Alemanha e a vitória soviética e *Ivan*, o terrível, produzido em plena Segunda Guerra Mundial.

Sob a bandeira do realismo socialista, a União Soviética não produziu qualquer movimento artístico significativo. Arte, liberdade e revolução. Cada uma precisa das outras para juntas florescerem.



Luiz Arnaldo Dias Campos é cineasta e militante do PSOL.

John R

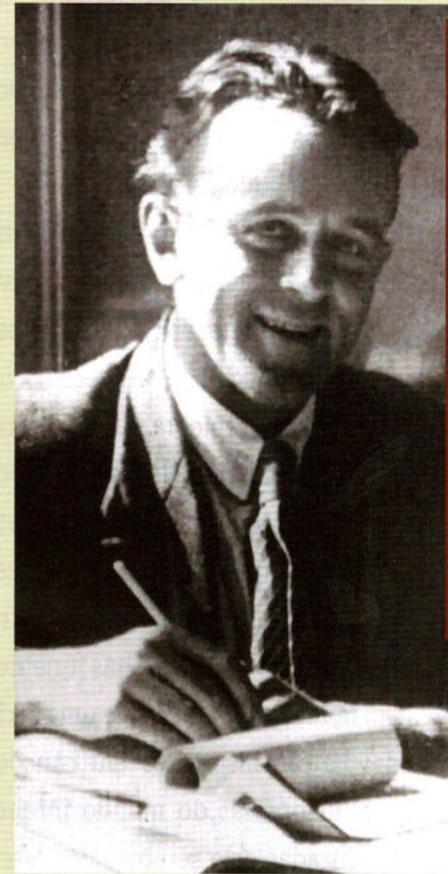
o cronista maior d

Na muralha do Kremlin, perto do jazigo do astronauta Yuri Gagarin, está sepultado o jornalista norte-americano John Reed, autor do clássico *Os Dez Dias que Abalaram o Mundo*. Por uma espécie de coincidência ao lado do primeiro homem a ver a Terra desde o espaço, repousa o escritor que certa vez afirmou: "Eu vi um novo mundo nascer".

Maior cronista da Revolução de Outubro de 1917, John Reed repousa com razão dentro do muro onde estão enterrados os heróis da antiga União Soviética. Seu livro é até hoje o principal relato dos dias febris que culminaram com a instauração da primeira república socialista da Humanidade. Considerado pela Universidade de Nova York um dos dez melhores trabalhos jornalísticos do século XX, teve a sua primeira edição prefaciada pelo próprio Lenin que afirmou: "Com imenso interesse e igual atenção li até o fim o livro *Os dez dias que abalaram o mundo*, de John Reed. Recomendo-o sem reservas aos trabalhadores de todos os países. É uma obra que eu gostaria de ver publicada aos milhões de exemplares e traduzidas para todas as línguas."

EM BUSCA DO MUNDO NOVO

Nascido em 1887, no meio de uma família abastada de Portland e frequentador dos círculos radicais de Nova Iorque, John Reed viveu numa época em que as crises do capitalismo se precipitavam em guerras e revoluções. Dotado de um faro jornalístico excepcional e uma consciência política aguçada escolheu seguir a trilha que anunciava o nascer de novos mundos. Começou



em casa, cobrindo as greves operárias, que geralmente enfrentavam uma dura repressão policial. No seu texto *A guerra do Colorado*, que obteve grande repercussão, denunciou o massacre de Ludlow, no qual mineiros grevistas foram abatidos a tiros pela Guarda Nacional, a mando da família Rockefeller. A partir daí começou a ser considerado um dos mais importantes jornalistas da América do Norte.

No começo de 1914 atravessou a fronteira e no México acompanhou o líder revolucionário Pancho Villa, durante a guerra civil movida pelos pobres contra o despótico regime de latifundiários e banqueiros. Sua experiência de quatro meses rendeu mais tarde o livro *México insurgente*, que impressionou por revelar o caráter de classe do conflito e as nobres intenções de Villa, até então visto apenas como

Reed Revolução

Krupskaya: "John Reed não foi um observador indiferente. Revolucionário na alma, comunista, ele compreendeu o sentido da grande luta. Daí sua aguda visão, sem a qual lhe teria sido impossível escrever um livro como este."



um sanguinário bandoleiro.

Mal regressara aos Estados Unidos, Reed embarca para a Europa para cobrir como correspondente a guerra mundial que recém começara. Nesta primeira viagem andou pelos fronts de França, Bélgica e Holanda. No ano seguinte acompanhou a carnificina nos Bálcãs e escreveu: "Aqui estão as nações a se lançar aos pescoços uma das outras, como cães, e a arte, a indústria, o comércio, a liberdade individual, a própria vida são taxadas para sustentar a monstruosa máquina da morte."

De volta aos Estados Unidos se engaja na campanha contra a entrada do seu país na guerra capitalista. Foi testemunha de defesa dos intelectuais anarquistas Emma Goldman e Alexander Berkman, processados e condenados por se oporem à guerra e numa audiência no Congresso Nacional, declarou solenemente: "Eu não acredito nessa guerra.

Eu não serviria nela." Por isto, em fevereiro de 1917, saudou efusivamente a notícia de que, na longínqua Rússia, os trabalhadores contra a guerra tinham derrubado o czar. E escreveu: "Finalmente toda uma população se nega a continuar a carnificina e se voltou contra a classe dominante."

DIAS DE REVOLUÇÃO

Acompanhado de Louisie Bryant, escritora e sua companheira, Reed desembarca em Petrogrado em setembro de 1917. A partir daí, acompanha passo a passo a marcha da Revolução. Da sua experiência concreta e

da convivência com todos os atores do drama – tanto famosos, como desconhecidos – extrai os elementos para escrever a obra que lhe granjeou reconhecimento mundial: Os dez dias que abala-

ram o mundo.

No livro, Reed arrasta os leitores por assembleias e comícios em que os bolcheviques, em defesa das consignas de Paz, Pão, Terra, se opõem ao Governo Provisório de Kerensky, e combatem as correntes colaboracionistas, conquistando os corações dos trabalhadores. De forma vibrante, narra discursos, entrevista dirigentes, ouve comentários de operários e soldados, revela as opiniões dos inimigos da Revolução e retrata o ambiente das ruas num relato apaixonado e esclarecedor. Sua narrativa não esconde a cumplicidade ativa com os partidários de Lenin, porém em nenhum momento seu texto resva-

la para a adulação. Para ele, o grande protagonista é o povo russo e o grande mérito dos bolcheviques foi exatamente "compreender as aspirações elementares e rudes dos soldados e operários e, levando-as em conta, elaborar o seu programa".

Não por acaso o último capítulo do livro é exatamente sobre o II Congresso Pan-Russo dos Sovietes Camponeses, no qual os trabalhadores do campo e da cidade selam a aliança que garante a revolução.

Os Dez dias que abalaram o mundo é uma obra comovente e inspiradora. No prefácio da primeira edição russa, Nadezhda Krupskaya, dirigente do Comitê Central e esposa de Lenin escreveu: "Não se trata de uma simples enunciação de fatos, de uma coleção de documentos, mas de cenas vivas, tão típicas que não podem deixar de evocar no espírito de todas as testemunhas da Revolução aquelas cenas idênticas a que todos assistiram. Todos estes quadros tomados ao vivo traduzem, da melhor forma possível, o modo de sentir das massas e permitem apanhar o verdadeiro sentido dos diferentes atos da grande revolução."

Em 1920, pouco depois da publicação do livro, John Reed morreu de tifo, em Moscou, onde se encontrava, como delegado do Partido Comunista Operário dos Estados Unidos ao I Congresso da Internacional Comunista. Seu livro inspirou o cineasta S. M. Eisenstein a realizar o filme *Outubro*, considerado um clássico da cinematografia mundial. Sua vida e a de Louisie Bryant foram levadas às telas por Warren Beatty, em *Reds*, que conquistou três Oscars de Hollywood. Mas a melhor definição deste bravo jornalista continua sendo a de Krupskaya: "John Reed não foi um observador indiferente. Revolucionário na alma, comunista, ele compreendeu o sentido da grande luta. Daí sua aguda visão, sem a qual lhe teria sido impossível escrever um livro como este." (L.A.D.C.)



As guerras civis na Rússia e o socialismo autoritário



Daniel Aarão Reis

O presente artigo tem dois objetivos: mostrar que existiram várias guerras civis na Rússia após a insurreição de outubro de 1917 e sustentar que, durante estes conflitos, houve uma *revolução na revolução*, de onde surgiu um modelo imprevisto de socialismo – o socialismo autoritário.

A revolução de fevereiro de 1917, derrubando a autocracia czarista, suscitou o aparecimento de *múltiplos poderes*, exercidos por organizações populares dispostas em rede, e que não aceitavam hierarquias de qualquer natureza: soviets (conselhos) de operários e soldados, comitês agrários e de soldados, comitês de fábricas e de

bairros, milícias armadas (guardas vermelhas), sindicatos, assembleias e associações de várias origens, numa efervescência política singular, que fez da Rússia “o país mais livre do mundo”.

Esta rede de organizações expressou interesses populares resumidos em cinco reivindicações: fim da guerra; revolução agrária; controle operário das indústrias; abastecimento das cidades e dos campos; independência para os povos não-russos.

Como a queda do czar não levou ao atendimento de tais demandas, os movimentos sociais radicalizaram-se, beneficiando os partidos que propunham a transferência de todo o poder aos soviets: os bolcheviques, os socialistas revolucio-

nários de esquerda e outros grupos menores.

A insurreição de outubro resultou deste contexto. É verdade que ela foi premeditada pelos bolcheviques, evidenciando uma orientação golpista, pois não foi previamente aprovada pelo congresso dos soviets. Entretanto, obteve maciço apoio, pois os decretos revolucionários atenderam incondicionalmente às pressões das maiorias. Formou-se uma grande aliança social, dando amplo respaldo à revolução e é isto que explica seu caráter fulminante – “Mais fácil do que levantar uma pluma” (Lenin) – e também os acontecimentos de outubro a fevereiro de 1918, quando a autoridade do governo revolucionário estendeu-se ao conjunto do ex-império

russo, excetuadas as regiões ocidentais ocupadas pelos alemães.

Entretanto, a revolução suscitou inimigos irredutíveis: as classes proprietárias, as elites sociais e as potências capitalistas. Estes cedo se organizariam em torno da *bandeira branca* da contrarrevolução, uma primeira guerra civil, de *brancos versus vermelhos*.

Os exércitos alemães foram o primeiro ponto de apoio da contrarrevolução, sobretudo depois da paz de Brest-Litowski, de 3 de março de 1918. Eles tomaram as províncias ocidentais da Rússia e a Ucrânia, apoiando movimentos contra o governo soviético, como as rebeliões dos cossacos no Sul do país. Um exército de 40 mil homens chegou a cerca de 240km de Moscou, antes de ser derrotado. Outro "exército de voluntários", em torno de ex-generais, no Sudeste da Rússia, também recebeu proteção dos alemães, constituindo uma tropa de 35 mil homens.

Enquanto isto, no Norte e no Extremo-Oriente, no Pacífico, desem-

Conversações por um governo socialista plural não prosperaram, gerando ressentimentos. O fechamento da Constituinte (em 6 de janeiro de 1918), onde esses setores (SR e mencheviques) tinham maioria, radicalizaram sua oposição

barcaram tropas estrangeiras de diferentes nacionalidades: estadunidenses, inglesas e japonesas.

Ainda no ano de 1918, forças socialistas promoveriam uma segunda guerra civil: *vermelhos versus vermelhos*. Desde Outubro, socialistas revolucionários de direita, mencheviques e outros grupos denunciaram o "golpe" da insurreição, retirando-se do II Congresso dos Sovietes. Conversações por um governo socialista plural não prosperaram, gerando ressentimentos. O fechamento da Assembleia Constituinte (em 6 de janeiro de 1918), onde esses setores tinham maioria, radicalizaram sua oposição.

Críticas de esquerda à criação de uma nova polícia política, a um exército vermelho hierarquizado e à subordinação dos soviets urbanos e dos comitês agrários ao Estado denunciavam a "ditadura bolchevique". Após a paz de Brest-Litowski, os socialistas-revolucionários de esquerda saíram do governo. Pouco depois, em virtude de uma nova política agrária, ado-

FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO



Letônia 1918: mulheres se juntam ao Exército Vermelho



tada em maio e junho de 1918, autorizando requisições violentas de cereais, eles passaram a conclamar a derrubada violenta do governo revolucionário.

Em junho, os socialistas-revolucionários tomaram a cidade de Samara, no Volga, de onde se estenderiam para o Norte. Formaram um governo alternativo, o Komuch, invocando a legitimidade da Assembleia Constituinte.

Em julho tentaram um golpe de estado em Moscou, derrotado. Em fins de agosto, uma militante socialista-revolucionária quase matou Lenin, deixando-o ferido. Iniciou-se, então, o *terror vermelho*, o que facilitou amálgamas entre opositores moderados e radicais.

Para vencer os SRs, o Exército Vermelho desencadeou uma campanha militar no Volga. A muito custo, até novembro, retomou as cidades do grande rio. Foi convocada, então, uma conferência de Estado, em setembro, que formou um governo, em Omsk, na Sibéria Ocidental, reunindo direitas e esquerdas. Teve vida curta, tendo sido detonado por um golpe militar sob a liderança do almirante Koltchak, apoiado pelos ingleses.

Numa outra frente, uma *terceira guerra civil* oporia os *vermelhos* às *nações não-russas*. É que os bolcheviques não reconheceram na prática o direito à secessão, a menos que fosse exercido por sovietes operários. Ora, estes só existiam nas cidades. E na maioria das nações não-russas grande parte da população urbana era de origem russa, não desejando separar-se da "mãe-pátria". Assim, na primavera de 1918, antes mesmo do acordo de Brest-Litowski, os bolcheviques in-

vadiram a Ucrânia, pondo fim à República Popular existente naquele país, formada por políticos de esquerda. Cedo os alemães os expulsariam, mas o episódio revelou que os bolcheviques não reconhece-

riam, quando e onde pudessem, o direito à independência dos povos não-russos.

Assim, em 1918 desenharam-se três guerras civis: *vermelhos versus brancos*; *vermelhos versus vermelhos*; e *vermelhos versus nações não-russas*.

Em fins deste ano, porém, o encerramento da Primeira Guerra Mundial ensejou uma reviravolta. A revolução social na Alemanha reabriu a esperança de uma revolução internacional. Além disso, a retirada do exército germânico retirou o apoio às tropas brancas e aos nacionalistas de direita. Mas se criaram também condições para uma ampliação da intervenção dos vencedores da guerra: a Inglaterra, os Estados Unidos e França.

O ano de 1919 seria o mais difícil para o governo revolucionário.

As expectativas de uma revolução europeia não se realizaram. Na Alemanha prevaleceu o reformismo, escorado na Constituição de Weimar, uma das mais progressistas do mundo de então. A extrema-esquerda, organizada no Partido Comunista Alemão, foi quase aniquilada. Na Hungria, a revolução social sustentou-se apenas entre março e agosto. Houve movimentos radicais em várias partes da Eu-

Em fins deste ano [1918], porém, o encerramento da I Guerra Mundial ensejou uma reviravolta. A revolução social na Alemanha reabriu a esperança de uma revolução internacional. E a retirada do exército germânico retirou o apoio às tropas brancas





ropa, mas não novas revoluções.

Os prognósticos otimistas da Internacional Comunista, fundada em março de 1919, não vingaram. A Rússia revolucionária estava isolada.

No Sul e na Sibéria, formaram-se dois exércitos brancos, apoiados logisticamente (armas e tanques) pela Inglaterra, retomando a guerra entre vermelhos e brancos.

Tais ofensivas, contudo, embora em certo momento ameaçassem Moscou, foram derrotadas pelo Exército Vermelho, que se transformara num poderoso e organizado instrumento militar.

No Ocidente, outro exército branco, apoiado por franceses e ingleses, chegou a 30km de Petrogrado em outubro de 1919, mas foi vencido por uma contraofensiva dos vermelhos.

Entre abril e outubro de 1920,

houve uma campanha militar suplementar. O governo polonês, incentivado pelos franceses, invadiu a Ucrânia com o objetivo de refundar uma "grande Polônia". Mas o Exército Vermelho, numa contraofensiva fulminante, chegou a ameaçar Varsóvia. Os movimentos revolucionários europeus seriam reativados? A hipótese não se confirmou e a paz de Riga, em 1921, selou o fim das guerras civis.

Em 1919 e 1920, a polarização entre vermelhos e vermelhos perdeu relevância, mas houve ainda alguns episódios importantes, como a ação do exército negro, de orientação anarquista, liderado por N. Makhno, esmagado pelos vermelhos na Ucrânia. Houve também insurreições camponesas, de caráter local ou regional, incentivadas por socialistas revolucionários, mas sem maiores consequências. As alternativas socialistas não bolchevi-

ques, imprensadas entre vermelhos e brancos, não se consolidaram em parte alguma.

Já a questão nacional permaneceu acesa. Em começos de 1919, aproveitando-se da retirada alemã, os bolcheviques tentaram, onde puderam, retomar posições. Na Finlândia e na Polônia não foi possível reverter a independência conquistada. Organizou-se, porém, uma república soviética na Letônia, mas que durou pouco. Na Ucrânia, na primavera de 1919, os soviéticos voltaram a derrubar um governo nacionalista de esquerda, recém constituído em Kiev. A situação, entretanto, ficou instável e só seria normalizada em meados do



1919, trem blindado das tropas brancas que participou da tentativa de cerco a Moscou

ano. No Cáucaso, na Ásia Central e na Sibéria, os bolcheviques retomaram o controle político e militar, mas aplicando políticas mais flexíveis, reconhecendo alguns direitos nacionais, excluía a hipótese da secessão.

Em 1921, o governo revolucionário assumira, contra todos os prognósticos, o controle da maior parte do território do ex-império russo.

Como explicar e interpretar o fenômeno?

Os bolcheviques tiveram vantagens geográficas, demográficas, econômicas e militares. Nos momentos mais críticos, mantiveram o controle das zonas mais desenvolvidas economicamente, com arsenais e fábricas de armas e rede de estradas de ferro e de rodagem. Combateram sempre em *linhas interiores*, ou seja, locomoviam tropas e materiais de um front para o outro com rapidez. O tamanho da população foi outro importante aspecto: os bolcheviques governavam cerca de 60 milhões de pessoas, o que lhes proporcionou massa crítica para recrutamento e organização de combatentes para a guerra: em 1919, o Exército Vermelho dispunha de cerca de 700 mil homens em armas.

O aspecto político tampouco pode ser negligenciado.

Se se considerar a eleição para a Assembleia Constituinte, em 12 de novembro de 1917, cerca de 70% dos votos foram dados aos dois maiores partidos socialistas, so-

[Nas guerras civis] o crescimento do Exército Vermelho não pode ser analisado apenas do ângulo organizativo. Havia respaldo político e social nas regiões controladas pelos bolcheviques

cialistas-revolucionários (40%) e bolcheviques (27%). Assim, quase 80% dos eleitores escolheram partidos identificados com a revolução agrária. Nas regiões em que governavam, os bolcheviques dispunham de muito mais apoio do que os inimigos nas respectivas áreas de atuação. Em Petrogrado e em Moscou, tiveram 45% e 50% do votos, respectivamente. Todas as oito províncias em que obtiveram mais de 50% dos votos estavam sob seu controle. Entre os cinco milhões de militares que votaram, os bolcheviques e SRs receberam mais votos. Nas guarnições militares de Petrogrado e Moscou, os bolcheviques tiveram 80% dos votos e índices acima de 60% dos votos nos exércitos do Norte, do Oeste e na Frota do Mar Báltico. Assim, o crescimento do Exército Vermelho não pode ser analisado apenas do ângulo organizativo. Havia respaldo político e social nas regiões controladas pelos bolcheviques.

Feita a ressalva, não se podem menosprezar os efeitos da política de organização. Os próprios "brancos" reconheceriam, desde fins de 1918, que estavam combatendo um exército temível. A política centralista e o apoio de milhares de oficiais do ex-exército



Vasily Chapayev, herói da Guerra Civil, teve música composta e filme feito em sua homenagem

czarista rendia vitórias, apesar das críticas de muitos bolcheviques. O mesmo se pode dizer da centralização do poder e do partido, fundidos no decorrer das guerras civis. Com a Tcheka, a polícia política, e o *terror vermelho*, estruturaram uma ditadura política revolucionária que desempenhou papel relevante na construção da vitória.

É certo que políticas agrárias antipopulares fizeram o apoio político periclitarem. O mesmo pode ser dito do encaminhamento da questão nacional, mas nas regiões não-russas, salvo nas cidades, os bolcheviques nunca tiveram boa acolhida. Entretanto, vale lembrar que mostraram um nível de flexibilidade bem maior do que seus inimigos. Assim, os decretos anticamponeses de maio e junho de 1918 seriam revogados antes do fim do ano. Também em relação à questão nacional, a partir de meados de 1919 haveria um reconhecimento de graus importantes de autonomia local e regional.

Em contraste, os inimigos dos bolcheviques nunca chegaram perto da unidade, salvo no efêmero episódio do governo de frente sediado em Omsk, golpeado por Kolchak, em novembro de 1918. Mesmo os exércitos brancos nunca se articularam. Para isso, sem dúvida, contribuíram as distâncias imensas e o combate em linhas exteriores. Mas havia igualmente dissensões e rivalidades políticas. Além dis-

so, as propostas dos brancos eram muito impopulares. O programa da Rússia una e indivisível e a orientação “restauradora” não podiam atrair as consciências populares nem a aspiração à independência nacional dos não-russos. Por outro lado, o apoio das potências estrangeiras, embora rendesse armamentos e munições, os faziam aparecer como “títeres” de outros Estados, o que ofendia os sentimentos nacionalistas russos.

Das guerras civis, a Rússia emergiu arrasada.

Houve uma catástrofe humana: cerca de sete milhões de mortos. No inverno de 1921/1922, as epidemias vitimariam ainda quase cinco milhões de pessoas. E ainda cerca de dois milhões emigraram, quase todos vinculados às elites sociais. Fariam falta na organização da sociedade e do Estado.

As cidades se esvaziaram. Moscou perdeu metade dos habitantes. Petrogrado, dois terços da população. A economia, em certos

setores, retroagiu a padrões do século XVIII. A produção industrial reduziu-se a 12% dos índices de 1913. A parte comercializada da produção agrícola diminuiu em torno de 90%.

No contexto de uma inaudita “brutalização das relações sociais”, fruto do exercício sem limites do terror vermelho e do terror branco, emergiu um regime de ditadura revolucionária, muito distante da democracia de 1917, que fizera da Rússia o país “mais livre do mundo”. Uma revolução na revolução, a emergência de um socialismo autoritário, imprevisto e não desejado pelos socialistas de todo o mundo, inclusive por muitas lideranças bolcheviques.

Uma outra Rússia revolucionária.

Seus padrões desenhariam a fisionomia do socialismo do século XX.



Daniel Aarão Reis é professor titular de História da Universidade Federal Fluminense (UFF).



FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO

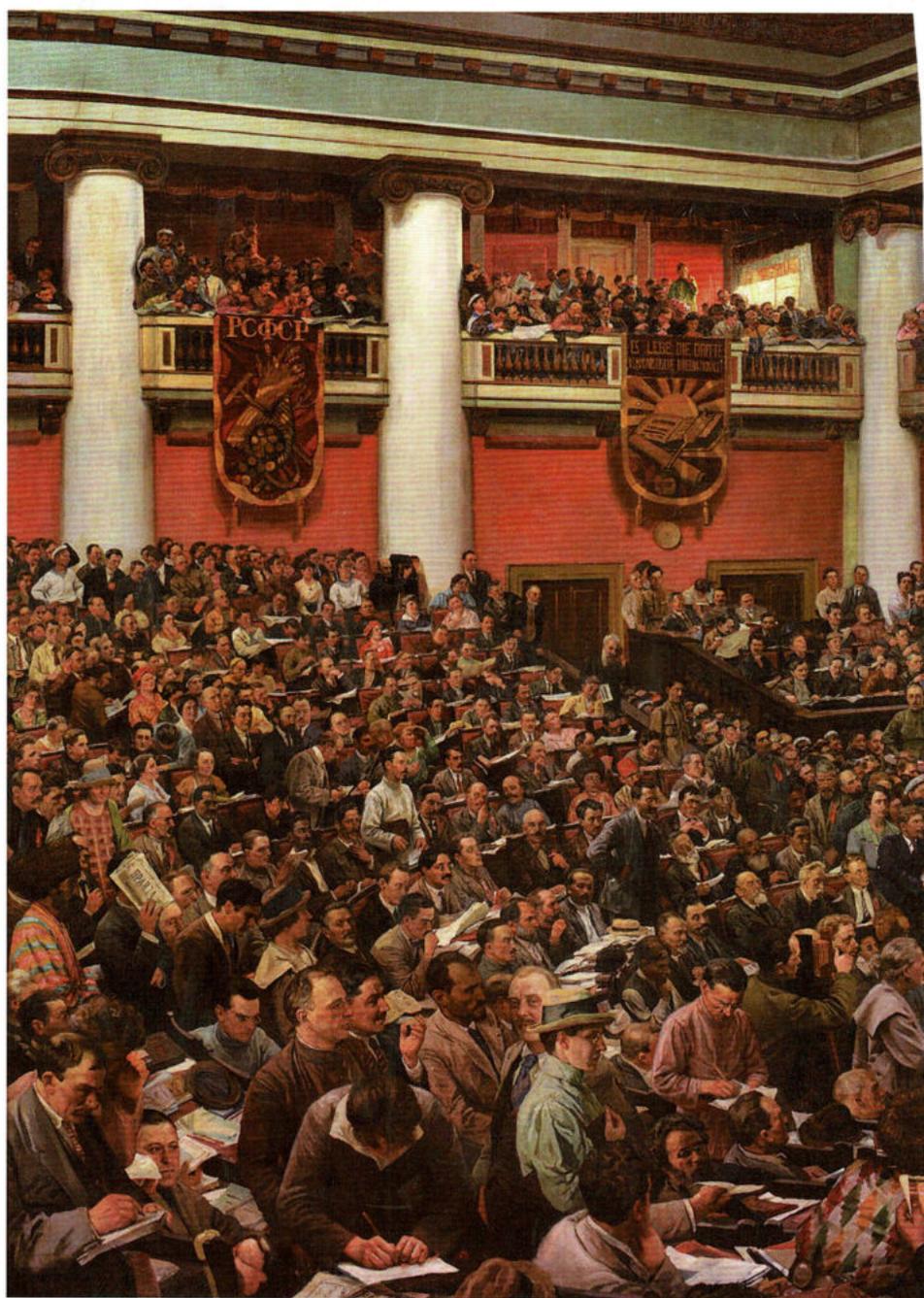
Entrada do Exército Vermelho em Kazan, rumo aos combates no Sul da Rússia (1918)

OS PRIMÓRDIOS DA INTERNACIONAL

Rejane Carolina Hoeveler

Quando as burguesias européias colocam milhões de trabalhadores a se matarem uns aos outros, em 1914, quase todos os partidos socialistas empunham junto a elas a bandeira da “união sagrada” contra o inimigo nacional. Na Alemanha, lar do gigantesco SPD (Partido Social-Democrata Alemão), o partido modelo da Segunda Internacional fundada em 1889, é uma minoria exígua que se posiciona contra a escalada belicosa. No dia 4 de agosto de 1914, com as honrosas exceções de Karl Liebknecht e Otto Ruhle, todos os deputados social-democratas votam a favor dos créditos de guerra no Parlamento alemão. “Desde 4 de agosto”, afirmaria Rosa Luxemburgo, “a social democracia alemã é um cadáver putrefato”. Na mesma torrente social-patriota embarca a grossa parte dos partidos operários europeus; e à velha divisão no movimento socialista entre reformistas e revolucionários corresponde, agora, a divisão entre chauvinistas e internacionalistas.

Ainda em agosto de 1914, Lenin escreve uma proposta ao Comitê Central do Partido Operário Social-Democrata (bolchevique) propondo uma nova Internacional. Intitulado *O socialismo e a guerra*, o texto afirmava que era preciso desde logo preparar a cisão com os “partidos oportunistas”, isto é, aqueles que capitularam ao belicismo burguês.



No mesmo mês, Leon Trotski publicava, na Suíça, *A Internacional e a guerra*, brochura escrita “tendo em mente a idéia da nova Internacional, que deve nascer do cataclismo mundial atual”. Se a Segunda Internacional estava condenando os trabalhadores à morte nas trincheiras, era hora de sepultá-la.

Mas em setembro de 1915, em uma conferência de socialistas contrários à guerra realizada no

vilarejo de Zimmerwald, na Suíça, ficou claro que a idéia de fundar uma nova Internacional ainda era muito incerta. A maioria dos delegados pôs-se contra a ruptura com a Segunda, e somente o pequeno grupo de Lenin defendeu a fundação imediata de uma nova. Ainda assim, a chamada “Internacional de Zimmerwald”, como ficou conhecida, bem como o “Comitê para a Retomada das Relações Internacio-

COMUNISTA



FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO

Obra de Isaak Brodsky, retrata o II Congresso do Komintern

nais”, montado na França por um grupo heterogêneo de militantes da esquerda da Segunda, seriam os primeiros passos em direção a uma nova organização mundial dos revolucionários.

Curiosamente, foi dentro dos campos de prisioneiros de guerra na Rússia que se formaram os embriões de diversos futuros partidos comunistas. Através da organização de “seções estrangeiras” do Partido

Bolchevique, dezenas de húngaros, sérvios, croatas, tchecoslovacos, búlgaros e turcos aderem às idéias revolucionárias e ao comunismo. Bella Kun, futuro dirigente da fracassada revolução húngara, e Josip Broz, o Tito, futuro dirigente comunista iugoslavo, talvez sejam os nomes mais conhecidos entre eles. A própria guerra burguesa, assim, ajudou a internacionalizar a revolução que conquistaria o poder na

Rússia em Outubro de 1917 - vitória que germinaria o “partido mundial da revolução”, 17 meses depois.

As burguesias européias unem-se para derrubar o governo revolucionário e para impedir, a qualquer custo, que a insurreição se alastre. Tem início uma guerra civil na Rússia. A necessidade de defender a revolução soviética contra seus inimigos era tarefa obrigatória dos revolucionários em qualquer lugar do

mundo; e os russos, por sua vez, sabiam que a internacionalização da revolução era sua única salvação. A questão da Internacional estava na ordem do dia.

Em dezembro de 1918, decidiu-se pela convocação de uma conferência socialista internacional para janeiro do ano seguinte. Em 24 de janeiro de 1919, a emissora de rádio do governo soviético anunciava uma convocatória, redigida por Trotski, de “uma nova internacional revolucionária”. Em meio à guerra civil na Rússia e à repressão na Europa, a reunião tem lugar em Petrogrado, transcorrendo entre 2 e 6 de março de 1919.

Dois meses antes, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht haviam sido assassinados nas sangrentas jornadas de janeiro de Berlim, com a cumplicidade dos chefes social-democratas. Seria uma ausência muito sentida no debate fundacional da nova Internacional, pois, tendo conhecimento das enormes debilidades do recém fundado Partido Comunista

A necessidade de defender a revolução soviética contra seus inimigos era tarefa obrigatória dos revolucionários em qualquer lugar do mundo; e os russos, por sua vez, sabiam que a internacionalização da revolução era sua única salvação. A questão da Internacional estava na ordem do dia

Alemão (KPD), Rosa se colocava contrária à fundação de uma nova Internacional tendo como única base larga o partido russo. Porém, a divergência acerca do momento da fundação era secundária diante da total comunhão de pontos de vista nas questões de fundo: a estratégia revolucionária e o projeto de sociedade (a democracia dos conselhos).

O caráter improvisado da conferência de 1919 foi tal que esta já havia terminado há uma semana quando os destinatários canadenses recebem o convite de Moscou. A preponderância russa era inquestionável, a representatividade dos delegados, baixíssima, e os poucos partidos comunistas com existência própria, àquela altura, eram frágeis.

De toda forma, estava fundada a Internacional Comunista – ou *Komintern*, em seu acrônimo russo. E a ela se dirigiram as esperanças de milhões de trabalhadores conforme a vaga revolucionária se aprofundava ao longo de 1919. O poder de atração da revolução dos

Delegados do I Congresso da Internacional Comunista em Moscou, em 2 de março de 1919



FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO

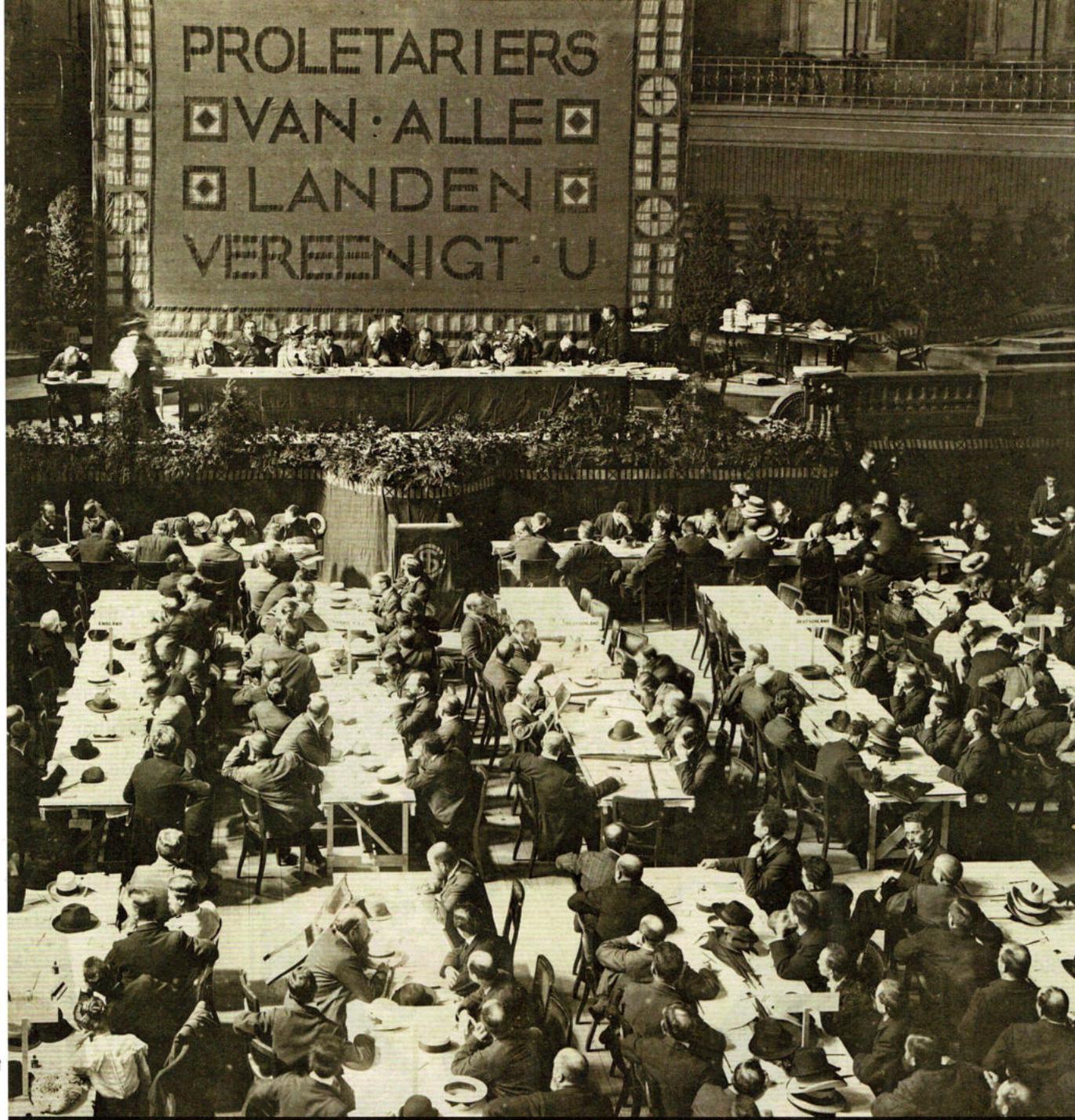


FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO

Congresso da II Internacional Comunista em Amsterdan, (1904). Rosa Luxemburgo é a terceira da esquerda pra direita na mesa

soviets foi tal que obrigou diversos setores reformistas a se aproximarem da Internacional Comunista, o que vai se refletir claramente nos debates de seu segundo Congresso, chamado pelo historiador Pierre Broué como “o congresso das grandes esperanças”.

Este já se configura de maneira totalmente diferente daquela reunião fundacional de 1919: reunindo 217 delegados de 37 países e 67 organizações, tinha indiscutível representatividade. O material de recepção distribuído aos delegados que chegaram a Moscou no verão de 1920 incluía relatórios nacionais, projetos de resolução, um livro de Trotski contra Kautsky, *Ter-*

rorismo e Comunismo, e um livro de Lenin: *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. Preocupado com o crescimento de uma tendência ultra-esquerdista em diversos partidos, Lenin utilizava exemplos da história da Revolução Russa para condenar a recusa em disputar os sindicatos reformistas, bastante forte entre comunistas alemães e americanos, e para criticar o abstencionismo eleitoral defendido por diferentes quadros importantes do comunismo internacional, como o italiano Amadeo Bordiga ou a inglesa Sylvia Pankhurst, militante feminista e uma das fundadoras do comunismo na Inglaterra.

A intervenção do jornalista ame-

ricano John Reed, o grande cronista da revolução russa, constituiu um momento singular no segundo Congresso. Reed dedicou sua fala a uma análise detalhada da situação dos trabalhadores negros nos Estados Unidos. Descreveu o sistema de discriminação conhecido como “Jim Crow”; falou sobre a exclusão dos operários negros da AFL (*American Federation of Labour*); a história da luta por direitos políticos desde a Guerra Civil; as iniciativas capitalistas de disciplinarização dos trabalhadores negros; e informou sobre as valorosas iniciativas desses trabalhadores negros socialistas, como o jornal *Messenger*, que, segundo Reed, unia a propaganda socialista

com o chamado à consciência racial dos negros e com o chamado a organizar a auto-defesa contra os brutais ataques dos brancos da extrema-direita racista. Ele encerrou sua intervenção afirmando categoricamente que “os comunistas não devem se colocar à margem do movimento negro que reivindica, no momento, sua igualdade política e social, ao mesmo tempo que desenvolve entre os negros, rapidamente, a consciência racial.”

Nesse congresso também se afirma a imprescindibilidade das organizações de juventude e de mulheres, a serem dirigidas por quadros experimentados do movimento comunista e com recursos da Internacional. Em seguida à intervenção de Reed, o delegado americano Louis Fraina falaria sobre a especificidade dos trabalhadores imigrantes nos países centrais, classificando como colonialismo o controle econômico e político exercido pelos Estados Unidos na América Latina.

Mas o debate mais importante sobre a questão nacional e colonial foi trazido pelo delegado indiano M.N. Roy e por Lenin. As teses apresentadas pelo último e emendadas por Roy sublinhavam que os comunistas deviam apoiar os movimentos “nacional-revolucionários” nas nações oprimidas, mas que estas não

precisariam passar por uma fase de desenvolvimento capitalista antes que pudessem ter condições de derubá-lo.

Certamente, a relevância da intervenção de Roy na questão colonial não era proporcional à sua base de representação (o Partido Comunista Indiano só seria fundado meses depois, com sete mem-

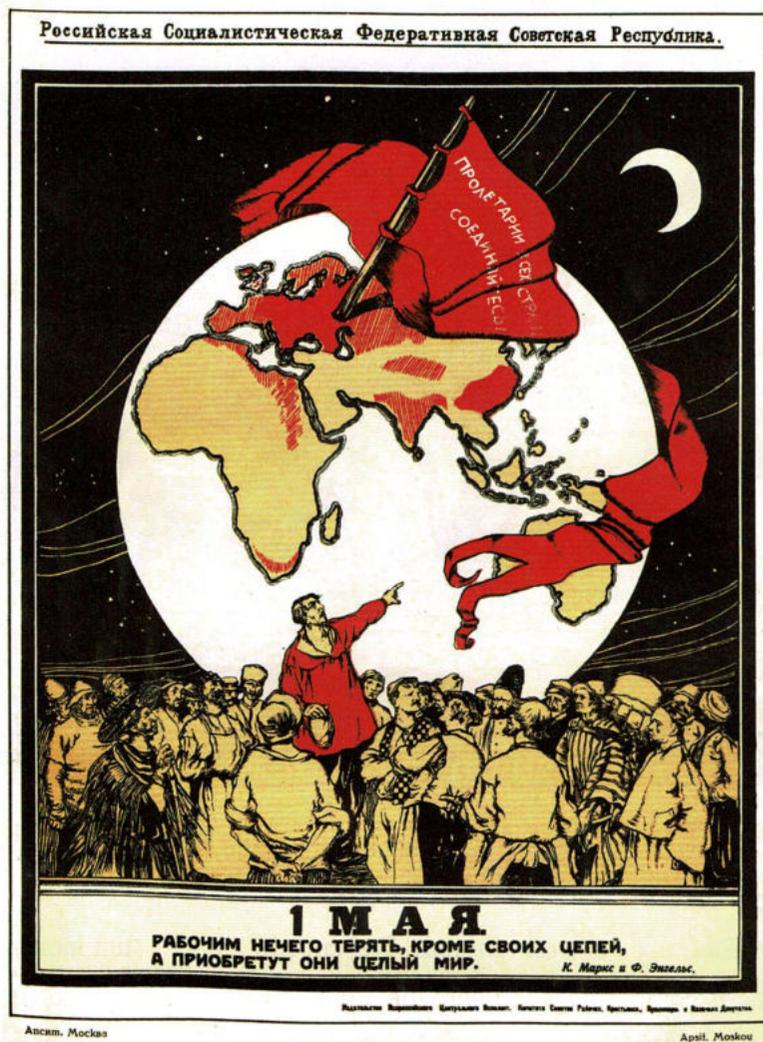
rio, entre a sua fundação e a morte de Lenin (1924), o marxismo da Terceira Internacional é marcado pela enorme atenção atribuída aos debates teóricos; pelo retorno à leitura de Marx e Engels com vistas à investigação de novos problemas; e por uma multiplicidade de centros de elaboração marxistas. Não era casual que diversas figuras de proa

dos grupos dirigentes comunistas fossem teóricos.

Por parte dos dirigentes russos, existia a vontade de compartilhar uma série de métodos, como disciplina organizativa e flexibilidade tática, que foram fundamentais para sua vitória; mas não havia a intenção de prefigurar um modelo abstrato de desenvolvimento histórico da revolução para todos os países. Lenin dizia que sua esperança era que a Rússia deixasse de ser o

“modelo” e se tornasse de novo um país “atrasado”, do ponto de vista soviético, comunista.

A preocupação de expulsar os reformistas da nova Internacional, à luz do balanço da derrota da revolução húngara de 1919 (onde uma aliança dos comunistas com os social-democratas constituiu um dos ingredientes para o desastre), foi o motivo central para a aprovação das famosas “21 condições” de admissão para os partidos que desejassem



bros, chegando ao total de 13 no final do ano). Mas no sistema de voz e voto adotado no congresso, não eram os partidos mais numerosos que tinham necessariamente mais peso. Isso, somado à seriedade do tratamento teórico dado ao tema do imperialismo, ajudou a garantir debates de alta qualidade.

Nos primeiros anos da Internacional, não existia o rígido “marxismo-leninismo” pelo qual ficaria conhecida a *Komintern*. Ao contrá-

ingressar na Komintern, aprovadas no segundo Congresso.

A aceitação das condições foi, em muitos casos, negociada e, em outros, rejeitada. Ainda assim, a adesão ou a criação de partidos vinculados à Terceira Internacional contou-se às dezenas. A Internacional, por sua autonomia em relação aos partidos e grupos nacionais, conseguia equilibrar conflitos e resolver problemas antigos, como o do sectarismo dos grupos estadunidenses, que nunca conseguiam se juntar.

Entretanto, nem só de acertos viveria a relação da Internacional com suas seções, como demonstrariam as desastrosas intervenções dos emissários do Executivo (principalmente Karl Radek e Bella Kun) nos partidos alemão, francês e italiano. Em diversos episódios, Paul Levi, o ex-advogado de Rosa, e Clara Zetkin, a prestigiada dirigente do movimento de mulheres comunistas, batalharam duramente tanto contra

o esquerdismo como contra o chamado “putchismo” (a tentativa de tomar o poder sem estabelecer uma maioria nas instâncias proletárias). E, nesse ínterim, trouxeram à tona uma questão latente: seria o tipo de revolução (e, portanto, de partido e de método), nos países ocidentais democráticos, o mesmo da Rússia atrasada e autocrática?¹

O fato é que os balanços sobre as intervenções desastrosas da Komintern não foram feitos até o fim, culminando na ratificação de Lenin à ignóbil exclusão de Paul Levi da direção do Partido Comunista Alemão, e no cerceamento do debate público sobre o tema. Mas o problema de fundo, conforme constatou o próprio Lenin ainda no final de 1920,

As vicissitudes da revolução na Rússia, junto com o processo de burocratização que se impôs, principalmente a partir da ascensão de Stalin, levaram a III Internacional a ficar cada vez mais sujeita aos ditames das necessidades diplomáticas de uma isolada URSS

era que o período de ascensão revolucionária havia se esgotado. No III Congresso da Internacional, em junho/julho de 1921, o relatório sobre a situação mundial redigido por Trotski e Varga afirmava: “Em 1919, nós dizíamos [sobre a revolução]: ‘É uma questão de meses’. Hoje, nós dizemos: é uma questão de anos”. Era preciso reunir forças e adotar as táticas compatíveis, como a da frente única de todas as organizações operárias, para lutar por melhores

condições de vida.

A Internacional Comunista, cujas raízes remontam à solidariedade entre os trabalhadores do mundo e à luta contra a guerra imperialista, foi parida da primeira revolução proletária vitoriosa com a genuína convicção de que esta não poderia confinar-se aos limites nacionais russos. As vicissitudes da revolução na Rússia, junto com o processo de burocratização que se impôs principalmente a partir da ascensão de Stalin, levaram a Terceira Internacional a ficar cada vez mais sujeita aos ditames das necessidades diplomáticas de uma isolada URSS. A partir da segunda metade dos anos 1920, e concomitantemente com crescentes problemas de democracia interna, a Internacional Comunista seria responsável por políticas desastrosas tanto no Oriente quanto no Ocidente. E acabaria sendo extinta numa canetada pragmática em 1943.

LEITURAS INDICADAS:

BROUÉ, Pierre. História da Internacional Comunista: a ascensão e a queda (1919-1943). São Paulo: Sundermann, 2007.

AGOSTI, Aldo. “As correntes constitutivas do movimento comunista internacional”; “O mundo da Terceira Internacional: os ‘estados-maiores’”. In HOBBSBAWN, Eric (org.) História do Marxismo. Volume 6. São Paulo: Paz e Terra, 1985.



Rejane Carolina Hoeveler é historiadora e

militante do PSOL.

1 Essa questão seria melhor desenvolvida teoricamente apenas nos anos 1930, por Antonio Gramsci.

Influências da **REVOLUÇÃO** **RUSSA** ^{no} **BRASIL**

FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO



Greve, indústria na
Região do Brás, 1917

Carla Luciana Silva

É muito importante que no momento atual estejamos retomando o tema da influência da Revolução Russa no Brasil. As pesquisas se debruçaram, em linhas muito gerais, sobre duas ordens de questões:

a) a influência no movimento operário, as relações com os movi-

mentos anarquistas e sindicalistas pré-existentes, a construção do socialismo;

b) a influência no campo das ideias, ensejando a disseminação da teoria marxista.

Do ponto de vista da organização da classe trabalhadora, podemos apontar algumas questões de interesse: 1) a possibilidade da construção do poder da classe tra-

balhadora por meio de uma revolução dos trabalhadores. 2) a organização e a centralização da classe em mecanismos organizativos: os partidos comunistas, e a partir da III Internacional, a existência de um órgão centralizador das formas da revolução da classe trabalhadora do mundo. Inicialmente operária e camponesa, ao longo das décadas seguintes, essa clas-

se seria ampliada, e a questão do combate contra a burguesia passaria de questão central a secundária, e finalmente descartável, com a imposição de leituras que buscavam a aliança com a burguesia progressista.

O historiador Frederico Bartz mostra que a classe operária tinha interesse no tema da revolução, mas que sua forma de buscar informação não era a imprensa burguesa. Desde lá estava colocada a parcialidade da imprensa burguesa e a necessidade de construção de uma imprensa da classe trabalhadora: “Uma das principais preocupações dos operários que escreviam nos periódicos operários era informar corretamente sobre o que ocorria dentro da Rússia, devido às notícias desencontradas que se tinha do país e à maneira que os ‘jornais burgueses’ apresentavam o que estava acontecendo no território controlados pelos bolchevistas”.¹ O autor mostra que, já em 1919, havia a preocupação na imprensa operária de trazer fontes internacionais e de fugir dos textos que apenas desqualificavam qualquer comportamento que destoasse da vida burguesa, muito comum na grande imprensa da época.

A questão sobre a “recepção das ideias marxistas” no Brasil esteve colocada por Leandro Konder. Ele percebeu a existência de considerável bibliografia disponível com temas correlatos, seja da Primeira Guerra Mundial, o Mundo dos Soviéticos, e as transformações que

Comício na Praça da Sé, 1917



FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO

Frederico Bartz: “Uma das principais preocupações dos operários que escreviam nos periódicos operários era informar corretamente sobre o que ocorria dentro da Rússia, devido às notícias desencontradas que se tinha do país”

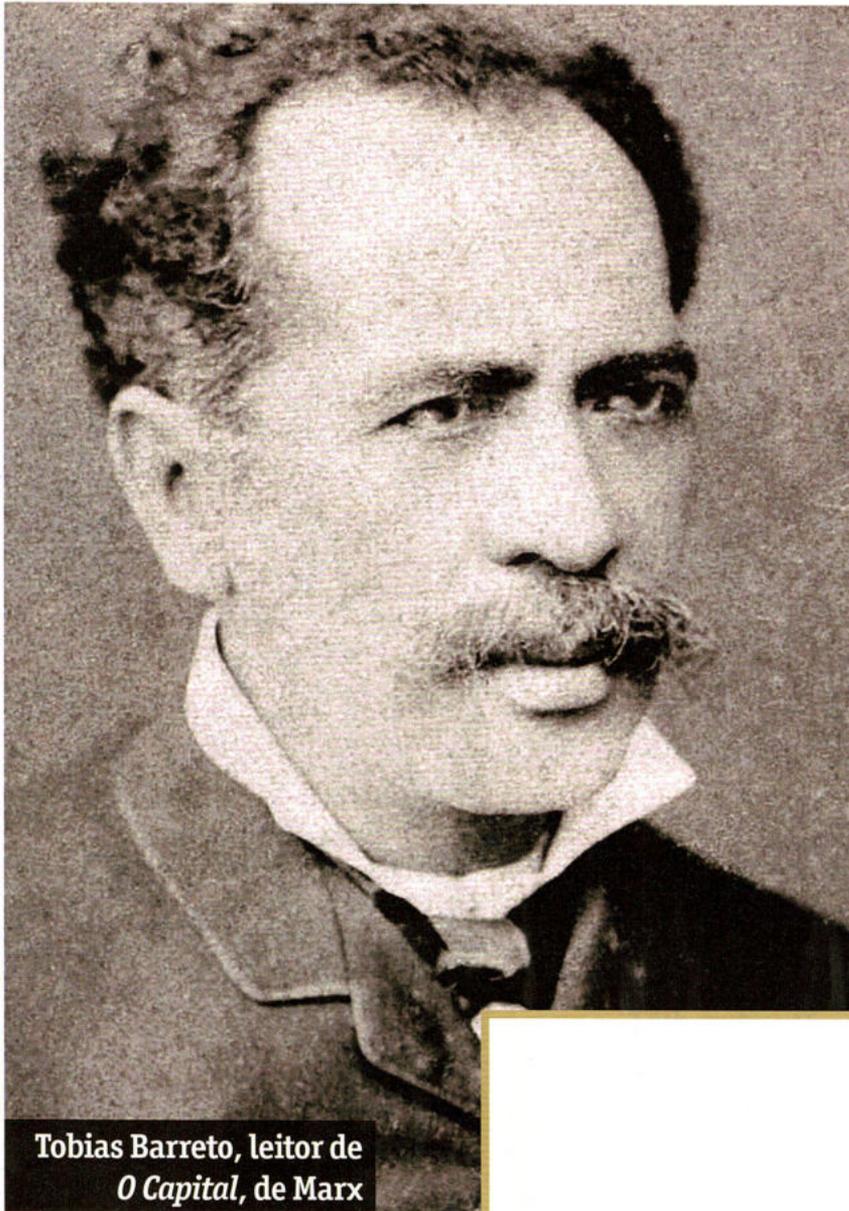
vinham dos conflitos inter imperialistas do início do século XX.² Isso tudo leva ao interesse por literatura, publicações em jornais da grande imprensa e debates políticos em geral.

O fato é que a revolução, apesar da diversidade política da esquerda, passou a ser a grande referência: “Os horrores da guerra e a revolução na Rússia, com as expectativas de difusão pela Europa Centro-Oriental e alhures, estimularam ampla mobilização das massas operárias de todos os quadrantes e a revolta dos povos caídos sob domínio imperialista”³,

1 BARTZ, Frederico Duarte, *o Horizonte Vermelho: o impacto da Revolução Russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920*. Dissertação de Mestrado em História, UFRGS, 2008

2 KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*. RJ, Campus, 1988.

3 DEL ROIO, Marcos. *O impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil*. in: MORAES, J. Q. e REIS Fo. Daniel. História



Tobias Barreto, leitor de *O Capital*, de Marx

quadro este bastante distante da realidade brasileira daquele momento. Mesmo a opção histórica pela restrição da expansão do socialismo irradiada desde a URSS não implicou menor impacto no mundo simbólico e organizativo da classe trabalhadora mundo afora: “Se, por um lado, a revolução socialista tendeu a ficar restrita à própria Rússia, dentro do seu espaço original, por outra parte tendeu a espriar-se por vastas áreas do planeta, ainda que não sob a forma de revolução socialista, ainda que a rebelião operária tenha estado por toda parte”⁴.

do marxismo no Brasil. vl. I. 2ª ed. Campinas, EdUNICAMP, 2003. P. 60

4 Idem, p. 67.

O grande legado da URSS foi a experiência da revolução da classe trabalhadora. Por outro lado, acirrou-se a disseminação de distintas formas de anticomunismo

Muito posteriormente, nos anos 1960, Moniz Bandeira colocou o problema do “ano vermelho”. Segundo ele, “Karl Marx penetrou, no Brasil, pela mão de Tobias Barreto, que leu *O Capital*, em alemão, e o citou muito amiúde em *Questões vigentes*, obra de 1888⁵.” A questão mais relevante, no entanto, seria pensar uma ampla e consistente divulgação da obra de Marx, o que somente ocorreria em meados do século XX. Ampliar o leque de leitores para além do movimento dos trabalhadores organizados e da academia segue sendo um desafio para um projeto de hegemonia de classe.

O grande legado da URSS foi a experiência da revolução da classe trabalhadora. Por outro lado, acirrou-se a disseminação de distintas formas de anticomunismo. Tornando-se o programa comunista hegemônico na esquerda como meio de derrubar o poder burguês, e sendo a URSS a principal referência desse projeto mundial (ainda que sem práticas internacionalistas), os discursos antipopulares, contra a autonomia da classe trabalhadora estariam organizados em torno da ojeriza ao “comunismo”, sem especificações históricas. O discurso anticomunista se construiria em torno de lendas, imaginações e construções fantasiosas que permitiam dar sentido a profundas formas de medo: medo do inimigo desconhecido e a criação de um inimigo a quem devotar medo. Certamente no mundo ocidental o peso das construções ideológicas da Igreja

5 BANDEIRA, Moniz. Et al. *O ano vermelho. A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. RJ, Civilização Brasileira, 1967. P. 8.

Católica em torno do medo e da culpa contribuíram sobremaneira para a ampla aceitação social dessa ideologia. Mas esse amálgama anticomunista não fica restrito ao catolicismo, já que se constitui em torno de uma formação discursiva moral.

A partir de 1959, com a Revolução Cubana, novas luzes e ferramentas são propostas à classe trabalhadora na América Latina. A direita conservadora desloca o foco da URSS para Cuba. Já os Estados Unidos não propõem a Aliança para o Progresso como forma de organizar o controle ideológico nos países latino-americanos, tendo como foco os perigos que Cuba representaria para os mesmos. Neste contexto, se consolidaria a ditadura de 1964 no Brasil e as práticas mudariam, ocorrendo um deslocamento de "inimigo". A URSS perde força em nome da fantasiosa "Ilha de Fidel", de Che Guevara e do foquismo. Influências maoístas jogariam a luta para o campo. A impossibilidade de um único partido da revolução era associada ao medo da guerra de guerrilhas, os "muito Vietnãs" que poderiam vir a crescer nas matas brasileiras.

A esquerda que fez a resistência com a luta armada durante a ditadura, sob as mais distintas vertentes, não teve como ampliar o debate da revolução publicamente naquele momento. A Polop parece ter sido a organização que mais buscou essa discussão sobre o caráter da revolução brasileira. Não por acaso ela foi usada pelos militares como "prova cabal" de que a revolução brasileira estaria sendo gerada antes do AI-5.

A partir de 1959, com a Revolução Cubana, novas luzes e ferramentas são propostas à classe trabalhadora na América Latina. A direita conservadora desloca o foco da URSS para Cuba

A direita brasileira nunca suportou, de nenhuma forma, que a esquerda buscasse a discussão concreta de formas de construção de poder para a classe trabalhadora. Claro que, na clandestinidade, entre os presos e entre os exilados, o debate ficava no campo teórico, embora, legitimamente, acreditassem estar construindo uma forma de revolução brasileira.

Quando finalmente a democracia liberal foi restituída, fruto de imensas lutas populares nos anos 1980, o império soviético começava a desmoronar. O debate veio prenhe de política e a defesa do abandono do horizonte socialista estava marcada na cena intelectual, especialmente na forma da adoção da perspectiva democrática, que para alguns se colocaria no lugar do socialismo. Voltariam ao debate questões sobre as formas da revolução e as opções da/para a classe trabalhadora.

Justamente nesse quartel histórico Paulo S Pinheiro e Michael Hall⁶, em 1979 publicavam uma coletânea de documentos sobre "a classe operária no Brasil". Era um momento mais que oportuno, com a retomada das greves e mobilizações no país. Não há, nesses documentos, um que seja de discussão específica sobre a Revolução Russa e suas influências na classe operária. Há, sim, discussão sobre os anarquistas e a Internacional Comunista (documento de 1922) e sobre o PCB e a IC (1924). O ano de 1917 é marcado pela maior greve geral até então realizada e, segundo os organizadores da obra, a

6 PINHEIRO, P. S., e HALL, Michael. *A classe operária no Brasil*. 1889. 1930. Documentos. SP, Alfa Ômega, 1979.



pauta da greve transcendia à classe operária, “e esse apelo a outras camadas assalariadas ajuda a explicar a força do movimento”. A greve centrou-se na defesa do direito de organização e de leis sociais que assegurassem elementos básicos como “jornada de oito horas e semana inglesa”, “aumento de 50% em todo o trabalho extraordinário”, entre outros itens que exigiam o “direito de associação para os trabalhadores”.⁷ Ano de greves, os documentos levaram à “greve histórica”, e não “à Revolução”.

O livro organizado por Daniel Reis Aarão⁸, que trazia documentos sobre “a revolução brasileira”, ou seja, as organizações clan-

7 Idem, p. 233.

8 REIS Fo. Daniel e SÁ, Jair, (Orgs) *Imagens da Revolução*. Documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961-1971. SP, Expressão Popular, 2006.

É preciso ressaltar que, para além das querelas envolvendo as posições do partido e sua relação com a URSS, a experiência soviética, mais que o “modelo soviético”, seguia sendo um norte, uma prova da luta concreta da classe trabalhadora

destinas de esquerda dos anos 1961-1971, e os distintos relatos de militantes da clandestinidade, mostram que a URSS e sua revolução mantiveram-se presentes como norte decisivo marcadamente no âmbito dos militantes oriundos do Partido Comunista. Exemplos disso seriam Gregório Bezerra e Luiz Carlos Prestes. Mas é preciso ressaltar que, para além das querelas envolvendo as posições do partido e sua relação com a URSS, a experiência soviética, mais que o “modelo soviético”, seguia sendo um norte, uma prova da luta concreta da classe trabalhadora. Entretanto, pouco conhecida. Pouco estudada, teria ela virado um tabu a partir de 1956?

Indubitavelmente, a URSS ocupou um lugar central no anticomunismo brasileiro até o início

FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO



Luiz Carlos Prestes na III Conferência Nacional do PCB, realizada em 1946

dos anos 1960. O golpe de 1964 foi ainda construído sob discursos inflamados do “perigo vermelho”. Padres falavam nas igrejas sobre o avanço de “canhões russos” que iriam transformar o Brasil em uma república comunista. O anticomunismo como herança da URSS é fortíssimo, articulado e totalizante. Mostramos que nos anos 1930 - que consideramos chave na produção de materiais com esse sentido - a vida cotidiana dos brasileiros era colocada em xeque na construção dos relatos do que seria a vida soviética: “o que não se deve ser”, caracterizado pela “onda vermelha” de livros que invadiam as livrarias sobre o assunto.⁹ Um país que não respeita a religião nem os religiosos; um país sem regras morais, onde até as crianças se organizam em sindicatos; um país onde o sonho das mulheres é poder usar meias de lycra,

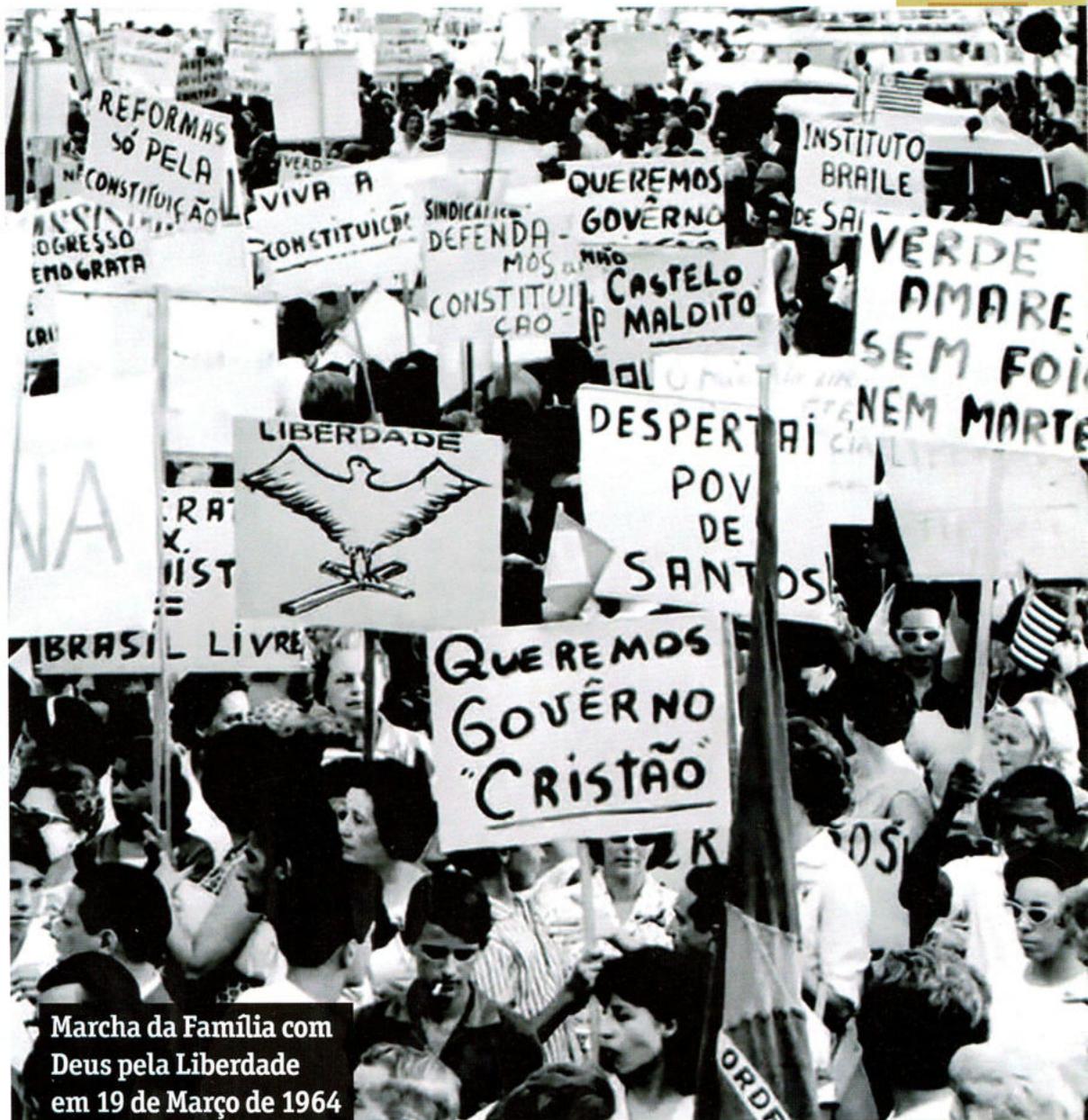
e assim por diante. Essas ideias construídas iam muito mais para o campo da formação de uma moral burguesa do que para o campo de um debate político de fato.

Bethânia Mariani estudou por um largo período de tempo, de 1922 a 1989 as construções discursivas anticomunistas¹⁰. Há uma impressionante mesmice na articulação de valores vinculados aos comunistas, configu-

9 SILVA, Carla. *Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001,

10 MARIANI, Bethânia. *O PCB e a imprensa. Os comunistas no imaginário dos jornais*. RJ, Revan, SP, UNICAMP, 1998.

FOTO: DOMÍNIO PÚBLICO



Marcha da Família com Deus pela Liberdade em 19 de Março de 1964

Indubitavelmente, a URSS ocupou um lugar central no anticomunismo brasileiro até o início dos anos 1960. O golpe de 1964 foi ainda construído sob discursos inflamados do “perigo vermelho”

rando uma formação discursiva anticomunista. Entre eles estão: “perigo vermelho”, “sectários”, “tiranos”, “bandidos”, “subversivos”, etc. Não causa espanto que sejam expressões usadas ao longo dos anos 1960 para caracterizar todos aqueles que faziam a resistência à ditadura. E, infelizmente, não causa estranheza que sejam termos usados na atualidade para caracterizar militantes de esquerda de uma forma geral. Portanto, a atualidade do espectro revolucionário, fruto da luta de classes, é a atualidade da renovação do anticomunismo.



Carla Luciana Silva é doutora em história e professora da Unioeste.

Revista Socialismo e Liberdade

A Revista Socialismo e Liberdade completa um ano de sua nova fase e já temos muito o que comemorar.

Nessa retomada, chegamos aos 50 mil exemplares distribuídos Brasil afora, através de sete edições regulares. Ao todo são mais de 360 páginas com a contribuições de dezenas de autores, convidados a analisar o Brasil e o mundo sobre diferentes panoramas.

